MIRITI

Mauritia flexuosa L. f.

A Pérola do Baixo Tocantins



Antonio Pedro Costa Bastos
Wendell Vilhena de Carvalho
Monyck Jeane dos Santos Lopes
Ely Simone Cajueiro Gurgel



MIRITI

Mauritia flexuosa L. f.

A Pérola do Baixo Tocantins

Realização

LabETNO
Laboratório de Etnobotânica e Botânica Econômica

LEET
Laboratório de Estudos
ETNOBIOLÓGICOS

CAPES

NATURA LABORARE
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA

PREFEITURA DE ABAETETUBA
CUIDANDO DE TODOS

Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas
PPGBot

MUSEU GOELDI

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

GOVERNO DO BRASIL

Presidente da República
Luís Inácio Lula da Silva

Ministra da Ciência, Tecnologia e Inovações
Luciana Barbosa de Oliveira Santos

MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI
Diretor
Nilson Gabas Júnior

Coordenador de Pesquisa e Pós Graduação
João Ubiratan Santos

Coordenadora de Comunicação e extensão
Sue Anne Costa

NÚCLEO EDITORIAL DE LIVROS

Editora Executiva
Iraneide Silva

Editora Assistente
Angela Botelho

Editora de Arte
Andréa Pinheiro



Museu Paraense Emílio Goeldi

MIRITI

Mauritia flexuosa L. f.

A Pérola do Baixo Tocantins

Organizadores

Antonio Pedro Costa Bastos
Wendell Vilhena de Carvalho
Monyck Jeane dos Santos Lopes
Ely Simone Cajueiro Gurgel

Belém, 2023



Organização
Antonio Pedro Costa Bastos
Wendell Vilhena de Carvalho
Monyck Jeane dos Santos Lopes
Ely Simone Cajueiro Gurgel

Revisão Editorial
Iraneide Silva

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica
Antonio Pedro Costa Bastos
Wendell Vilhena de Carvalho
Monyck Jeane dos Santos Lopes

Revisão científica
Antonio Pedro Costa Bastos
Wendell Vilhena de Carvalho
Monyck Jeane dos Santos Lopes
Ana Cristina Andrade de Aguiar Dias
Ely Simone Cajueiro Gurgel

Fotografias
Antonio Pedro Costa Bastos (Exceto as que contém créditos anexos).
Márlia Coelho-Ferreira (Pág. 168)
Marcus Vinícius de Oliveira Magno (Págs. 116, 122, 134, 156, 158, 160.)

Ficha Catalográfica
Serviço de Biblioteca (SEBIB/MPEG)

M675 Miriti (*Mauritia flexuosa*, L. F.). A Pérola do Baixo Tocantins / organizadores Antonio Pedro Costa Bastos, Wendell Vilhena de Carvalho, Monyck Jeane dos Santos Lopes, Ely Simone Cajueiro Gurgel. – Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2023.

219 p.: il.

ISBN 978-65-88888-16-2

1. Miriti. 2. Baixo Tocantins. 3. Botânica econômica. I. Bastos, Antonio Pedro Costa. II. Carvalho, Wendell Vilhena de. III. Lopes, Monyck Jeane dos Santos. IV. Gurgel, Ely Simone Cajueiro.

CDD: 581.6

Serviço de Biblioteca (SEBIB/MPEG)



Mestre Santinho coletando a folha de Miriti, Abaetetuba.

Dedica-se este livro aos artesãos de Abaetetuba que expressam seu profundo amor pelo miriti e, através dele visam um futuro onde o miriti continue a desempenhar um papel central.



Miritizeira, Abaetetuba.

"Entre as variadas espécies de palmeiras da Amazônia, o miriti é das que apresentam mais elegantes e belos espécimes... o miriti é de linhas tão nobres e tão poéticas no seu todo que entre elas se salienta".

-Antônio Lustosa.
Arcebispo de Belém-Pará, 1930.

Apresentação

A cidade de Abaetetuba, durante muito tempo ficou conhecida como "A terra da cachaça", por seus inúmeros engenhos para produção da bebida, que brotavam às margens dos furos e igarapés da região e movimentavam a economia local. Mas, antes mesmo que o ciclo da cachaça tivesse o seu início, auge e fim, uma palmeira já fazia parte do cotidiano do povo indígena e caboclo da região. Espécie esta que hoje se destaca pela sua versatilidade de usos, e é o motivo de uma nova perífrase para aquele município, "a capital mundial do brinquedo de miriti". Este título se deve à difusão dos brinquedos em novos horizontes, um destes, a festa da padroeira dos paraenses, o Círio de Nazaré.

O livro “Miriti: a pérola do baixo Tocantins” aborda descrições, relatos e citações de artesãos, ornados por um conteúdo visual que retrata muito bem o modo de vida, o trabalho, a paisagem e o delineado do miriti, ostentado nas margens dos rios do município de Abaetetuba, que é carinhosamente chamado de “A pérola do baixo Tocantins”.

Revisitando um dos símbolos do município, o hino composto por Máximo Ribera, que retrata o seguinte trecho: “Maratauíra, um grande rio formoso, braço forte do imenso Tocantins, tem à margem um recanto majestoso de trabalhos em misto com festins.” Entoa-se harmoniosamente a proposta do livro, um canto em louvor ao trabalho com o miriti realizado festivamente pelos artesãos em Abaetetuba, os quais esculpem, pintam, moldam, tecem, constroem e cozinham as suas histórias, sua ancestralidade e o amor pela sua cultura.

Ao longo das páginas que se seguem, você é convidado a explorar o universo do miriti, com perspectivas e histórias inspiradoras e que provoquem uma ressignificação do que se obtêm desta planta, como matéria prima. Este livro é fruto de uma jornada de descobertas, reflexões e paixões, surgido do desejo de compartilhar experiências e conhecimentos adquiridos ao longo de meses de pesquisa e vivências, trazendo a memória e a oralidade de uma parte do nosso país ainda pouco conhecida. Além disso, é uma tentativa de oferecer um registro sobre os diversos usos do miriti, abordando as nuances da "Palmeira Santa" em Abaetetuba-PA e as formas de conservação destes saberes tradicionais externalizados por meio de artefatos em coleções etnobotânicas, como a Coleção de Etnobotânica e Botânica Econômica do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Espero que este livro o conduza por caminhos fascinantes, estimule sua curiosidade e o inspire a explorar as novas, ou nem tão novas, formas de artefatos moldados pelas partes da palmeira de miriti. Que ele seja uma fonte de inspiração para alcançar novas perspectivas e desafiar as fronteiras do conhecimento.

"A cultura te sirva de muralha"

Trecho do Hino de Abaetetuba (Máximo Ribera)

Nilson Gabas Júnior

Diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi





Casinhas de Miriti, Atelier do Mestre Amadeu, Abaetetuba.

Prefácio

A ciência pode fazer a classificação das partes de um miritizeiro, pode detalhar anatomicamente os seus órgãos, estudar a ecologia da espécie, mas não pode mensurar a expressividade cultural e afetiva desta palmeira na vida dos habitantes de Abaetetuba. A diversidade cultural dos usos do miriti nesta região possibilitou a realização de um inventário de artefatos que expressam a identidade dos amazônidas, através da variabilidade de aproveitamento de suas partes para o preparo e confecção de produtos úteis no cotidiano amazônico.

Esta publicação não representa apenas um livro sobre as utilidades do miriti, trás múltiplas faces da espécie que se conectam por sua oralidade e materialidade, trazendo assim a história diante de cada artefato advindo da região de Abaetetuba que estão acervados na Coleção de Etnobotânica e Botânica Econômica do Museu Paraense Emílio Goeldi. Além disso, o livro instrumentaliza-se para compartilhar informações sobre os objetos coletados e os registros destes conhecimentos tradicionais dos artesãos do município, que muito além do artesanato, conseguem tornar o miriti presente nos mais diferentes âmbitos.



Este livro é fruto da dissertação: “Bioculturalidade e valor patrimonial dos órgãos vegetativos e reprodutivos do miritizeiro (*Mauritia flexuosa* L. f.) na Amazônia Oriental”, realizada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas-Botânica Tropical da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)/Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). Uma manifestação de gratidão e reconhecimento aos artesãos que colaboraram com a diversidade que será encontrada neste trabalho.

As pesquisas para a realização desta publicação foram conduzidas ao longo dos anos de 2021, 2022 e 2023 no município de Abaetetuba-PA, nas localidades da sede municipal, colônias e ilhas. É relevante ressaltar que este trabalho foi realizado com o apoio do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação – Amazônia Legal (PDPG-AL), no âmbito da proposta: “**Estudos integrados da biodiversidade vegetal para conservação e manejo da Amazônia**” (CAPES/Processo 88881.510208/2020-01, Auxilio 804/2020).

Com base no que foi vivenciado, pôde-se observar que o patrimônio da cultura material do miriti na região de Abaetetuba é contemplado por diversos artefatos, obtidos pelas habilidades e usos de tecnologias impulsionadas pelas experiências locais. Estes são empregados na coleta e preparação de alimentos, nas práticas medicinais, na confecção de brinquedos, biojóias e vestuário, na agricultura, pesca, religiosidade e na confecção de utensílios.

As 59 peças apresentadas nesta publicação estão dispostas em nove categorias de usos, acompanhadas pelo número de patrimônio da coleção, a autoria da peça, o local de origem e as descrições fornecidas pelos artesãos.

O apreço dos artefatos de miriti na Amazônia está relacionado principalmente à valorização da palmeira de miriti como peça-chave. Os artefatos carregam histórias de vida de trabalhadores que trazem consigo o ofício e os ensinamentos dos seus antepassados, bem como a memória e cultura das comunidades amazônicas. Neste livro, espero, juntamente com os demais autores, incentivar o uso dos artefatos de miriti, o fomento e a difusão das práticas de trabalho com a planta e o registro e conservação dos saberes do miriti presentes em coleções etnobotânicas.

Antonio Pedro Costa Bastos
Organizador



Brinquedos de miriti no Círio de Nazaré, Belém, PA.

Agradecimentos

Aos artesãos, mestres e mestras de Abaetetuba:

Adilson, Amadeu, Antonia, Beto, Bigode, Clarisse, Deia, Deisiane, Dezidério, Diabinho, Dorinha, Dorielen, Gilda, Gercina, Gregória, Jocilene, Kamilly, Leno, Matilene, Marinaldo, Marluce, Marcela, Maria da Conceição, Marinilda, Maurila, Meriani, Miranda, Neide, Raildo, Riva, Santinho, Socorro, Teca e Tica;

Ao Instituto Amigos do Brejo (IMAB), ao Instituto Multicultural Miritis da Amazônia (IMMA), à Associação de Artesãos Produtores de Artesanatato de Miriti (AAPAM), ao Atelier MR-5 Arte Amazônia, ao Atelier Miriti Tauá e à Associação de Mulheres Artesãs Quilombolas do Rio Genipaúba;

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, através do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação da Amazônia Legal (PDPG-AL), no âmbito do Plano de Desenvolvimento da Pós-Graduação no Museu Paraense Emílio Goeldi, proposta Estudos integrados da biodiversidade vegetal para conservação e manejo da Amazônia (88887.510208/2020-00);

Ao Museu Paraense Emílio Goeldi;

Ao Programa de Pós Graduação em Ciências Biológicas-Botânica Tropical (UFRA/MPEG);

À Coleção de Etnobotânica e Botânica Econômica do Museu Paraense Emílio Goeldi;

Sumário

- O miriti.....16
- Características e usos do miritizeiro.....24
    - Taxonomia de *Mauritia flexuosa* L. f. 25
    - Descrição morfológica.....26
    - Aspectos ecológicos e distribuição.....27
    - A etnofenologia.....29
    - Os usos.....34
- Aspectos históricos do miriti na Amazônia paraense.....40
- Abaetetuba: a pérola do Baixo Tocantins.....54
- Os artesãos de miriti.....63
- A flora dos ateliers de miriti.....70
- Conservação do miriti em coleções etnobotânicas.....83

Coleção de Etnobotânica e Botânica Econômica do Museu Paraense Emílio Goeldi.....91
Brinquedos.....96
Biojoias.....124
Vestuário.....132
Utensílios.....137
Religiosidade.....151
Alimentação.....162
Medicina.....180
Agricultura.....191
Pesca.....196

- Os artesãos.....205
- Os autores.....212

O miriti

Antonio Pedro Costa Bastos
Monyck Jeane dos Santos Lopes
Francineti Maria Rodrigues Carvalho



Produção de brinquedo de miriti, Abaetetuba.

Miriti

Das mãos de um artesão
Nasce a criação
Barquinhos,
Passarinhos,
Flores,
Cores,
Adornos,
Gastronomia...
Miriti
Fruta pra mim e pra ti
Sustento,
Encanto,
Magia,
alegria
Poesia

Francineti Carvalho

Com aparência exótica e frutos de cor atrativa na expressiva biodiversidade da Amazônia, o miriti (*Mauritia flexuosa* L. f.), também chamado em outras regiões de buriti, miritirana, buritirana, caraná-do-mato, caraná e buriti; é conhecido como a árvore da vida, pois ao longo de gerações, tem importância vital e usos variados na vida e cultura das comunidades que dele dependem (Coradin; Camillo; Vieira, 2022).

No entanto, para muitas pessoas, sobretudo pelas populações urbanas como Belém, essa espécie ainda é conhecida apenas pelo seu uso na confecção de brinquedos, os famosos e expressivos "brinquedos de miriti". Os quais são frequentemente utilizados em cerimônias e celebrações locais, expressões de arte e tradição cultural, como o Círio de Nazaré, festividade religiosa que ocorre anualmente em Belém do Pará.

Todos os anos, ao longo do percurso da maior procissão católica do mundo, no Círio dedicado à Nossa Senhora de Nazaré, dentre a multidão avista-se várias pessoas erguendo girândolas ornadas com brinquedos de miriti, que trazem nos seus traços coloridos o suor dos artesãos abaetetubenses. São canoas, casas, araras, jacarés, dançarinos e tantas outras peças que expressam um pouco da cultura amazônica que cortejam pelo túnel de mangueiras da avenida Presidente Vargas e embalados pelos ventos vindos da Baía do Guajará. Tal cena icônica revela a participação, mesmo que discreta, do miritizeiro nesta festa.



Girandeiro com brinquedos de Miriti no Círio de Nazaré, Belém, PA

Esta palmeira, é também chamada devotamente de “santa” pelos artesãos colaboradores deste livro e recebe este nome por se acreditar ser uma planta de origem divina, a qual supre diversas necessidades culturais relacionadas a alimentação, medicina, artesanato, agricultura, pesca, religiosidades, biojóias, roupas e utensílios.

O miritizeiro é uma planta central da cultura, identidade e desenvolvimento econômico das comunidades amazônicas. Os artesanatos de miriti não devem ser tratados como representação de objetos, mas como simbolismo da sociobiodiversidade e da cultura das comunidades locais.

Apresentando múltiplos usos, essa espécie é uma fonte vital de subsistência e recursos. Seu uso no comércio formal e informal vai muito além dos frutos. Todos seus órgãos vegetais tem potencias de uso para as comunidades da Amazônia, proporcionando uma fonte de renda significativa as populações locais (Shanley; Medina, 2005).



Rio Abaeté, Abaetetuba, PA.

A alta demanda por produtos de miriti ameaça as populações naturais dessa palmeira. E isso demanda tornar conhecidos os benefícios dessa espécie, para conscientizar a todos sobre a conservação e o manejo sustentável, envolvendo a colaboração de comunidades locais, pesquisadores e autoridades ambientais, e assim, colaborar com o uso sustentável, garantindo a sobrevivência a longo prazo do miriti e do seu ecossistema (Virapongse *et al.*, 2017; Coradin; Camillo; Vieira, 2022).

O miriti é uma dádiva que desempenha um papel vital na vida das pessoas e no equilíbrio dos ecossistemas amazônicos. Seu uso diversificado, sua riqueza cultural e sua importância ecológica o tornam um tesouro que merece ser protegido e valorizado para as gerações futuras.



Peças do Mestre Miranda na Feira do Círio, Belém, PA.

Nessa virtude, o Museu Paraense Emílio Goeldi, um instituto histórico que há mais de 150 anos realiza pesquisas voltadas para conservação da Amazônia, possui uma coleção de Etnobotânica e Botânica Econômica, a qual reúne plantas e artefatos, registrando a diversidade biológica e cultural da região Amazônica, a qual inclui artefatos de miriti.

Dessa forma, garante que esse patrimônio natural e cultural seja preservado para as futuras gerações, auxiliando também na valorização da cultura local e do conhecimento tradicional, contribuindo para a conservação da biodiversidade e a promoção do desenvolvimento sustentável.



Rocinha, Parque do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, PA.



Atelier de Miriti.

Portanto, este livro é uma obra para divulgar as maravilhas dessa palmeira, dentre as quais destaca-se uma coleção de artefatos do miriti presentes no Museu Paraense Emílio Goeldi, que são oriundos principalmente de Abaetetuba, cidade do estado do Pará onde o miriti faz parte da identidade cultural, das histórias e das tradições. Esta obra também abrange o histórico dessa palmeira na Amazônia. Neste livro, ressaltam-se os aspectos botânicos dessa espécie e tornam conhecidos os artesãos do miriti e suas técnicas ancestrais. O livro também aborda os multiusos do miritizeiro, presente em diversos artefatos, como brinquedos, biojoias, medicina, vestuário e utensílios. Ressalta ainda as práticas culturais que estão ligadas a essa palmeira e a integração do miriti na alimentação, na agricultura e na pesca, contribuindo para a subsistência das comunidades amazônicas.

A compreensão e valorização desta planta são essenciais para a preservação deste ecossistema e para a construção de um futuro sustentável para a região amazônica. Portanto, nesta obra serão exploradas as múltiplas facetas do miriti, uma das maravilhas da Amazônia, para que seja compreendido como essa palmeira se entrelaça na vida das comunidades e no ecossistema amazônico, revelando a sua beleza, preciosidade e importância através da coleção, das histórias das pessoas e das paisagens amazônicas.

Referências

CORADIN, L.; CAMILLO, J.; VIEIRA, I. C. G. (Ed.). Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: Plantas para o futuro: região Norte. Brasília, DF: MMA, 2022. (Série Biodiversidade; 53). 1452p.

SHANLEY, P.; MEDINA, G. Frutíferas e Plantas úteis na Vida Amazônica. Belém: CIFOR, Imazon, 2005. 300 p.

VIRAPONGSE, A.; ENDRESS, B.A.; GILMORE, M.P.; HORN, C.; ROMULO, C. Ecology, livelihoods, and management of the Mauritia flexuosa palm in South America. Global Ecology and Conservation, v. 10, p. 70-92, 2017.

Características e usos do miritizeiro

Antonio Pedro Costa Bastos
Wendell Vilhena de Carvalho
Géssica Elaine Azevedo Fernandes
Clebiana de Sá Nunes
Monyck Jeane dos Santos Lopes
Luiz José Soares Pinto
Mário Augusto Gonçalves Jardim

Taxonomia de *Mauritia flexuosa* L.f.



454 (o) PALMÆ.

flexuoſa. MAURITIA.
Mauritii-Boom. *Surinamenſ.*
Habitat in ſylvis Surinami. *Dalberg.* ♄.
Arbor ramis angulatis, flexuoſis, glabris: articulis brevibus, ſurſum incraſſatis; ſubrecurvatis, terminatis vaginis amplexantibus: geniculo cyathiformi, acutiori.
Ex alis horum exeunt per totum caulem Amenta ſtrobiliformia, bifaria, patentiſſima, ſeſſilia, baſi ſquamis binis, maioribus, erectis, ſurſum falcatis.
Amenta ovato-oblonga, teretia, floribus arcte approximatis, patentiſſimis, ferrugineis tecta.
Squamæ rotundæ, obtuſæ, ſeparant flores.
Peracta floreſcentia cadunt flores, ut reſtet amentum cum ſuis ſquamis.
Valde ſingularis hæc arbor fere aphylla; doleo me non noſſe nec flores femineos, nec fructum.

Supplementum Plantarum p.454 Fonte: Biodiversity Heritage Library-BHL.

Mauritia flexuosa L. f. conhecida popularmente por miriti em algumas regiões da Amazônia, destaca-se como uma palmeira majestosa que pode chegar aos 35 metros de altura (Virapongse *et al.*, 2017).

É uma palmeira de hábito terrícola da família Arecaceae Schultz Sch., foi descrita por Carl von Linné Filius (1741- 1783) em sua obra *Supplementum Plantarum* (1781, p.454.).

Atualmente tem como sinônimo:

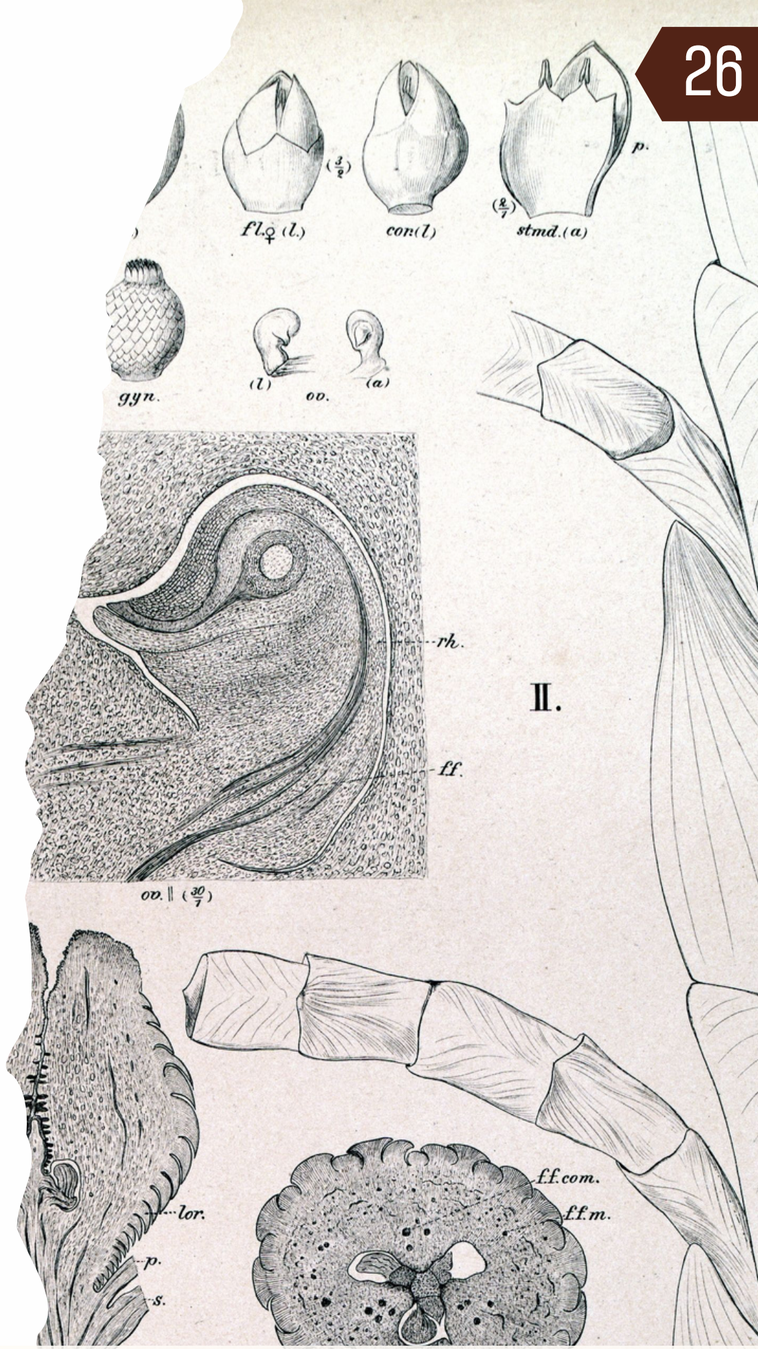
- *Mauritia flexuosa* var. *venezuelana* Steyerm.
- *Mauritia minor* Burret
- *Mauritia sagus* Schult. & Schult.f.
- *Mauritia setigera* Griseb. & H.Wendl.
- *Mauritia sphaerocarpa* Burret
- *Mauritia vinifera* Mart.
- *Saguerus americanus* H.Wendl.





Descrição morfológica

O estipe do miriti é solitário, ereto, podendo alcançar de 3 a 25 metros, com diâmetro de 23 à 80 centímetros. As folhas são flambeliformes (em forma de leque), com um número de 10 a 20 folhas; as bainhas podem chegar de 1,0 à 2,1 metros de comprimento e pecíolos de 1.6-4.0 metros; as lâminas foliares tem de 1,2-2,2 × 4,5-5,0 de comprimento e podem ser divididas até um pouco antes da base, com o número de segmentos que varia de 45 a 230, ocasionalmente com pequenos espinhos nas margens e fibras de coloração castanha; A inflorescência é interfoliar, ramificada até o nível de segunda ordem; as brácteas são pedunculares, sobrepostas, tubulares e estriadas; as ráquilas estaminadas são cilíndricas, portando muitas flores com cálice tubular curtamente trilobado, três pétalas bem mais longas que as sépalas; as ráquilas pistiladas são curtas, com cálice tubular, estriado e curtamente trilobado com corola tubular. O fruto é em formato elipsoide-oblongo, coberto por escamas de cerca de 6 mm (Vianna, 2020).



Mauritia flexuosa L.f., p. 290, Prancha 64 (1881).
Fonte: Flora Brasiliensis.

Aspectos ecológicos e distribuição

O miriti possui representatividade na manutenção dos ecossistemas amazônicos, atuando como um regulador natural dos níveis de água. Suas raízes estabilizam o solo nas margens dos rios, prevenindo a erosão e as inundações sazonais nas áreas ribeirinhas.

Além disso, fornece habitat e alimento à fauna. Seus frutos são parte da dieta de diversos animais silvestres, como aves, macaco, veado, queixada, jabuti, caititu, quati, peixes, anta e pacas., assim como suas flores alimentam aves como o jacu e o aracuã.



Mauritia flexuosa L.f., p. 290, Prancha 65 (1881).
Fonte: Flora Brasiliensis.



Mapa de distribuição de *M. flexuosa* no Brasil. Fonte: Vianna, 2020. In: Flora e Funga do Brasil 2020.

A espécie tem uma ampla distribuição em toda a América do Sul, ocorrendo em planícies aluviais de rios e córregos ou em depressões rasas mal drenadas, com uma estimativa de 1,5 mil milhões de indivíduos. É considerada 'hiperdominante' e classificada como a 22ª espécie de árvore mais abundante na Bacia Amazônica e no Escudo Guinaense (Steege *et al.*, 2013).

No Brasil, encontra-se amplamente distribuída ocorrendo em todos estados da região Norte, Centro-Oeste, porção leste do Nordeste e, no Sudeste, nos estados de Minas Gerais e São Paulo. Considerada nativa e não endêmica do Brasil, na Amazônia costuma ocorrer em vegetações como florestas ciliares ou galeria, floresta de igapó e pameiral.

A etnofenologia

A coleta de recursos vegetais da palmeira para os usos etnobotânicos são na majoritariamente destinados à geração de renda, especialmente para o artesanato. Os órgãos vegetativos do miriti, bem como as ráquilas persistentes após a queda da infrutescência estão disponíveis para extração ao longo de todo o ano, enquanto que os órgãos reprodutivos, por sua vez, apresentam períodos específicos para serem coletados, como relatado pelos artesãos.

Para os coletores do miriti, o manuseio da planta necessita de cuidados, pois está fortemente ligado aos ensinamentos dos antepassados e à panema. Acredita-se que ao tocar na planta ou em partes delas no período de sete dias após a morte de um familiar, ou o manejo da palmeira por mulheres que se encontram em seu período menstrual, podem levar a morte da planta. O antropólogo Eduardo Galvão, em 1951, define panema como “falta de sorte” e que este sentido, era utilizado no vocabulário da população da região norte como uma força mágica que infecciona seres biológicos e objetos (Galvão, 1951). Tais conhecimentos e experiências ainda são repassados entre as gerações dos habitantes das florestas, principalmente por terem como meios de subsistência a agricultura e a coleta de produtos florestais, como o braço de miriti.



Miritizeiro, Parque do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, PA.

As folhas de miriti destacam-se por serem grandes e palmadas, dispostas como leque (Henderson, 1995) e a extração delas se inicia com a escolha da palmeira para a retirada dos braços de acordo com a demanda para o trabalho, optando-se por folhas novas abertas, de indivíduos masculinos ou femininos, cuja medula do pecíolo esteja mais clara, o que facilita os cortes. Para a confecção de peças pequenas, são extraídos braços (pecíolo) proporcionais às peças, assim como artefatos grandes demandam braços maiores. As folhas em fase de secagem, ou seja, as mais velhas, não são aproveitadas para a confecção de artesanato por não terem consistência e firmeza adequadas para este trabalho.

A extração da folha pode ocorrer em qualquer época do ano, no entanto, existe a prática que se relaciona com os fenômenos celestes. A preparação para o corte ocorre dias antes das noites de lua crescente, as quais já iniciam o processo natural de fortificação das folhas com o fenômeno gravitacional. Os cortes das folhas são feitos preferencialmente em noites de lua cheia. Esta escolha, segundo os artesãos, está diretamente ligada à qualidade do pecíolo, por conta da influência das marés que auxiliam o depósito de nutrientes nas palmeiras que estão nas várzeas e pela gravidade que levam esses mesmos nutrientes para as copas das árvores. A extração do pecíolo está de acordo com a quantidade de folhas em cada espécime, se a palmeira tiver nove folhas, retiram-se apenas cinco, para não afetar diretamente o desenvolvimento da planta, o que pode ocasionar o retardo no crescimento da mesma.

A recuperação das folhas retiradas do indivíduo acontece após os cinco primeiros meses depois do primeiro corte, ou seja, após cinco luas cheias, visto que é seguido o calendário lunar para o controle de extração, sendo que cada folha (também chamada de envira), inicia seu desenvolvimento no período de fase da lua cheia.

Os frutos, por sua vez, também são coletados seguindo os protocolos dos conhecimentos tradicionais. Vale ressaltar que não há a extração diretamente no miritizeiro, mas sim a coleta dos frutos que caem no chão. As comunidades tradicionais dos rios Genipaúba, Tauá, Abaeté e Jarumã acreditam que a retirada dos frutos diretamente das ráquilas podem ocasionar uma diminuição na produção de frutos na próxima safra, a frutificação ocorre um ano sim e outro não, chegando a fornecer até 6000 frutos (Henderson, 1995; Shanley; Medina, 2005).

A floração das palmeiras ocorre sempre nos mesmos meses, de agosto a dezembro, com pico no mês de agosto, tanto para plantas femininas e masculinas. A frutificação é sazonal e dependente diretamente das condições do clima e do solo (Henderson, 1995; Shanley; Medina, 2005; Lorenzi; Noblick; Ferreira, 2010; Rossi *et al.*, 2014; Soares *et al.*, 2022; Santos; Coelho-Ferreira, 2011). Estes recursos estão diretamente relacionados com as fases da lua, devido à influência da gravidade e à distribuição de nutrientes pela planta (Bueno *et al.*, 2019).

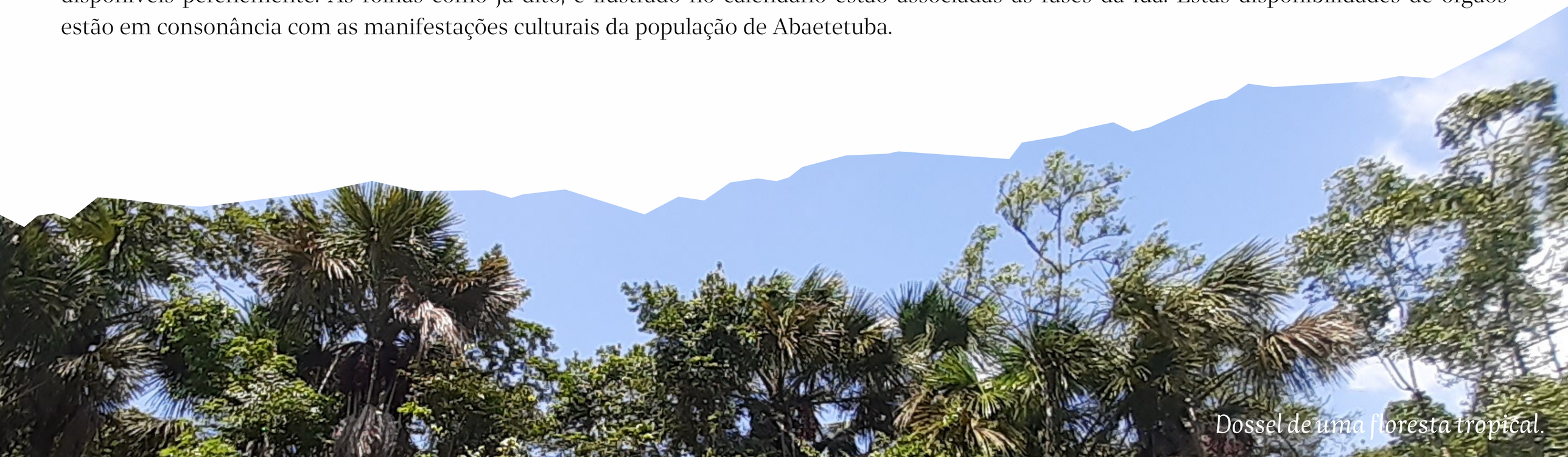
Todo o processo de coleta das partes vegetativas e reprodutivas do miriti estão intimamente ligadas principalmente a grandes festividades que ocorrem no município, período em que a economia local tem um grande aumento. A alta produção dos artesãos é resultado direto dos conhecimentos e saberes dos povos da floresta e da conservação e respeito ao miriti.

Ao longo do ano em Abaetetuba, comemorações e festividades agitam o município. Festival como o MiritiFest, que ocorre no mês de maio, possui grande participação da população Abaetetubense e de populares de municípios vizinhos e tem como atração principal a diversidade artística e produtiva do miriti. Outra festividade importante para a cidade é a festa da padroeira titular de Abaetetuba, Nossa Senhora da Conceição que ocorre em dezembro e que celebra com procissões terrestres e fluviais e caminhadas pelas ruas da cidade, tanto a religiosidade quanto a história de Abaetetuba. Outras comemorações, embora sejam menores em sua proporção espacial e participativa, carregam consigo a cultura que é expressa por meio de manifestações, que na sua maioria são religiosas e que ocorrem nas ilhas e na sede municipal.

As celebrações dedicadas aos orixás nas religiões de matrizes africanas, ou as festas nos barracões, entoações de ladainhas em latim e louvores em honra aos santos protetores das comunidades ribeirinhas e quilombolas possuem, desde as maiores festas às menores, a presença do miriti. Na forma de bebida, de mingau, na cobertura das capelas, vestimentas dos orixás, na escultura de santos, erguido em estandartes em procissões ou ornando altares, o miriti sustenta a alegria dessas comemorações. Para que tais manifestações ocorram, são observadas as formas de coletar os órgãos da palmeira, de modo que a mesma não seja afetada fisicamente ou pelas energias ruins.

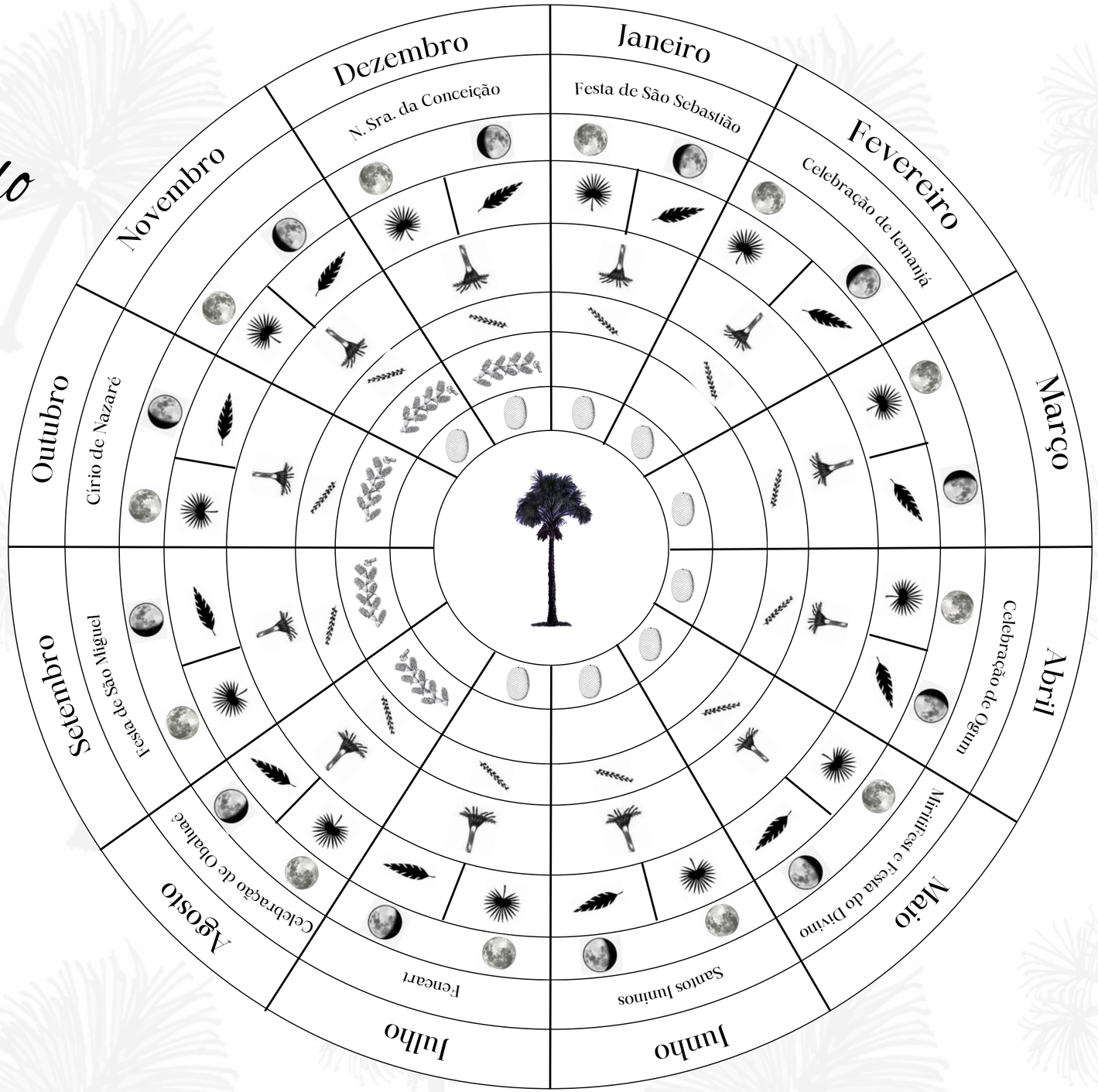
É importante mencionar que, entre as festividades citadas, não se pode deixar de destacar o Círio de Nazaré, que ocorre na capital, Belém. Apesar da festividade não ocorrer em Abaetetuba, é fundamental salientar que o período que antecede o Círio de Nazaré é de extrema relevância para os artesãos locais. Durante esse período, há uma intensa coleta de recursos do miriti, que são utilizados na produção de diversos produtos derivados desse material.

O calendário a seguir mostra a disponibilidade de cada parte da palmeira de acordo com os meses do ano. De novembro a julho pode-se encontrar os frutos, as flores que formam tapetes amarelados nos cursos dos rios são encontradas de agosto a dezembro. Já os estipes, raízes e folhas estão disponíveis perenemente. As folhas como já dito, e ilustrado no calendário estão associadas as fases da lua. Estas disponibilidades de órgãos estão em consonância com as manifestações culturais da população de Abaetetuba.



Dossel de uma floresta tropical.

Calendário etnofenológico do miriti



Legenda:

- : Lua Crescente
- : Lua Cheia
- : Folha nova fechada
- : Folha nova aberta
- : Estipe e Raíz
- : Ráquila
- : Flores
- : Fruto

Os usos

O miriti possui múltiplos usos, as folhas são usadas para o artesanato, fabricação de corda, chapéus, cintos, bolsas, esteiras, sandálias, redes, confecção de brinquedos, rolha de garrafa, tipiti, paneiros e cestas, e também como adubo orgânico. Os frutos são muito utilizados na contemporaneidade pelas indústrias alimentícias, cosméticas e nutracêuticas por suas propriedades cicatrizantes, antioxidante e atividade bactericida (Quintero-Angel; Martínez-Girón; Orjuela-Salazar, 2022).

A polpa do fruto é uma parte essencial da dieta das comunidades locais, por ser rica em nutrientes, vitaminas, principalmente a vitamina A e antioxidantes. É frequentemente utilizada na produção de sucos, vinho, doces, mingau, sorvete e picolé.



Choupana coberta com folhas de Miriti

Da polpa do miriti é possível fazer a extração do óleo, benéfico para combater vários problemas de saúde. Com relação aos benefícios, é possível citar o processo de cicatrização, por sua composição química que contém carotenoides, vitamina E (a-tocoferol) e ácidos graxos insaturados, dentre estes o ácido oleico e linoleico, capazes de reparar tecidos e repor fibras colágenas (Belfort *et al.*, 2023). O óleo extraído do miriti é utilizado na culinária, na medicina tradicional, como combustível em lamparina e na fabricação de cosméticos, aromatizantes e detergente.

As sementes são usadas para confeccionar botões e biojoias. Os frutos podem ser consumidos frescos ou na produção de vinhos, doces, farinhas e mingaus (Germano *et al.*, 2014; Moraes; Uhlmann, 2021; Soares *et al.*, 2022). Além disso, a farinha do fruto é utilizada na alimentação de peixes de cativeiro, como o tambaqui (*Colossoma macropomum*) possível pela grande quantidade de carotenóides, polifenóis e ácido ascórbico que auxiliam na saúde dos animais (Costa *et al.*, 2021).



Frutos de Miriti



Flores de Miriti.

O estipe do miriti possui inúmeras utilidades, tanto para o ambiente quanto para as populações locais em pelo menos 15 estados brasileiros, visto que é empregado na construção de casas, currais, calhas, pontes, canoas e cercas. É muito utilizado na construção de habitações, pois suas fibras resistentes são frequentemente utilizadas na fabricação de telhados e paredes, o que também promove a sustentabilidade.

O estipe da palmeira é importante para populações ribeirinhas, pois, além de auxiliar na construção, serve como adubo após a decomposição e também como alimento e abrigo para o turu, um molusco apreciado pelas comunidades ribeirinhas, principalmente na Amazônia paraense (Kikuchi; Callado, 2021). Ademais, quando encontrados em estado de degradação, os estipes apodrecidos na água são abrigo para turus, larvas com alto valor nutricional proteico que servem de alimento para as comunidades locais.



Cobras de Miriti em processo de secagem de tinta, Atelier do Mestre Amadeu, Abaetetuba.

Referências

BELFORT, M. G. S.; CHAVES, J. A.; SANTOS, F. D. R. P.; LUCENA, V. B.; FERNANDES, T. F.; GONÇALVES, M. A. L.; DE AZEVEDO, S. A. Análise Microbiológica Em Formulação Cosmética De Um Sérum A Base Do Óleo De Buriti (Mauritia Flexuosa) Para Uso Geriátrico. Revista Foco, v. 16, n. 3, p. e1232-e1232, 2023.

BUENO, M. A.; GOMES, O. E. A.; LEITE, N. E. M.; SOUZA, R. M.. Astronomia Cultural: um levantamento bibliográfico dos saberes sobre o céu de culturas indígenas. Revista Areté| Revista Amazônica de Ensino de Ciências , v.12, n. 25, p. 27-40, 2019.

COSTA, R. L. da; COSTENARO-FERREIRA, C.; COSTA, D. L.; HURTADO, F. B. Farinha da polpa do fruto da Mauritia flexuosa em dietas para Colossoma macropomum. Revista em Agronegócio e Meio Ambiente, v. 14, n. 2, p. 441- 454, 2021.

GALVÃO, E. Panema: uma crença do caboclo amazônico. Revista do Museu Paulista, nova série, São Paulo: O papel, v. 1., p. 221-225, 1951.

GERMANO, C. M.; LUCAS, F. C. A.; MARTINS, A. C. C. T.; MOURA, P. H. B. M.;

HENDERSON, A. The Palms of the Amazon New York. Oxford University Press, 1995.

KIKUCHI, T. Y. P.; CALLADO, C. H. Brazilian Amazonian palm-stem types and uses: a review. Acta Amazonica, v. 51, p. 334-346, 2021.

LINNÉ, C. V. F. Supplementum Plantarum Systematis Vegetabilium. 13. ed. 6 ed. do gênero de plantas. 2. ed. das espécies de plantas. 1781.p.545.

LOBATO, G. J. M. Comunidades ribeirinhas e palmeiras no município de Abaetetuba, Pará, Brasil. Scientiaplena , v. 10, n. 11, 2014.

LORENZI, H.; NOBLICK, L.R.; KAHN, F.; FERREIRA, E. Flora Brasileira: Arecaceae (Palmeiras). Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum. 2010. 385p.

MORAES, A.V.S.; UHLMANN, L.A.C. Propriedades medicinais da Mauritia flexuosa. Pubsaúde, v.7, n.2020, 2021. Disponível em https://pubsaude.com.br/revista/propriedades-medicinais-da-mauritia-flexuosa/. Acesso em: 04 out. 2023.

QUINTERO-ANGEL, M.; MARTÍNEZ-GIRÓN, J.; ORJUELA-SALAZAR, S. Agroindustrial valorization of the pulp and peel, seed, flour, and oil of moriche (Mauritia flexuosa) from the Bita River, Colombia: a potential source of essential fatty acids. Biomass Conversion and Biorefinery, v. 13, p. 1-9, 2022.

ROSSI, A. A.; GOMES, A.; SILVEIRA, G.; RAMALHO, A.; BARBOSA, R. Caracterização morfológica de frutos e sementes de Mauritia flexuosa L. f.(Arecaceae) com ocorrência natural na Amazônia Matogrossense. Enciclopédia Biosfera, v. 10, n. 18, 2014.

SANTOS, R. S.; COELHO-FERREIRA, M. Artefatos de miriti (Mauritia flexuosa L. f.) em Abaetetuba, Pará: da produção à comercialização. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 6, n. 3, p. 559-571, 2011.

SHANLEY, P.; MEDINA, G. Frutíferas e Plantas úteis na Vida Amazônica. Belém: CIFOR, Imazon, 2005. 300 p.

SOARES, K. P.; LORENZI, H.; VIANNA, S.A.; LEITMAN, P. M.; HEIDEN, G.; MORAES R., M.; MARTINS, R. C.; CAMPOS-ROCHA, A.; ELLERT-PEREIRA, P.E.; ESLABÃO, M.P. Arecaceae in Flora e Funga do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2022. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB53>. Acesso em: 04 abr. 2022.

STEEGE, H. T., et al. Hyperdominance in the Amazonian Tree Flora. Science, v. 342, n. 6152, 2013.

VIANNA, S.A. Mauritia in Flora e Funga do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB15723>. Acesso em: 05 out. 2023.

VIRAPONGSE, A.; ENDRESS, B.A.; GILMORE, M.P.; HORN, C.; ROMULO, C. Ecology, livelihoods, and management of the Mauritia flexuosa palm in South America. Global Ecology and Conservation, v. 10, p. 70-92, 2017.

Referências das ilustrações

1-LINNAEUS, Carolus. Supplementum Plantarum: Palmae. Brunsvigae, Impensis Orphanotrophei: Biodiversity Heritage Library-BHL, 1781. 574 p. DOI https://doi.org/10.5962/bhl.title.555. Disponível em: https://www.biodiversitylibrary.org/bibliography/555. Acesso em: 4 out. 2023.

2-MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. Mauritia flexuosa L. f. 1881. Ilustração. Vol. III, Part II, Fasc. 85 Prancha 64.

3-MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. Mauritia flexuosa L. f. 1881. Ilustração. Vol. III, Part II, Fasc. 85 Prancha 65.

Aspectos históricos do miriti na Amazônia paraense

Dyana Joy dos Santos Fonseca
Márlia Coelho-Ferreira
Antonio Pedro Costa Bastos



Richard Spruce. Fonte: Kew Gardens.

Usos do miriti no Pará do século XIX *por Richard Spruce*

O naturalista inglês, Richard Spruce embarcou para a América do Sul em 1849, com o objetivo de investigar a flora amazônica e enviar espécimes para o Royal Botanic Gardens, Kew. Iniciou sua expedição no Pará, estado onde ficou cerca de um ano, especialmente na região de Belém e Santarém. Em seguida partiu em direção ao Alto Rio Negro, viajando por mais 14 anos pela Amazônia.

Spruce coletou cerca de 14 mil plantas e 350 artefatos e/ou matérias-primas, descrevendo minunciosamente todo este material em notas de campo e diários, que constituem o que denominamos – Coleção Biocultural de Spruce. Esta coleção, depositada no Museu de Botânica Econômica de Kew (Schultes, 1983; Carvalho, 2006), é fonte de informações sobre os usos de plantas e povos que residiam na Amazônia do século XIX.

Nota: Texto extraído da dissertação de mestrado da primeira autora.



Mauritia flexuosa L. f., no Pará.. Vol. I, Part I, Fasc. See Urban, Prancha 41 (1906). Fonte: Flora Brasiliensis.

As palmeiras foram objeto de estudos detalhados pelo próprio Spruce, resultando na publicação, em 1869, da importante monografia *Palmae Amazonicae*, em que ele enumera e caracteriza 118 espécies, das quais mais da metade foi descrita por este naturalista (Seaward, 2000).

Conforme dito anteriormente, Spruce não se interessou nos trópicos úmidos apenas pelas plantas. A coleção de artefatos indígenas adquirida ao longo de sua viagem, composta de utensílios diversos, entre os quais objetos ou partes vegetais de espécies da atual família Arecaceae, como espatos da palmeira buçu (*Manicaria saccifera Gaertn.*) e arcas trançadas de folhas de palmeira para guardar os ornatos de penas (Wallace, 2004).



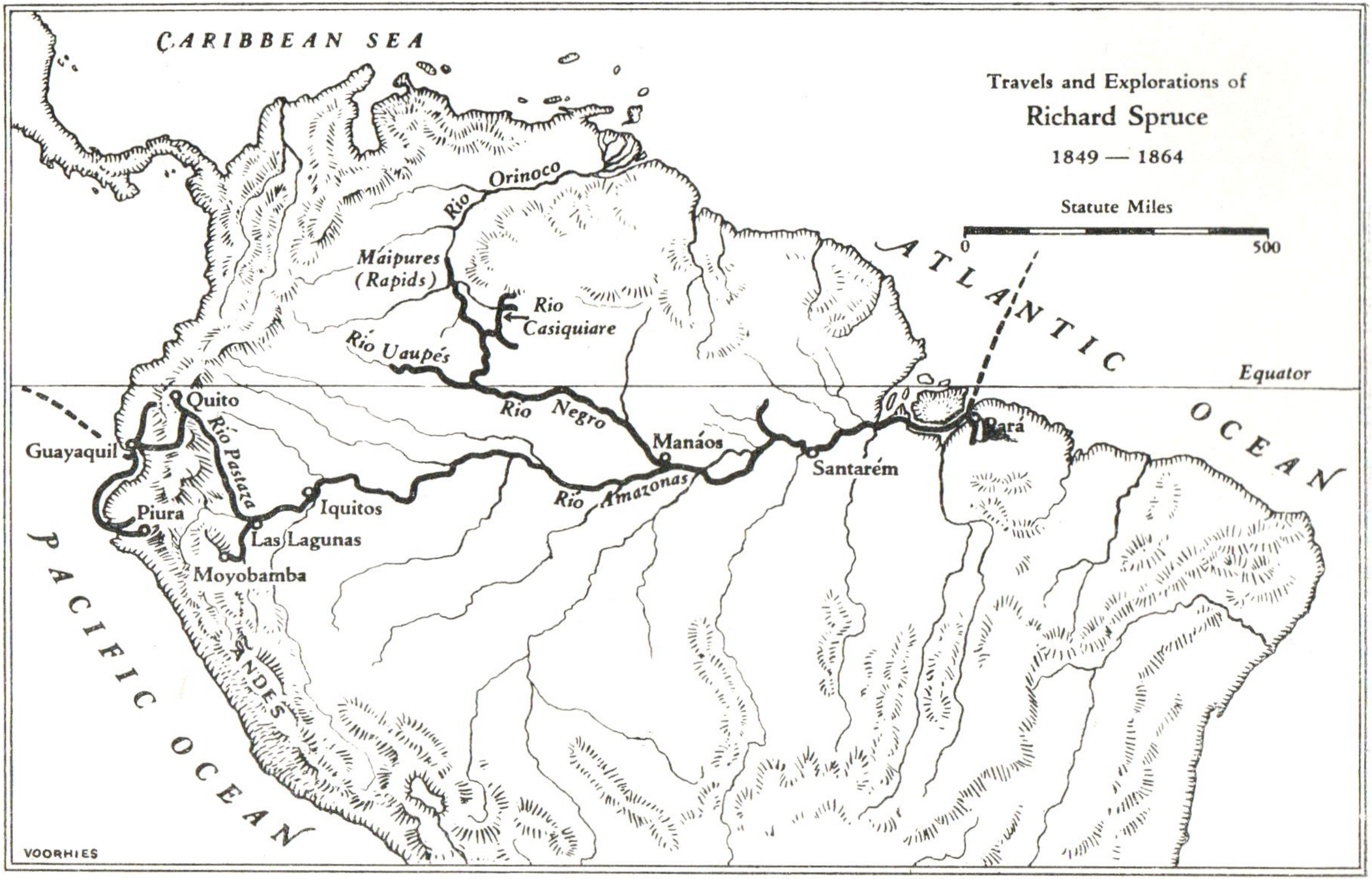
O original Museu de Botânica Econômica de Kew. Fonte: RBG Kew.

O naturalista chega a Belém, ou cidade do Pará como era mencionada em seus documentos, permanecendo pouco menos de um mês, disponibilizando-se a realizar coletas em outras localidades próximas. Durante a sua estadia em Belém, que durou menos de um mês, visitou as localidades de Caripi e Tauaú a convite do Sr. Campbell, que ali possuía propriedades. Essas localidades encontram-se no continente, embora sejam interceptadas por rios e igarapés, fazendo-lhes parecer um conjunto de ilhas. Atualmente, o vernáculo Caripi é atribuído a uma praia do município de Barcarena, cujos primeiros habitantes foram os indígenas Aruans (IBGE, 2017).

Em expedição pelo estado do Pará, por volta de 1849, Richard Spruce pôde observar que os moradores da região de Caripi usavam o caule ou estipe do miritizeiro na fabricação de porretes (Spruce, 1908; 2006). Observou também que apesar de ter uma polpa fina, o fruto era considerado comestível, e que uma pequena quantidade de açúcar era encontrada no tronco (Spruce, 1850). Por isso, o fruto era consumido junto com a farinha, servindo de alimento por longos períodos aos indígenas, os quais também empregavam os pecíolos para montar canoas (Spruce, 1855).



Frutos de *Mauritia flexuosa* L.f., coleta de Spruce, n.2, em Caripi, 1849 (EBC 35911). Fonte: EBC, REFLORA.



Viagem de Richard Spruce (1849-1864.). Fonte: Von Hagen (1945).

Os usos do miriti nos séculos XX *e* XXI

Para Corrêa (1969-1978), esta palmeira é considerada uma das mais importantes e, talvez, aquela deque os indígenas vêm tirando maior proveito desde os tempos pré-históricos. Pesquisas na área de ecologiahistórica revelaram que o miriti já era consumido por indígenas na região do Alto Rio Negro, situado no noroeste amazônico, antes da colonização do Brasil. Após a coleta dos frutos, eram armazenados em uma canoa dentro do rio para o amolecimento da polpa, posteriormente acondicionada em paneiros e enterrados para armazenamento, servindo como reserva ao longo do ano; embora essa prática não seja mais utilizada com frequência, mantêm-se os usos da polpa do miriti para a produção de mingaus e chibés (Santos *et al.*, 2021).

Os frutos maduros são apreciados em toda a Amazônia, onde diversas festas são realizadas em sua época de maturação. Cavalcante (2010) confirma a importância destes, ressaltando que são comumente comercializados nas feiras de Belém de janeiro a julho. Os usos registrados por Spruce, principalmente dos frutos e do caule, ainda são bastante comuns na região.



Brinquedo no Instituto Multicultural Miritis da Amazônia, Abaetetuba.

Os produtos do miriti, conhecido também como buriti, muruti ou muriti, foram sendo desenvolvidos ao longo do tempo pelas populações ribeirinhas, de acordo com as suas necessidades diárias, com destaque para a bebida natural ou fermentada (vinho), óleo, sorvetes, picolés, doces, além da fécula, que é um líquido potável e açucarado do estipe (Shanley; Medina, 2005; Magalhães; Coelho-Ferreira, 2007; Rocha *et al.*, 2009). Esta última entra na preparação da farinha apreciada pelos indígenas em certas regiões paraenses, sendo ainda usada na obtenção de açúcar para adoçar bebidas e na preparação de vinho (Pesce, 1941).

Pio-Corrêa (1969) informa que para confeccionar canoas, o estipe (caule) é escavado ou lascado; servindo também para a feitura de pranchas e ripas, enquanto as folhas são empregadas na cobertura de ranchos e fornecem fibras para produzir vários objetos.



Mauritia flexuosa L.f., p. 290, Prancha 63 (1881). Fonte: Flora Brasiliensis.



Artesãs do Genipaúba confeccionando peças.

O grande potencial das folhas tem sido atualmente explorado. Quando jovens e ainda fechadas, as folhas são denominadas “olhos”, “envira” ou “grelo” e usadas na elaboração de cordas, cestas, cintos, bolsas, esteiras, chapéus, sandálias, capas, redes, abano etc.; da parte interna, leve e macia do pecíolo, popularmente conhecido como braço, confeccionam-se brinquedos, rolha de garrafa, papel higiênico e outros objetos de usos domésticos (Miranda *et al.*, 2001; Shanley; Medina, 2005; Cavalcante; 1974; Rocha *et al.*, 2009).

Os brinquedos de Miriti possuem uma grande importância cultural e econômica nos dias de hoje, por serem um dos principais produtos derivados desta planta. No cenário estadual, estão totalmente associados ao Círio de Nazaré, um dos maiores eventos católicos no Brasil que ocorre anualmente em Belém. O primeiro registro de ocorrência dos brinquedos associado a este evento, oriundo de Abaetetuba, data de 1793 (Santos; Coelho-Ferreira, 2011). Aliás, este município é sede do Miriti Fest, festival que ocorre todos os anos em homenagem a essa tradição.

Outros usos vêm sendo explorados, como a aplicação dos frutos na produção de álcool, de sabão e cosméticos; do estipe, na construção de pontes (Shanley; Medina, 2005); e das amêndoas maciças e duras na fabricação de botões (Miranda *et al.*, 2001).

Amplamente encontrado no Pará, o miriti continua sendo uma espécie de relevância econômica no mercado formal e informal da Amazônia, como cultural, conforme documentado nos estudos conduzidos por outros pesquisadores em localidades ou regiões visitadas pelo naturalista inglês como Monte Alegre (Magalhães; Coelho-Ferreira, 2007) e a região do Baixo-Tocantins (Santos; Coelho-Ferreira, 2011).



Peças do Mestre Miranda na Feira do Círio, Belém, PA.



Mestre Santinho em seu atelier.

Referências

CAVALCANTE, P.B. Frutas comestíveis na Amazônia. 7. ed. Revisão atual. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010. p.282.

CORRÊA, P. Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, v.3,1969. 322p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades. 2017. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/belem/panorama. Acessado: 18.12.2017.
Londres: Macmillan, 1908.

MAGALHÃES, J.L.; COELHO-FERREIRA, M. O Buriti de Ererê (Monte Alegre, PA) e perspectivas para gestão comunitária. In: ALBUQUERQUE, U.P (Eds.). Povos e paisagens- Etnobiologia, etnoecologia e biodiversidade no Brasil. Recife: NUPEEA, 2007. 97-114 p.

MIRANDA, I.P. de A.; RABELO, A.; BUENO, C.R.; BARBOSA, E.M.; RIBEIRO, M.N.S. Frutos de palmeiras da Amazônia. Manaus: MCT/INPA, 2001. 120 p.

PESCE, C. Oleaginosas da Amazônia. Revista da Veterinária, Belém, 1941.

PIO-CORRÊA. Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, v.3,1969. 322p.

ROCHA, A. E. S.; OLIVEIRA, J.; ZOGHBI, M.G.B.; BASTOS, M.N.C.; COELHO- FERREIRA, M.R.; JARDIM, M.A.G. Catálogo da Flora da Reserva Extrativista Chocoré- Mato Grosso Santarém Novo-Pará. Belém: Museus Paraense Emílio Goeldi, 2009.140 p.

SANTOS, J.; COVELO, F.; FIDALGO, C.; SALES, F. Coleções biológicas. Revista de Ciência Elementar, v. 9, n. 1, 2021.

SANTOS, R. S.; COELHO-FERREIRA, M. Artefatos de miriti (Mauritia flexuosa L. f.) em Abaetetuba, Pará: da produção à comercialização. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 6, n. 3, p. 559-571, 2011.

SCHULTES, R.E. Richard Spruce: An early ethnobotanist and explorer of the Northwest Amazon and Northern Andes. Journal of Ethnobiology, v. 3, n. 2, p. 139-147, 1983.

SEAWARD, M. R. D. Richard Spruce, botanist-South America's explorer. Revista História, Ciências, Saúde Manguinhos, v. 7, n.2, p. 379-390, 2000.

SHANLEY, P.; MEDINA, G. Frutíferas e Plantas úteis na Vida Amazônica. Belém: CIFOR, Imazon, 2005. 300 p.

SPRUCE, R. Botanical excursion on the Amazon. Hooker's J. Bot. v. 2, p. 65-76, 1850.

SPRUCE, R. Journal of a botanical voyage up the Amazon, rio Negro, and to the Casiquiare. Hookers J. Bot.. v.7, p. 1-8, 1855.

VIRAPONGSE, A., ENDRESS, B.A., GILMORE, M.P., HORN, C., ROMULO, C. Ecology, livelihoods, and management of the Mauritia flexuosa palm in South America. Global Ecology and Conservation, v. 10, p. 70-92, 2017.

WALLACE, A. R. Viagens pelo Amazonas e Rio Negro (1823-1913). Edições do Senado Federal, Notas de Basílio de Magalhães. Brasília: DF, v. 17, 2004. 630 p.

Referências das ilustrações

1-MARTIUS, C. F. P. V. Palmetum Mauritiae Flexuosae: In Insula Pautinga Archipelagi Paraensis. 1906. Ilustração. Vol. I, Part I, Fasc. See Urban Prancha 41.

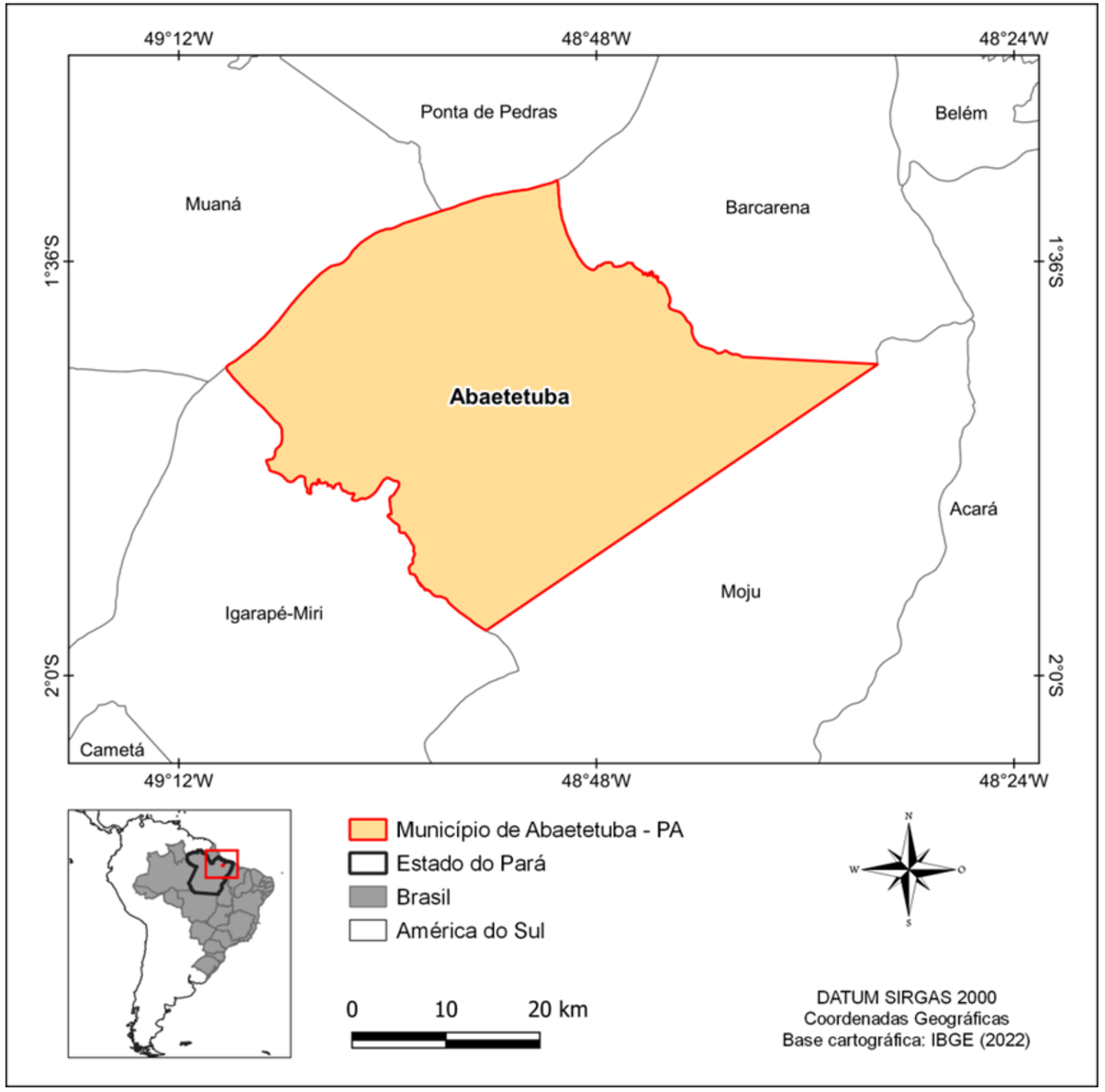
2-COLEÇÃO DE BOTÂNICA ECONÔMICA. Frutos de *Mauritia flexuosa* L. f: coleta de Spruce, n.2 in Caripi. Royal Botanic Gardens, Kew: Economic Botany Collection, 1849. Fotografia. (EBC 35911). Disponível em: https://www.kew.org/science/engage/accessing-our-science/access-our-collections/economic-botany-collection. Acesso em: 4 out. 2023.

3-VON HAGEN, V. W. 1945. South America called them: explorations of the great naturalists La Condamine, Humboldt, Darwin, Spruce. Knopf, New York, New York, USA.

4-MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Mauritia flexuosa* L. f. 1881. Ilustração. Vol. III, Part II, Fasc. 85 Prancha 63.

Abaetetuba: A pérola do Baixo Tocantins

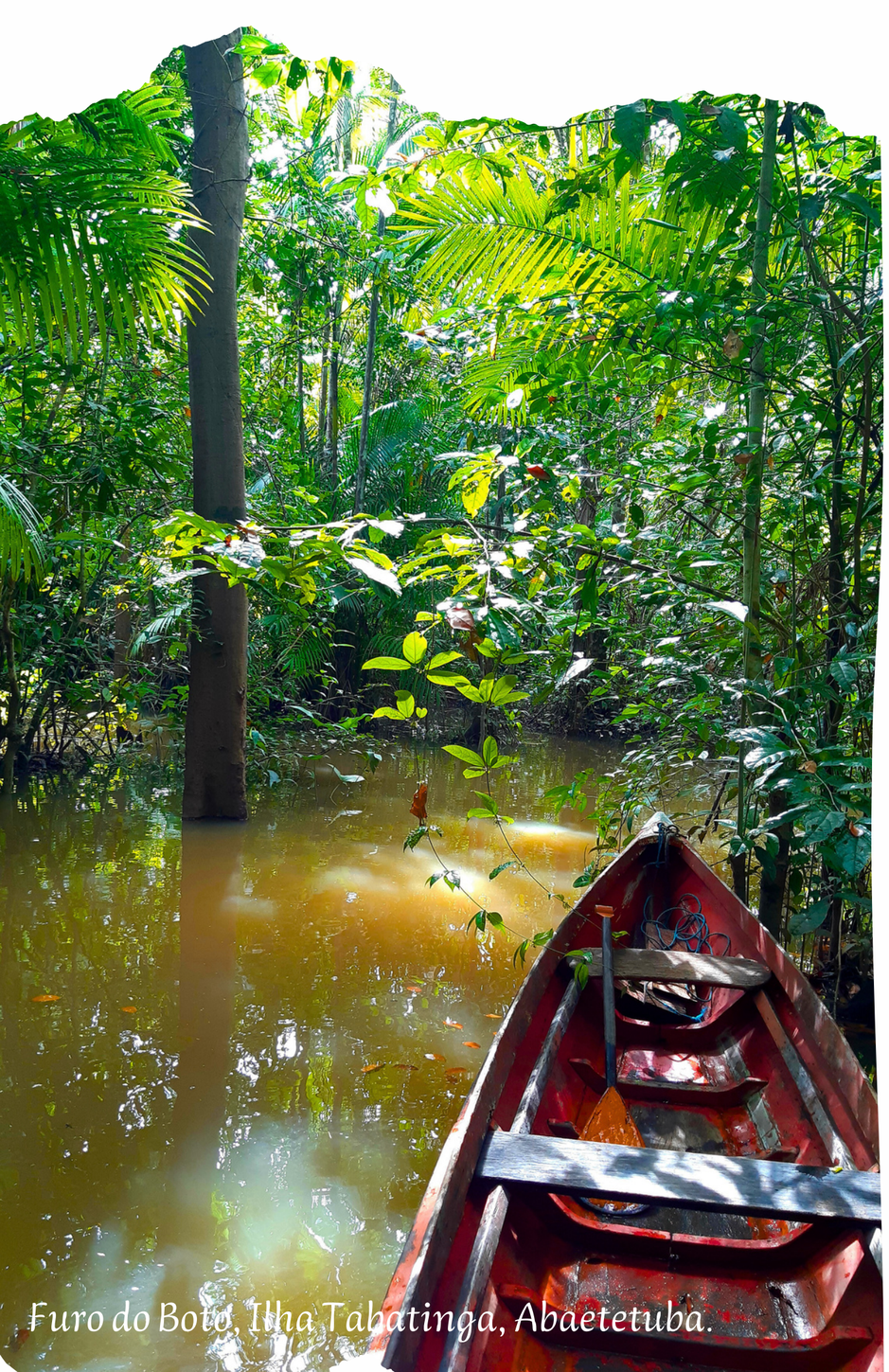
Francineti Maria Rodrigues Carvalho
Antonio Pedro Costa Bastos
Aline Costa Bastos
Ana Cristina Andrade de Aguiar Dias
Ely Simone Cajueiro Gurgel



Localização geográfica do município de Abaetetuba-PA. Fonte: Os autores (2023).

Abaetetuba, município localizado na mesorregião do nordeste paraense e microrregião de Cametá, têm a sede municipal está situada nas coordenadas 01°43'24" de latitude Sul e 48°52'54" de longitude a Oeste de Greenwich (Prefeitura Municipal de Abaetetuba, 2006). No último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, os resultados parciais demonstraram que o município possuía 141.100 habitantes; em 2021, este número subiu para 158.188, incluindo os moradores das ilhas do município (IBGE, 2023).

A Floresta inundável é a cobertura vegetal original da região que possui como vegetação característica, espécies ombrófilas latifoliadas (de folhas largas), intercaladas com palmeiras. Dentre as quais destacam-se, o açaí e o miriti como espécies de grande importância para as populações locais (Almeida *et al.*, 2004).



Furo do Boto, Ilha Tabatinga, Abaetetuba.

Na região amazônica, como consequência do hibridismo de etnias e culturas oriundas de sua colonização e dos povos que nela já habitavam, formaram-se inúmeras comunidades que trazem em suas bagagens saberes do conhecimento do universo botânico, os quais influenciaram diretamente na socioeconomia de alguns municípios, como Abaetetuba, situada na região nordeste do estado do Pará (Silva, 2014; Vasquez; Mendonça; Noda, 2014; Santos *et al.*, 2019; J

A transmissão do conhecimento nas comunidades tradicionais, em inúmeras ocasiões, contribuiu com os meios de subsistência em tempos de perturbação e mudança, a exemplo do miriti em Abaetetuba. A economia do município, que desde o século XIX era voltada para o de cultivo de cacau, arroz, café, além da forte presença de canaviais (o que deixou o município famoso pela produção de cachaça nos diversos engenhos presentes nas ilhas e na cidade de Abaeté) e da marcenaria naval, que entrou em declínio na segunda metade do século XX (Santos, 2009; Pardo-de-Santayana; Macía, 2015).

Embora tenha ocorrido queda em vários setores da economia no município, as formas de subsistência de origem indígena se mantiveram. A exemplo disso, a confecção de cestarias serviu como fonte de renda para inúmeras famílias, fazendo por um tempo com que Abaetetuba fosse conhecida como “Terra das Cestarias” (Santos, 2009). Atualmente, as fontes de renda primárias do município são o comércio local, a agricultura, pecuária e o extrativismo, destacando-se a extração de madeiras, fibras, palmito, açaí e miriti (IBGE, 2023).



Furo do Boto, Ilha Tabatinga, Abaetetuba.

Posteriormente, no final do século XX, o trabalho no município foi ressignificado com a *Mauritia flexuosa* L. f., sendo valorizado e reconhecido mundialmente através dos brinquedos de miriti, produzido pelos artesãos e suas famílias, que trazem consigo a memória e o ofício dos seus antepassados em esculpir, montar, pintar figuras do cotidiano amazônico na bucha (miolo do pecíolo) extraído do braço de miriti (Santos, 2009). Devido à expressividade desta espécie na cultura amazônica, sobretudo no município de Abaetetuba, o miriti tornou-se uma "espécie chave-cultural", ou seja, a palmeira pode ser expressada através dos costumes e crenças das comunidades tradicionais (Power, 1996; Oliveira, 2018). Estando, assim, no centro econômico, social e cultural da cidade.

A preservação de espécies como o miriti em Abaetetuba-PA, se dá principalmente pelas práticas bioculturais no município, que transcorrem a história dos habitantes e seus antepassados. A compreensão dos saberes tradicionais atrelados a natureza, mais especificamente a palmeira do miriti, ocorre na interação das crenças, conhecimento e nas práticas (Toledo, 2009; Toledo ; Barrera-Bassols, 2015).



Orla da cidade de Abaetetuba.



Os termos gregos citados mais adiante, oriundos da etnoecologia podem ser associados ao contexto do Miriti em Abaetetuba, como a exemplo do Círio de Nazaré (Kosmos), manifestação religiosa a qual tem o brinquedo de miriti como um dos seus símbolos, o que demanda grande parte da produção de brinquedos feitos da palmeira para o período de comemorações da santa em Belém. Esta demanda depende de outros fatores, que são os saberes em torno do manejo do miritizeiro (Corpus) e processos de refinamento dos produtos (Práxis) derivados da espécie, em práticas como produção de artesanato e alimentos.

O Miriti, além de contribuir no sustento dos artesãos, também proporcionou a manutenção da tradição artística do município. Então, Abaetetuba passou a ser chamada de “capital mundial do brinquedo de miriti”, passando a ser o berço de uma tradição cultural. Além do brinquedo, outros usos também são aplicados neste contexto, como cestarias, biojoias, objetos religiosos, vestuário e alimentação (Santos; Coelho-Ferreira, 2011; Júnior, 2015).

Todos os anos o município sedia eventos enfatizando a relevância da palmeira para a economia de Abaetetuba, como o Festival do miriti e o Festival Gastronômico. Tal importância da planta fez com que o artesanato de miriti recebesse o título de Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Pará (Júnior, 2015).



Criança conduzindo canoa no Rio Abaeté, Abaetetuba.

Referências

ALMEIDA, S.M.; AMARAL, D.D.; SILVA, A.S.L. Floristic analysis and structure of tidal flooded forests in the amazonian estuary. Acta Amazonica, v.34, p. 513-524, 2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia. População. Site, 2023. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/abaetetuba/panorama. Acesso em: 04 out. 2023.

JOSHI, A.R.; JOSHI, K. Indigenous knowledge and uses of medicinal plants by local communities of the Kali Gandaki Watershed Area, Nepal. Journal of Ethnopharmacology, v.73, p.175-83, 2000.

JÚNIOR, A.F. Entalhadores do efêmero: a vida associativa na criação dos Brinquedos de Miriti de Abaetetuba. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU), Universidade Federal do Pará (UFPA), 2015. Disponível em: https://www.ppgdstu.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/Dissertacoes/2015/AMARILDO%20FERREIRA%20J%C3%9ANIOR.pdf. Acesso em: 04 out. 2023.

OLIVEIRA, R. R. de. Saberes tradicionais e a história da paisagem. In: SANTOS, M.G., and QUINTERO, M., comps. Saberes tradicionais e locais: reflexões etnobiológicas [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, p. 14-27. Disponível em: https://books.scielo.org/id/zfzg5/pdf/santos-9788575114858-03.pdf. Acesso em: 04 out. 2023.

PARDO-DE-SANTAYANA, M.; MACÍA, M. J. Os benefícios do conhecimento tradicional. Natureza , v. 518, n. 7540, p. 487-488, 2015.

POWER, M. “Challenges in thequest for keystones”. Bioscience, Washington, v. 46, n. 8, p. 609-20, 1996.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ABAETETUBA. Projeto LEI: 012/06 de setembro de 2006. Plano Diretor Participativo de Abaetetuba, Abaetetuba- PA, p. 1-113, 6 set. 2006. Disponível em: https://abaetetuba.pa.gov.br/arquivos/17/PDMPA-
DIGITADO.pdf. Acesso em: 30 ago. 2021.

SANTOS, D. L.; MORAES, J. S.; ARAÚJO, Z. T. de S.; DA SILVA, I. R Saberes tradicionais sobre plantas medicinais na conservação da biodiversidade amazônica. Ciências em Foco, v. 12, n. 1, 2019.

SANTOS, R. S. Etnobotânica e extrativismo do miriti (Mauritia flexuosa L.f) utilizado no artesanato popular de comunidades ribeirinhas do estuário amazônico. Dissertação (Mestrado em Botânica Tropical), Universidade Federal Rural da Amazônia/Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 2009. 95p.

SANTOS, R. S.; COELHO-FERREIRA, M. Artefatos de miriti (Mauritia flexuosa L. f.) em Abaetetuba, Pará: da produção à comercialização. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 6, n. 3, p. 559-571, 2011.

SILVA, C. L. F. et al. Uso terapêutico e religioso das ervas. Revista Caminhos. Revista de Ciências da Religião, v. 12, n. 1, p. 79-92, 2014.

TOLEDO, V. M. M.; BARRERA-BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós normal que estuda as sabedorias tradicionais. Desenvolvimento e Meio ambiente, v. 20, 2009.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. 1. ed. Editora Expressão Popular, São Paulo, 2015.

VASQUEZ, S. P. F.; MENDONCA, M. S.; NODA, S. N.. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. Acta da Amazônia, Manaus, v. 44, n. 4, p. 457-472, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0044- 59672014000400007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 Mai. 2021.

Os artesãos de miriti

Antonio Pedro Costa Bastos
Ana Cristina Andrade de Aguiar Dias
Monyck Jeane dos Santos Lopes
Aline Costa Bastos
Ely Simone Cajueiro Gurgel

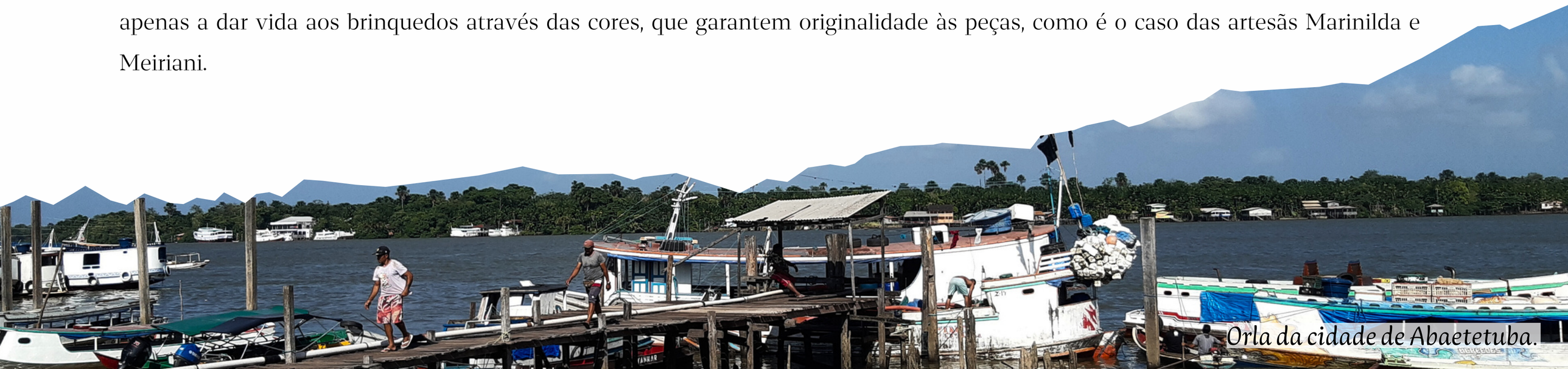
O artesanato carrega consigo os sentimentos e lembranças daqueles que produzem desde a elaboração da peça até o seu processo de finalização. Estas pessoas depositam no seu trabalho os vínculos afetivos e repassam aos detentores de guarda (as pessoas que adquirem esses objetos) a sua origem e história (Oliveira; Mourão; Maciel, 2020). As representações escultóricas e pictóricas, preparação de alimentos, trançados, costuras e armações de utensílios constituídas com as partes do miriti e as características atribuídas às peças, como as cores, tamanhos e formatos são designadas de acordo com a especialidade que cada artesão possui.



Associação de Mulheres Artesãs do Rio Genipaúba, Abaetetuba.

Essas habilidades em produzir estes artefatos, o conhecimento adquirido, a habilidade, o tempo de trabalho com o artesanato e o ensinamento do ofício, concede aos artesãos o título de mestre. Este título, segundo os artesãos representa uma longa jornada construída com o Miriti, sendo este título uma referência positiva que revela experiência entre a comunidade de artesãos. Portanto, os artefatos confeccionados são instrumentos de memória e documentação, visto que estas especialidades foram adquiridas com outros artesãos, familiares e amigos que tinham como ofício o trabalho com o Miriti, mais especificamente com o pecíolo (braço), e trazem consigo características adquiridas ao longo da história de trabalho com a palmeira.

Alguns artesãos tornaram-se mestres em suas especialidades na confecção de brinquedos, como os mestres Santinho e Riva, na elaboração de canoas; mestre Miranda, na produção de embarcações de Miriti; mestre Leno, com as variadas espécies de pássaros; mestra Tica, na confecção dos casais de dançarinos; mestre Beto, com miniaturas; mestre Amadeu, com móbiles; mestre Bigode, com rodas-gigantes; e mestre Diabinho, com seus brinquedos articulados. Além desses trabalhos, algumas artesãs dedicam-se apenas a dar vida aos brinquedos através das cores, que garantem originalidade às peças, como é o caso das artesãs Marinilda e Meiriani.



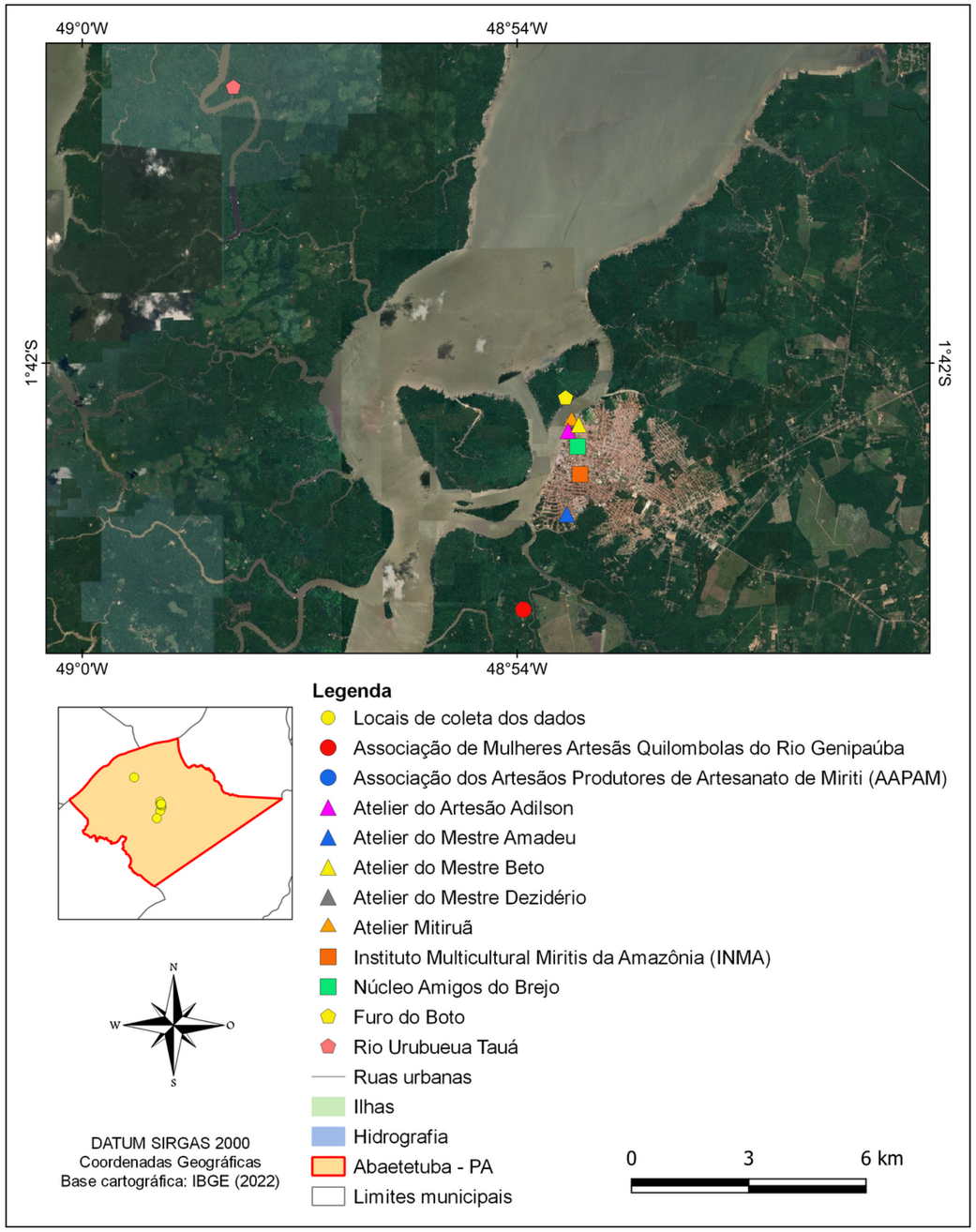
Orla da cidade de Abaetetuba.

Destacam-se também alguns artesãos pela sua expertise em darem ao miriti outras utilidades, como o caso da mestra Dorinha, que além de auxiliar no atelier do mestre Santinho, possui conhecimento acerca da culinária do miriti; o mestre Dezidério, conhecido como mestre Santeiro, possui o domínio de esculpir imagens sacras e o mestre Raildo na confecção de Orixás. Já mestra Gilda e sua filha Gercina Brandão, possuem habilidade e talento na confecção de biojoias de miriti, enquanto mestra Déa e a Associação de Mulheres Quilombolas do Rio Genipaúba, da qual faz parte, além de produzirem biojoias, tecem bolsas, roupas e produzem utensílios da fibra do miriti. Mestra Neide, por sua vez, é especialista na fabricação do licor da flor do miriti e a mestra Socorro possui o conhecimento ancestral de trançar cestarias.

São utilizadas habilidades e tecnologias que os artesãos desenvolveram com anos de trabalho e adaptação, como testes de fibras da palmeira para a confecção de cordões, uso de técnicas de marcenaria no enrijecimento de peças, elaboração de novos designs para brinquedos e utilização de técnicas de coletas de flores mais eficiente. Estas características garantem uma particularidade para a manufatura na região, visto que até mesmo para os brinquedos os traços artísticos das pinturas e os cortes feitos à mão no ato de esculpir são conhecidos entre os artesãos, trazendo a identidade de cada um em sua arte.



Mestre Beto e Marinilda, artesãos.



A distribuição dos mestres e artesãos colaboradores abrange a sede municipal e as ilhas do município, a grande maioria destes artesãos encontram-se na região urbana espalhados em ateliers de família, núcleos e associações como é mostrado no mapa de distribuição dos artesãos e coleta de dados ao lado. As associações possuem sede fixa, no entanto, parte dos artesãos associados trabalham no seu próprio atelier. Estes grupos, além de produzirem peças como brinquedos, biojóias e peças sacras, fomentam a cultura do município.

Estes espaços, naturalmente promovem desde os pequenos ateliers nos fundos das residências até os grandes espaços de exposição a preservação da memória biocultural do miriti em Abaetetuba, a fixação dessa memória para as novas gerações ocorre com a divulgação da arte abaetetubense em exposições museológicas e culturais, oficinas e palestras.



Núcleo Amigos do Brejo, Abaetetuba.

Referências

OLIVEIRA, A. C.; MOURÃO, N. M.; MACIEL, R. C. Valores afetivos: valores afetivos na experiência humana: design para a felicidade. In: ARAÚJO FILHO, P. M. de ; NERES, R. L.; MARTINS, E. R.; BRANDÃO, R. J. B. (Orgs.). Coletânea Educação 4.0: tecnologias educacionais, v.3, cap. 7, p-97-111. São Luís: Editora Pascal, 2020.

A flora dos ateliers de miriti

Antonio Pedro Costa Bastos
Thiara Luana Mamoré
Olívia Domingues Ribeiro
Clebiana de Sá Nunes
Wendell Vilhena de Carvalho
Mário Augusto Gonçalves Jardim
Ely Simone Cajueiro Gurgel

O miriti é o componente principal das inúmeras variedades de produtos artesanais nos ateliers. Entretanto, existe diversidade de outras espécies ocorrentes na flora de Abaetetuba que também são utilizadas e relacionadas com a expressividade cultural das comunidades.

O uso do miriti pode estar, ou não, vinculado a outras espécies de plantas que interagem na confecção das peças artesanais. Essas espécies dão aos atelieres mais variedades de produtos a serem comercializados e forte identidade visual. São 47 espécies de plantas de importante visibilidade cultural e comercial que se fazem presente nas atividades artesanais.

A multiplicidade de usos abrange o aproveitamento de partes vegetativas e reprodutivas, como a utilização de sementes do açaí, muruci e estando associadas à produção de biojoias de miriti. Em alguns ateliers, como da mestra Neide, a produção de licor a partir da infusão da flor de miriti é a principal especialidade, além de cupuaçu e do caju do mato, contribuindo nas variedades de bebidas produzidas no atelier. Na produção de brinquedos de miriti, o uso de outras espécies é reduzido, sendo utilizadas apenas fibras do cipó titica para amarrações e urucum como corantes naturais para tingir peças. Nas cestarias produzidas pela mestra Socorro, o arumã compõe as bordas dos paneiros, pois é um bioproduto maleável e muito útil na amarração.

A Tabela 1 mostra as espécies de plantas que são utilizadas por 50% dos artesãos, pois a outra metade dos colaboradores fazem uso exclusivo do miriti em seus ateliers, para a confecção de brinquedos e peças sacras.



Frutos e flor de urucum.

Tabela 1: Espécies presentes nos ateliers.

Item	Família	Nome Científico	Nome Popular	Parte utilizada	Uso
1	Urticaceae	*Cecropia ficifolia* Warb. ex Snethl.	Embaúba	Semente/Flor	Arranjos florais
2	Arecaceae	*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng.	Babaçú	Fruto	Biojóia
3	Fabaceae	*Pterocarpus rohrii* Vahl	Mututi	Fruto	Biojóia
4	Lauraceae	*Cinnamomum* sp.	Canela	Casca	Biojóia
5	Lecythidaceae	*Bertholletia excelsa* Bonpl.	Castanha	Fruto	Biojóia
6	Arecaceae	*Cocos nucifera* L.	Coco	Fruto e Fibra	Biojóia
7	Sapindaceae	*Sapindus saponaria* L.	Saboneteira	Semente	Biojóia
8	Arecaceae	*Phytelephas macrocarpa* Ruiz & Pav.	Jarina	Semente	Biojóia
9	Poaceae	*Zea* sp.	Milho	Semente	Biojóia
10	Fabaceae	*Schizolobium amazonicum* Huber ex Ducke	Paricá	Semente	Biojóia
11	Fabaceae	*Pterodone marginatus*Vogel	Sucupira	Semente	Biojóia
12	Humiriaceae	*Sacoglottis amazonica* Mart.	Uxirana	Semente	Biojóia
13	Fabaceae	*Dalbergia monetaria*L.f.	Verônica	Caule	Biojóia
14	Eriocaulaceae	*Comanthera elegans* (Bong.) L.R. Parra & Giul.	Flor do Campo	Inflorescência	Biojóia
15	Eriocaulaceae	*Syngonanthus nitens* Ruhland	Capim dourado	Inflorescência	Biojóia
16	Cucurbitaceae	*Curcubita* sp.	Abóbora	Semente	Biojóia
17	Poaceae	*Oryza* sp.	Arroz	Semente	Biojóia
18	Euphorbiaceae	*Manihot*sp.	Mandioca	Raiz	Biojóia
19	Fabaceae	*Phaseolus vulgaris* L.	Feijão	Semente	Biojóia
20	Amaryllidaceae	*Allium sativum* L.	Alho	Bulbo	Biojóia
21	Araliaceae	*Didymopanax morototoni* (Aubl.) Decne. & Planch.	Marará/ Morototó	Semente	Biojóia
22	Sapindaceae	*Talisia esculenta* (Cambess.) Radlk.	Boli Boli	Semente	Biojóia
23	Sapindaceae	*Paullinia cupana* Kunth	Guaraná	Semente	Biojóia
24	Arecaceae	*Manicaria saccifera* Gaertn.	Tururi	Fibra	Biojóia
25	Indet.	Indet.	Maracuera	Semente	Biojóia
26	Arecaceae	*Euterpe* sp.	Açaí Una	Semente	Biojóia

27	Euphorbiaceae	*Hevea brasiliensis* (Willd. ex A.Juss.) Müll.Arg.	Seringueira	Semente	Biojóia
28	Malpighiaceae	*Byrsonima crassifolia* (L.) Kunth	Murici	Semente	Biojóia
29	Arecaceae	*Astrocaryum aculeatum*G.Mey.	Tucumã	Semente	Biojóia
30	Arecaceae	*Raphia taedigera* (Mart.) Mart.	Jupati	Semente/Folha	Biojóia/Cestaria
31	Araceae	*Heteropsis flexuosa* (Kunth) G.S. Bunting	Cipó Titica	Caule	Brinquedos
32	Fabaceae	*Adenanthera pavonina* L.	Tento	Semente	Brinquedos/Biojóia/Vestuário
33	Marantaceae	*Ischnosiphon gracilis*(Rudge) Körn.	Arumã	Colmo	Cestaria
34	Bixaceae	*Bixa orellana* L.	Urucum	Semente	Corante
35	Rubiaceae	*Genipa americana* L.	Jenipapo	Semente e fruto	Corante e licor
36	Malvaceae	*Corchorus capsularis* L.	Juta	Fibra	Estandarte
37	Myrtaceae	*Psidium cattleianum* Sabine	Araçá	Fruto	Licor
38	Anacardiaceae	*Anacardium humile* A.St.-Hil	Cajú do Mato	Fruto	Licor
39	Poaceae	*Saccharum officinarum* L.	Cana	Colmo	Licor
40	Malvaceae	*Theobroma grandiflorum* (Willd. ex Spreng.) K.Schum.	Cupuaçu	Fruto	Licor
41	Zingiberaceae	*Zingiber officinale* Roscoe	Gengibre	Raíz	Licor
42	Myrtaceae	*Syzygium samarangense* (Blume) Merr. & L.M.Perry	Jambo Rosa	Fruto	Licor
43	Malvaceae	*Theobroma cacao* L.	Cacau	Fruto	Licor
44	Arecaceae	*Euterpe oleracea* Mart.	Açaí	Fruto	Licor/ Brinquedos / Biojóias
45	Bromeliaceae	*Ananas comosus* (L.) Merril	Abacaxi	Folha	Papel
46	Musaceae	*Musa paradisiaca* L.	Bananeira	Fibra	Papel
47	Cucurbitaceae	*Cucumis anguria* L.	Maxixe	Semente	Papel

Fonte: Os autores (2023).

A diversidade de produtos confeccionados com as espécies presentes nos ateliers está relacionada majoritariamente às mulheres, devido ao fato dessas atividades estarem voltadas aos trabalhos de preparo de alimentos e confecção de biojoias, atividades laborais consideradas culturalmente femininas. As espécies apresentadas são matéria-prima essencial para a produção de arranjos florais, biojoias, cestarias, brinquedos, corantes, estandartes, licores e papéis.



Biojoias diversas da Associação de Mulheres Artesãs Quilombolas do Rio Genipaúba.

As biojoias possuem a produção que abrange o maior número de diversidade de espécies nas suas confecções, principalmente de peças feitas pelas Associação de Mulheres Artesãs Quilombolas do Rio Genipaúba, Mestra Gilda e Mestre Raildo, que são considerados guardiões desse conhecimento, pois realizam desde a coleta das partes a serem utilizadas no preparo até a finalização das peças, como colares, brincos, pulseiras e anéis.

As espécies que os artesãos utilizam proporcionam o embelezamento das biojoias devido às suas características e especificidades morfológicas. A jarina, uma palmeira dioica de pequeno a médio porte, nativa da Amazônia, quando maduras produzem sementes brancas e opacas com textura semelhante ao marfim animal. Por conta disso, elas são conhecidas como o marfim da Amazônia e são altamente manejáveis na produção artesanal. No mercado, a jarina é amplamente comercializada devido sua capacidade de mudar de cor e à facilidade no manuseio, o que a torna uma excelente escolha para a confecção de artesanatos, biojóias e botões industriais (Costa; Rodrigues; Hohn., 2006; Lorenzi *et al.*, 2010; Neto; Ferreira., 2014).

Outra espécie utilizada é o babaçu, palmeira cujos frutos são classificados como drupáceos oblongo-elípticos, com epicarpo fibroso e de coloração marrom, mesocarpo branco e farináceo e endocarpo lenhoso. Este último, atua na proteção da semente e é constituído por lignina, o que confere ao endocarpo maior rigidez, impermeabilidade e resistência, em razão destas características é muito utilizado na confecção de biojoias (Guedes *et al.*, 2015).

O morototó, ou marará, é nativo da América do Sul e pode alcançar até 30 metros de altura. Seus frutos são azulados quando jovens, tornando-se suculentos e purpúreos na maturidade, com sementes brancas e endocarpos rígidos. É muito utilizado na produção de biojoias, incluindo colares, pulseiras e brincos, além de detalhes em pingentes e chaveiros (Ohashi; Leão, 2005; Carvalho, 2006; Santos *et al.*, 2018; Gonçalves, 2019).



Açaizal.

O tucumã, palmeira grande e espinhosa, com estipe ereto de chegando a até 30 metros também é uma espécie amplamente utilizada de maneira artesanal na produção de biojoias. Apresenta folhas ovadas com espinhos ao longo do comprimento, medindo de 4 a 5 m. As sementes são utilizadas no artesanato na confecção de anéis, pulseiras e colares por conta de seu endocarpo maleável. Os óleos extraídos a partir das sementes são comestíveis, utilizados em suplementos alimentares e na ração animal (Ramos *et al.*, 2009; Santos *et al.*, 2018).

Outra espécie bastante utilizada é a seringueira, que é uma planta nativa da região Amazônica, que pode atingir até 30 metros de altura e possui um tronco reto e cilíndrico feito de madeira branca e clara. Suas folhas são compostas, trifoliadas e alternadas, enquanto as flores são pequenas e agrupadas em largas panículas. O fruto da seringueira é uma cápsula grande, geralmente contendo três sementes. As sementes, ricas em óleo, possuem um tegumento duro e brilhante, de cor marrom, com numerosas marcas na superfície dorsal (IAPAR, 2004; Moreira, 2009; EMBRAPA, [s.d.]). É muito utilizada na produção de biojoias, incluindo colares.

A sucupira branca é uma árvore nativa do Brasil, que pode atingir até 16 metros de altura e é usada na medicina popular devido às suas propriedades anti-inflamatórias, antirreumáticas e analgésicas. Os frutos são sâmaras (pterocarpos) indeiscentes e alados, que caem naturalmente e são dispersos por longas distâncias devido ao seu formato oval. As sementes contêm óleo amargo e possuem componentes ativos que podem ser usados para fins terapêuticos. Além disso, são utilizadas pelos artesãos em Abaetetuba na confecção de biojoias (Lorenzi, 2002; Mascaro; Teixeira; Gilbert, 2004; Dutra, 2008; Oliveira, 2016; UEPA, 2022).

Uma espécie que também é bastante apreciada é o tento, árvore exótica da família Fabaceae, que pode atingir até 15 metros de altura. Suas folhas são compostas, bipinadas, com folíolos alternados, que têm formato oblongo ou ovado. As flores são pequenas e apresentam tonalidade amarelo-pálida. Seus frutos são do tipo legume, simples, secos e deiscentes. As sementes, pequenas, globosas e achatadas, possuem coloração vermelho-brilhante e testa rígido-membranácea. Essas sementes são utilizadas na confecção de biojoias e são comercializadas como acessórios exclusivos (Freitas *et al.,* 2019; Jesus; Costa, 2021; Cordeiro, 2022).

A saboneteira ou sabão-de-soldado é uma árvore pode chegar a 16 metros de altura, possuindo folhas compostas, alternas e paripinadas, dispostas em espiral com 2 a 6 pares de folíolos opostos ou alternos. Suas flores unissexuais e hermafroditas, pequenas e quase inodoras, ocorrem em inflorescências em panículas amplas e terminais pubescentes. Seus frutos são esquizocárpicos, formando uma baga multiglobosa amarelada translúcida a marrom roxa, com sementes globulosas, pretas, duras e altamente tóxicas. Essas sementes, junto com o óleo proveniente dos frutos, são usadas como inseticida natural e na preparação de sabonetes. Essa espécie é utilizada pela mestra Gilda na confecção de biojoias como brincos (Carvalho, 2014).

A canela é famosa pelo seu agradável sabor e aroma, com diversas aplicações na medicina, gastronomia e no artesanato. Na medicina terapêutica o chá tem ação antioxidante e anti-inflamatória, em função do constituinte químico eugenol presente no óleo essencial da planta (Kallel *et al.,* 2019). As cascas e folhas são utilizadas na produção de doces, bolo e canjicas, bem como as cascas são aproveitadas para a confecção de biojoias na Associação de Mulheres Quilombolas do Rio Genipaúba em função da rigidez que apresentam.

Mestra Neide, que é especialista no Licor da flor de miriti, produz outros licores de plantas bastante conhecidas e apreciadas na região de Abaetetuba. Os licores são feitos a partir da infusão de partes da planta na cachaça, bebida alcoólica produzida a partir da cana, (Silva *et al.,* 2020). No atelier, espécie como o cacau tem seus frutos aproveitados na alimentação, pois esta árvore de pequeno porte possui frutos que são cápsulas bacáceas e sementes envolvidas com uma polpa adocicada da qual é preparado o licor (Lorenzi; Matos, 2008). Outra espécie é o caju do mato, que tem a parte carnosa (pseudofruto) consumidos in natura ou processados, podendo ser utilizados em sucos, bebidas, geleias e doces. São ricos em carboidratos, vitaminas e sais minerais, quando fermentados fornecem uma espécie de aguardente, considerado um atrativo na produção de licores (Lorenzi; Matos, 2008; Carelle *et al.,* 2021). O gengibre, que é uma espécie utilizada desde a antiguidade, têm rizomas utilizados como especiarias para fornecer sabor doce e picante aos alimentos e bebidas como o licor (Lorenzi; Matos, 2008). O fruto do cupuaçu é uma baga drupácea muito apreciado na região amazônica, quando maduro exala um aroma agradável característicos da planta, possui uma casca rígida, as sementes são envolvidas por uma poupa branca e carnuda, é amplamente utilizada produção de doces, sucos e sobremesas, além desses usos, o cupuaçu pode ser utilizado para a confecção de licores artesanais como os produzidos pela Mestra Neide (Coradin *et al.,* 2022).



Licores do Atelier da Mestra Neide.

Dentre as espécies utilizadas para a produção de bebidas têm-se o fruto do açaizeiro, que é do tipo drupa globosa, com coloração roxa e nascem em cachos, são conhecidos pela extração da polpa, a qual é consumida como alimento na região amazônica. As sementes possuem endosperma abundante e ruminado, são aplicadas de forma sustentável para a confecção de biojoias, para isto, são realizadas etapas como coleta, limpeza, secagem, polimento e pigmentação (De Oliveira; Neto; Pena, 2007).

Juta, uma erva lenhosa que atinge de 3 a 4 metros de altura com caules de 2 a 3 cm de diâmetro. Altamente adaptável a climas quentes e úmidos, é uma das principais fontes de fibras lignocelulósicas. A fibra útil encontra-se entre a casca e o talo interno, sendo extraída por maceração após o corte próximo ao solo. É longa e brilhante, naturalmente renovável, biodegradável, compostável e de baixo custo. Após o algodão, é a fibra mais versátil, sendo usada em produtos como fardos de algodão, barbantes, sacolas de compras, carpetes e tapetes (Mansourian; Razmi; Razavi, 2016; Medina; Dzalto, 2018; Jahan; Hossain; Khan, 2022; Costa-Filho; Lasmar; Silva, 2023; Cunha, 2023).

O miriti e seus vários usos feitos pelos artesões de Abaetetuba, estarão sempre associados a grande diversidade de espécies que os circundam, em toda a sua pluralidade cultural, religiosa e biológica, mostrando a força que o miriti traz junto com ele dentro da comunidade. As características, singularidades e peculiaridades morfológicas das espécies que em sua maioria são nativas da região Amazônica, são componentes principais para a grande produção de artefatos que transmite através da arte a história e biodiversidade da região.



Transporte de açaí, Rio Jarumã, Abaetetuba.

Referências

CARELLE, J. S.; DA SILVA, G. R.; RIBEIRO, R. V.; NETO, J. V.; DOS SANTOS, É. L. Composição nutricional de frutos do Cerrado mato grossense: cajuzinho do cerrado (Anacardium humile A. St.-Hil.), curriola (Pouteria ramiflora (Mart.) Radlk.) e inharé (Brosimum gaudichaudii Trécul). Revista do Instituto Adolfo Lutz,v. 80, 2021.

CARVALHO, L.M.M.C. Estudos de Etnobotânica e Botânica Económica no Alentejo. Tese (Doutorado em Biologia - Sistemática e Morfologia), Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2006. 569p. Disponível em: https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/2078/1/Tese.pdf. Acesso em: 04 out. 2023.

CARVALHO, PER. Sabão-de-soldado: Sapindus saponaria. Tese (Doutorado em Sociedade, Natureza e desenvolvimento), EMBRAPA, UFOPA 2014.

CORADIN, L.; CAMILLO, J.; VIEIRA, I. C. G. (Ed.). Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: Plantas para o futuro: região Norte. Brasília, DF: MMA, 2022. (Série Biodiversidade; 53). 1452p.

CORDEIRO, M. B. Revitalização da coleção de sementes do herbário do Centro de Estudos Superiores de Parintins-UEA para fins didáticos. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas), Centro De Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas, 2022.

COSTA FILHO, A. O; LASMAR, D. J.; SILVA C., J. An analysis of the chemical and morphological properties of brazilian jute plant fiber (Corchorus capsularis): the Amazon fiber: Uma análise das propriedades químicas e morfológicas da fibra vegetal de juta brasileira (Corchorus capsularis): a fibra amazônica. Concilium, v. 23, n. 3, p. 1049-1063, 2023.

COSTA, M. L.; da. RODRIGUES, S. F. S.; HOHN, H. Jarina: o marfim das biojóias da Amazônia. Revista Escola de Minas, Ouro Preto, v.59, n.4, p. 367-371, 2006.

CUNHA, C. M. Extração e caracterização da nanocelulose de fibras mistas de juta (Corchorus capsularis L.) e malva (Urena lobata L.). Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso Engenharia de Materais), Faculdade de Tecnologia (FT), da Universidade Federal Do Amazonas, 2023.

DE OLIVEIRA, M. D. S. P; NETO, J. T. F.; PENA, R. S. Açaí: técnicas de cultivo e processamento. Semana da Fruticultura, Floricultura e Agroindústria / VII Flor Pará, Belém: Instituto de Desenvolvimento da Fruticultura e Agroindústria – FRUTAL, 2007.

DUTRA, R.C. Avaliações fitoquímica e farmacológica dos frutos de Pterodon emarginatus Vogel. 2008, 244 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas na Área de Genética / Biotecnologia), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária. Seringueira. Site, [s.d.]. Disponível em: https://www.embrapa.br/en/agrossilvipastoril/sitio-tecnologico/trilha ecologica/especies/seringueira. Acesso em: 02/10/2023.

FREITAS, T. A. S; RIBEIRO, T. B.; OLIVEIRA, M. F.; SOUZA, L. S.; QUINTELA, M. P. Morfologia de frutos, sementes e plântulas, e aspectos de germinação de Adenanthera pavonina L. (Leguminosae). Revista Vértices, v. 21, n. 2, p. 233-248, 2019.

GONÇALVES, D. C. M. Estrutura populacional e uso da semente de morototó em comunidades na Flona Tapajós. 2019. Tese (Doutorado em sociedade, natureza e desenvolvimento), Universidade Federal do Oeste do Pará, 2019.

GUEDES, M. L.; FERREIRA, P. H. G.; SANTANA, K. N. O.; PIMENTA, M. A. S.; RIBEIRO, L. M. Morfologia dos frutos e produtividade de babaçu no norte de minas gerais, Brasil. Revista Árvore, n.39, p. 883-892, 2015.

IAPAR - INSTITUTO AGRONÔMICO DO PARANÁ. O Cultivo da Seringueira (Hevea spp.). Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento, 2004.

JAHAN, M.S.; HOSSAIN, S.; KHAN, M.A. (2022). Economic Importance of Jute. In: ZHANG, L.; KHAN, H.; KOLE, C. Compendium of Plant Genomes. Springer, cap.1, 2022.

JESUS, C. C.; COSTA, S. K. PFNM e os Tupinambá do Acuípe: identificação e registro a partir do uso pela comunidade. Nature and Conservation, v. 14, n. 3, p. 52-65, 2021.

KALLEL, I.; HADRICH, B.; GARGOURI, B.; CHAABANE, A.; LASSOUED, S.; GDOURA, R.; BEN MESSAOUD, E. Otimização da extração do óleo essencial de canela (Cinnamomum zeylanicum Blume): avaliação dos efeitos antioxidantes e antiproliferativos. Medicina Complementar e Alternativa Baseada em Evidências, 2019.

LORENZI, H.. Árvores Brasileiras Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil. 4. Ed., v.01. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora Ltda. 2002.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. Plantas Medicinais do Brasil: nativas e exóticas. 2.ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008.

LORENZI, H.; NOBLICK, L.; KAHN, F.; FERREIRA, E. J. L. Flora Brasileira: Arecaceae (Palmeiras). Nova Odessa: Plantarum, 2010. 384p.

MANSOURIAN, A; RAZMI, A; RAZAVI, M. Evaluation of fracture resistance of warm mix asphalt containing jute fibers. Construction e Building Materials, v. 117, p. 37 –46, 2016.

MASCARO, U.C.P.; TEIXEIRA, D.F.; GILBERT, B. Avaliação da sustentabilidade da coleta de frutos de sucupira branca (Pterodon emarginatus Vog.) após queda espontânea. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, v. 7, p. 131-138, 2004.

MEDINA, L. A.; DZALTO, J. Natural fibers. In: PETER W.R. BEAUMONT, CARL H. ZWEBEN. Comprehensive Composite Materials II. Elsevier, v. 1, p.269–294, 2018.

MOREIRA, S. A. F. Caracterização morfo-anatômica e bioquímica do desenvolvimento de frutos e sementes de seringueira (Hevea ssp.). 2009. Dissertação (Mestrado em Agronomia), Programa de Pós-Graduação em Agronomia, Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais, 2009.

NETO, V. C. D.; FERREIRA, E. J. Biometria de cachos, frutos e sementes da palmeira Jarina (Phytlephas mcrocarpa ruiz & pavon) oriundos de fragmentos florestais primários e secundários do leste do Acre. Enciclopédia Biosfera, v. 10, n. 19, 2014.

OHASHI, S. T.; LEÃO, N. V. M. Morototó Schefflera morototoni (Aubl.) Maguire, Steyerm. & Frodin. Informativo técnico rede de sementes da Amazônia, 12. Manaus: INPA, 2005.

OLIVEIRA, A. E. M. de F. M. Obtenção de produtos nanoestruturados bioativos a partir dos frutos de sucupira-branca (Pterodon emarginatus Vogel). 2016, 241 f. Tese (Doutorado em Inovação Farmacêutica), Fundação Universidade Federal do Amapá, Amapá, 2016.

RAMOS, S. L. F. R. F.; MACEDO, J. L. V.; LOPES, S. S.; RAMOS, L. F. F. Técnicas para facilitar a germinação das sementes de tucumã (Astrocaryum aculeatum Meyer). Embrapa Amazônia Ocidental, 2009.

SANTOS, M. F. dos; COSTA, D. L.; GAMA, J.R.V.; SOUSA,I. R. L.; FREITAS, B. B.. Produção de biojóias e geração de renda de artesãs na comunidade Jamaraquá, Belterra, Pará. Cadernos de Agroecologia. In: Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF., v.13, n.1, Jul. 2018.

SILVA, A. P. D., SILVELLO, G. C., BORTOLETTO, A. M., & ALCARDE, A. R. (2020). Composição química de aguardente de cana obtida por diferentes métodos de destilação. Brazilian Journal of Food Technology, 23, e2018308

UEPA. Universidade do Estado do Pará. Herbário MFS Profª Drª Marlene Freitas da Silva Brinco de Semente de Sucupira. 2022. Disponível em: https://herbariomfs.uepa.br/colecao-biocultural/brinco-de-semente-de-sucupira/. Acesso em: 02 ago. 2023.

Conservação do miriti em coleções etnobotânicas

Antonio Pedro Costa Bastos
Dyana Joy dos Santos Fonseca
Monyck Jeane dos Santos Lopes
Wendell Vilhena de Carvalho
Pedro Glécio Costa Lima
Márlia Coelho-Ferreira
Washington Soares Ferreira Júnior
Ely Simone Cajueiro Gurgel

As plantas trazem consigo simbolismos que revelam a riqueza e o refinamento dos sistemas de crenças e marcas culturais que são interpretados como instrumentos sagrados e de subsistência (Camargo, 2014; Rocha *et al.*, 2015). Embora os recursos vegetais auxiliem na manutenção de diversos sistemas culturais, estudos que investigam a relação entre seres humanos e as plantas têm alertado para as interferências, na maioria das vezes, negativas, causadas na estrutura das comunidades vegetais e paisagens, bem como no desenvolvimento de espécies e a ecologia de determinadas populações de plantas (Albuquerque; Andrade, 2002).

Além da ameaça à biodiversidade, a desvalorização dos saberes que envolvem o uso medicinal, místico, alimentício e artesanal tem sido evidenciada em populações urbanas contemporâneas, que negligenciam as contribuições concebidas por comunidades tradicionais (Baldauf *et al.*, 2009).

A Convenção sobre a Diversidade Biológica (CDB), ratificada no Brasil pelo Decreto Federal nº 2.519 de 16 de março de 1998, define a biodiversidade como a variabilidade entre os seres vivos de todas as origens (Ministério do Meio Ambiente, 2020). Povos e comunidades tradicionais são grandes aliados para a conservação das plantas, já que a diversidade biológica é também formada por construções culturais e sociais, pois as espécies se tornam fonte de conhecimento, domesticação e uso, servindo de inspiração até mesmo para o alicerçar de crenças (Diegues, 2000; Barros *et al.*, 2021).



Artefatos da Coleção MGEtno.



Fachada do Museu Paraense Emilio Goeldi, Avenida Magalhães Barata, Belém, PA.

A CDB, ao lado de outras estratégias multilaterais, tem pontuado aspectos estratégicos para o asseguramento dos direitos dos povos e comunidades tradicionais e a proteção dos seus conhecimentos associados à biodiversidade. Isso foi reforçado, por exemplo, nas metas de ação para 2030, onde foi destacada a urgente necessidade de garantir à comunidade global mais vulnerável a nutrição e segurança alimentar, acesso a medicamentos e meios de subsistência para as pessoas, através do manejo adequado de espécies selvagens terrestres, de água doce e marinhas, protegendo o uso sustentável habitual pelos povos indígenas e comunidades locais (CBD, 2021).

No âmbito da CDB, foi desenvolvido um programa específico para o componente vegetal da biodiversidade, Estratégia Global para a Conservação de Plantas (EGCP, 2006), visando conter a destruição de plantas, o que implica na proteção dos conhecimentos tradicionais sobre as floras regionais. A consolidação de coleções etnobotânicas deve caminhar nesta direção, preocupando-se em ampliar a conservação.

A necessidade da conservação de plantas como o Miriti e dos conhecimentos associados a elas fundamentam-se em dois aspectos, o primeiro por serem produtores primários e estruturantes de ecossistemas; o segundo é que existe maior compreensão científica acerca das plantas em relação a outros grupos biológicos (EGCP, 2006).

As coleções etnobotânicas, possuem valiosa relevância para a compreensão e documentação da biodiversidade, e cada espécime ou artefato possui valor único, com os quais tornam-se possíveis a realização de pesquisas geográficas, históricas, taxonômicas, ecológicas, arqueológicas, culturais, entre outros estudos (Santos *et al.*, 2021; Zaher; Young, 2003).



Cestarias no Museu de Arte Sacra, Belém, PA.



Coleção de Etnobotânica e Botânica Econômica do Museu Paraense Emílio Goeldi.

As coleções etnobotânicas funcionam como repositórios da biodiversidade vegetal e conhecimentos tradicionais atrelados, servindo como instrumentos de conservação e de pesquisas acerca da diversidade cultural e vegetal atendendo parte das metas da Estratégia Global para a Conservação de Plantas (2006), pois preservam dados do patrimônio biológico, geográfico e cultural (conhecimentos, práticas e crenças) associados aos materiais acervados nas coleções (Oliveira-Melo *et al.*, 2019).

Conservar a memória do miriti e a sabedoria das comunidades amazônicas sobre esta espécie é manter vivo os milhares de anos de história de relação do homem com essa palmeira, que até hoje continua influenciando o trabalho e arte em Abaetetuba por meio de seus artefatos que adornam as paisagens do município, alimentam o imaginário e enriquecem a cultura paraense.



Cestarias no Museu de Arte Sacra, Belém, PA.



Berlinda de Miriti no Museu de Arte Sacra, Belém, PA.

Segundo a Estratégia Global para a Conservação de Plantas (2006), as coleções atendem algumas metas que auxiliam na retenção da perda dos recursos vegetais, bem como da bioculturalidade associada. Algumas metas são a compreensão e a documentação da diversidade de plantas através das coletas botânicas e de artefatos Etnobotânicos; auxiliar e estimular o uso sustentável dos vegetais, ocorrendo por meio da extensão em comunidades tradicionais, escolas e espaços não formais estimulando a promoção da educação e conscientização sobre a diversidade de plantas.

De acordo com Oliveira-Melo *et al.* (2019), no Brasil existem quatro coleções etnobotânicas, sendo duas delas localizadas na Amazônia brasileira, em Belém-Pará. Os acervos do Herbário Profa. Dra. Marlene Freitas da Silva (MFS) da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e João Murça Pires, do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), são referências em estudos e pesquisas etnobotânicas na região amazônica, abrigam a memória vegetal atreladas aos usos e saberes tradicionais, incluindo o miriti.



Bonecos de Miriti.

Coleção de Etnobotânica e Botânica Econômica do Museu Paraense Emílio Goeldi

Os herbários exercem um papel importante no registro das informações sobre os usos das plantas, sendo conceituados como espaços que colecionam, preservam e identificam espécies de vegetais e fungos (Peixoto; Maia, 2013). Tais coleções são essenciais para o desenvolvimento de diversos estudos sobre as espécies, bem como a estabilização da nomenclatura dos grupos botânicos (Fonseca; Vieira, 2015).

Por sua vez, as Coleções Etnobotânicas são locais a onde são acervados: matérias-primas, produtos e artefatos, de origem vegetal parcial ou completamente processado, e vêm sendo tratadas, no Brasil, no escopo de coleções biológicas, geralmente associadas aos herbários (Cornish; Nesbitt, 2014), os recursos naturais que são acervados nessas coleções, muitas vezes, estão relacionados a um acumulo de conhecimentos, práticas e crenças elaboradas durante processos adaptativos entre os seres vivos e ambientes (Oliveira-Melo *et al.*, 2019).



Coleção de Etnobotânica e Botânica do MPEG.

Neste contexto, o herbário João Murça Pires (MG) do Museu Paraense Emílio Goeldi é o primeiro da região amazônica e o terceiro mais antigo do Brasil, apresenta um acervo de valor inestimável por apresentar cerca de 3.231 tipos de nomenclaturas, uma coleção de amostras vegetais de importantes botânicos da história das ciências naturais que passaram pela Amazônia, como Jacques Huber, Ernst Ule, Richard Spruce e Adolpho Ducke (Viana; Ilkiu-Borges; Sotao, 2015). Atualmente o herbário MG, encontra-se vinculado à Coleção Etnobotânica e de Botânica Econômica, com o acrônimo MGEtno, a qual reúne itens de origem vegetal com seus respectivos conhecimentos associados, estes itens foram coletados de comunidades tradicionais e utilizados em estudos científicos e também destinados à preservação da sabedoria ancestral relacionada ao uso das plantas.

A coleção MGEtno atualmente apresenta 897 itens que incluem desde artefatos, drogas vegetais e exsicatas. A mesma tem sido importante para a produção científica sobre etnobotânica no estado do Pará, especialmente contribuindo com a memória da cultura de Abaetetuba, oferecendo suporte para a acervação de materiais oriundos de comunidades deste município, a exemplo das pesquisas sobre plantas medicinais em comunidade quilombola (Pereira; Coelho-Ferreira, 2017) e produtos artesanais de miriti produzidos por ribeirinhos (Santos; Coelho-Ferreira, 2011).



Artefatos da Coleção MGEtno.

Esta coleção é importante porque contribui um registro da diversidade biológica e cultural da região amazônica, além de permitir a valorização da memória e dos conhecimentos tradicionais associados a utilização de espécies vegetais. A coleção inclui não somente plantas, mas também informações sobre seu uso medicinal, culinário, ritualístico e outras práticas associadas. É uma forma de valorização da cultura local e do conhecimento tradicional, além de contribuir para a manutenção da conservação da biodiversidade e a promoção do desenvolvimento sustentável.

As coleções atendem alguns objetivos que auxiliam na retenção da perda dos recursos vegetais, bem como da bioculturalidade associada. A compreensão e a documentação da diversidade de plantas através das coletas botânicas e de artefatos Etnobotânicos e o estímulo do uso sustentável dos vegetais, ocorrendo por meio da extensão em comunidades tradicionais, escolas e espaços não formais estimulando a promoção da educação e conscientização sobre a diversidade de plantas são algumas das metas a serem alcançadas.



Cestarias no Museu de Arte Sacra, Belém, PA.



Peças do Mestre Miranda na Feira do Círio, Belém, PA.

A coleção além de possuir um viés de preservação, funciona também como divulgadora dos conhecimentos tradicionais por meio de exposições de acesso ao público, como no projeto “Museu de Portas Abertas”. Esta programação realizada pelos pesquisadores e bolsistas do Museu Goeldi anualmente recebe a comunidade acadêmica, escolas e visitantes externos, com exposições científicas acerca das coleções, laboratórios e pesquisas científicas que são realizadas no Campus de Pesquisa e no Parque zoobotânico que visam a difusão da ciência.

Dentre os artefatos presentes na coleção MGEtno há também objetos e informações sobre o miriti que foram coletados ao longo desta pesquisa no município de Abaetetuba-PA, totalizando 76 peças que trazem consigo a expressividade da palmeira no município e a força de trabalho dos artesãos de miriti, poderão ser vistos a diante 59 exemplares contemplando o trabalho de todos os artesãos.



Barcos no Atelier do Mestre Amadeu.

Brinquedos



A extração de partes do miriti ocorre para suprir a necessidade de diversos usos, o mais comum é coleta das folhas para a retirada dos braços da palmeira, como são denominados os pecíolos. Os artesãos empregam instrumentos simples, geralmente facas e facões, como meio para esculpir e montar as peças (Rodrigues; Darnet; Silva, 2017). Para a produção de brinquedos é utilizada a “bucha” que consiste na medula do pecíolo, um material esponjoso e leve, ideal para esculpir.

Acredita-se que as crianças tenham sido as primeiras a "explorar o material" devido à sua textura suave e à capacidade de flutuar na água de forma leve. Na transição dos séculos XX para o XXI, o miriti passou a ser valorizado na região de Abaetetuba na sua forma de brinquedo e ganhou força com a festa do círio de Nazaré em Belém devido a comercialização desses artefatos produzidos a partir do pecíolo, conhecidos e admirados por sua beleza e originalidade (Santos; Coelho-Ferreira, 2011). Esta relação socioeconômica que garante a sobrevivência de famílias depende do artesanato de Miriti, bem como a perpetuação de características da bioculturalidade amazônica esculpida nos brinquedos. Abaetetuba ganhou a denominação de “terra dos brinquedos de miriti”, dada a relevância da produção desta modalidade de artesanato que cresce a cada ano (Araújo *et al.*, 2023).

A variabilidade de peças confeccionadas com a bucha do miriti abrange diversos tipos de representações, sendo estas relacionadas as especialidades dos artesãos e às memórias afetivas destes para produção de brinquedos, como os barqueiros que levavam em canoas os produtos (Tucupi, Cana, Patos) de Abaetetuba para Belém com a finalidade de comercialização no período do Círio de Nazaré para serem expostos nas praças e comercializados em girândolas.

Outras peças remetem ao cotidiano da população de Abaetetuba, como as festas populares, o comércio local representado pelos instrumentos de trabalho e locomoção, os comerciantes das ilhas que vendem seus produtos na capital paraense e brinquedos regionais. Destacam-se também a produção de alguns animais que fazem parte da fauna amazônica, as representações das espécies de aves que são esculpidas com o miriti seguem catálogos e enciclopédias referentes a estes grupos preservando os traços morfológicos destas espécies. A retratação de espécies da fauna utilizando o Miriti como ferramenta de valorização da biodiversidade, reforça o registro e o conhecimento sobre os animais esculpidos.

Os brinquedos se tornaram conhecidos por representar a imaginação local, com suas cores vibrantes e leveza que cativa, encanta e comove pessoas de todas as idades, evocando memórias de tempos passados (Silveira, 2012). Nos dias atuais, o brinquedo do miriti representa uma expressão da cultura paraense que integra em seu processo de criação os conhecimentos transmitidos ao longo de gerações por meio da tradição oral, da observação e da habilidade de reprodução





Brinquedos no Instituo Multicultural Miritis da Amazônia.

“O círio sem brinquedo de miriti não é círio”

-Mestra Dorinha



Braços de miriti, Mercado do Ver-O-Peso, Belém, Pará.

Braço de miriti

Nº de Registro: MG_Etn_00854

Origem: Atelier do Mestre Santinho, Rua Siqueira Mendes, Abaetetuba.

Descrição: A braça, braço, bucha ou esponja de miriti é a parte mais interna do pecíolo, que consiste em um material fibroso, de textura esponjosa e leve. Os artesãos de Abaetetuba as utilizam na confecção de brinquedos, na construção civil, peças sacras, biojoias e outros artefatos, conhecidos e admirados por sua beleza e originalidade





Pombinhas

Nº de Registro: MG_Etn_00844

Autoria: Mestre Amadeu

Origem: Atelier do Mestre Amadeu, Rua Jair Landia Abaetetuba.

Descrição: Este tradicional brinquedo de miriti representa um casal de aves se alimentando em um cocho, a peça é impulsionada por uma bolinha de argila que movimenta a cabeça dos pássaros, simulando a alimentação deles. Este artefato é bastante significativo para o Mestre Amadeu, visto que foi uma de suas primeiras confecções como artesão.



Brinquedos diversos produzidos pelos Mestres Santinho e Dorinha.



Cobra

Nº de Registro: MG_Etn_00882

Autoria: Mestre Amadeu

Origem: Atelier do Mestre Amadeu, Rua Jair Landia, Abaetetuba.

Descrição: A cobra é representada por grande parte dos artesãos. A peça é uma das várias interpretações artísticas, deste animal que é expressivo para a fauna amazônica e para lendas que envolvem o bicho na região. São utilizadas técnicas de articulações no corpo do animal ou entalhe que favoreça a estaticidade da peça. No entanto, o que torna a peça mais atratica são as cores variadas.

Palhaço articulado

Nº de Registro: MG_Etn_00883

Autoria: Mestra Tica

Origem: Núcleo Amigos do Brejo, Rua Lauro Sodré, Abaetetuba.

Descrição: A peça retrata um personagem comum entre as crianças: o palhaço, que é um brinquedo confeccionado utilizando a técnica de articulação, que possibilita a mobilidade dos membros, como braços e pernas podendo deixar o brinquedo disposto em diferentes posições.





Casas produzidas pelo Mestre Amadeu.



Casal de dançarinos

Descrição: As representações dos casais de dançarinos são uma externalização feita no miriti das noites dançantes e festividades que até hoje embalam o município de Abaetetuba. O Miritifest, a festa de Conceição, as festas das ilhas são exemplos das comemorações que animam a região do baixo Tocantins. Estes casais ganham vida com os variados cortes e pinturas, gingados e molejos, gêneros e uma variedades de identidades corporais delineados no braço da palmeira.



Nº de Registro: MG_Etn_00851

Autoria: Mestra Tica

Origem: Instituto Multicultural Miritis da Amazônia, Abaetetuba.

Nº de Registro: MG_Etn_00880

Autoria: Meriane Miranda

Origem: MR-5 Arte Amazônia, Abaetetuba.



Mestre Miranda com sua obra.

Peixe (Tucunaré)

Nº de Registro: MG_Etn_00893

Autoria: Mestre Diabinho

Origem: Núcleo Amigos do Brejo, Rua Lauro Sodré, Abaetetuba.

Descrição: O brinquedo do peixe é uma criação do Mestre Diabinho, o qual representa um elemento básico para a vida ribeirinha, o peixe. O brinquedo abaixo é o simulacro de um tucunaré, espécie comum da bacia hidrográfica amazônica.





Jacaré articulado

Nº de Registro: MG_Etn_00859

Autoria: Mestre Diabinho

Origem: Núcleo Amigos do Brejo, Rua Lauro Sodré, Abaetetuba.

Descrição: Essa peça representa o jacaré, uma espécie encontrada na Amazônia, e em Abaetetuba, esse animal é uma fonte de alimento bastante apreciada pela comunidade local. Este brinquedo tem articulações, uma técnica que é uma especialidade do artesão responsável pela criação da peça.



Cobras produzidas pelo Mestre Amadeu.



Mulher quilombola

Nº de Registro: MG_Etn_00846

Autoria: Mestre Diabinho

Origem: Núcleo Amigos do Brejo, Rua Lauro Sodré, Abaetetuba.

Descrição: A mulher quilombola é uma homenagem à força de trabalho feminina de Abaetetuba, especialmente aquelas mulheres que deixam as ilhas e colônias para vender seu cultivo, artesanato e preparos alimentícios na sede municipal, em Belém e outras cidades. Elas desempenham um papel fundamental na economia local e na preservação das tradições culturais da região.



Pato no paneiro

Nº de Registro: MG_Etn_00881

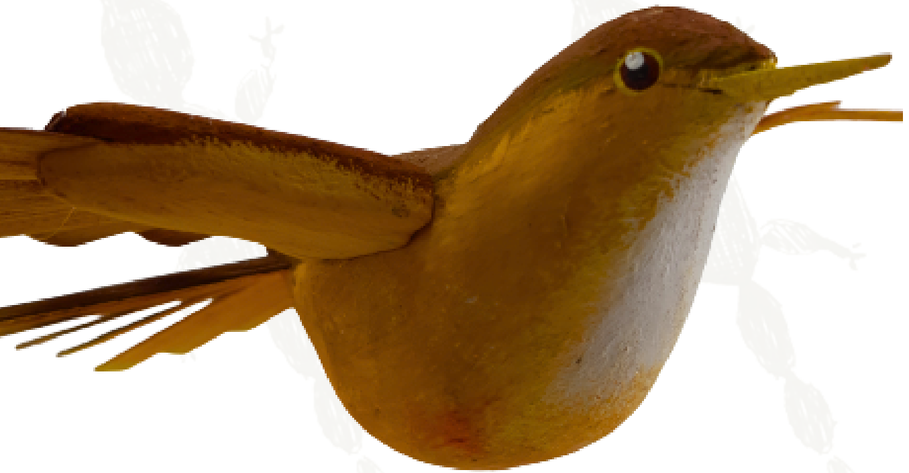
Autoria: Mestra Tica

Origem: Instituto Multicultural Miritis da Amazônia, Abaetetuba.

Descrição: O "pato no paneiro" é uma lembrança de como costumava ocorrer a venda de patos durante o período do Círio de Nazaré. Essa maneira de transportar os patos em cestos facilitava o deslocamento desses animais, especialmente em viagens mais longas. Embora não seja algo comum nos dias de hoje, ainda é possível encontrar essa prática em algumas áreas de Abaetetuba. Isso ilustra como as tradições antigas podem perdurar em certas comunidades, mesmo em meio às mudanças culturais e tecnológicas.



Pato no paneiro produzido pela Mestra Tica.



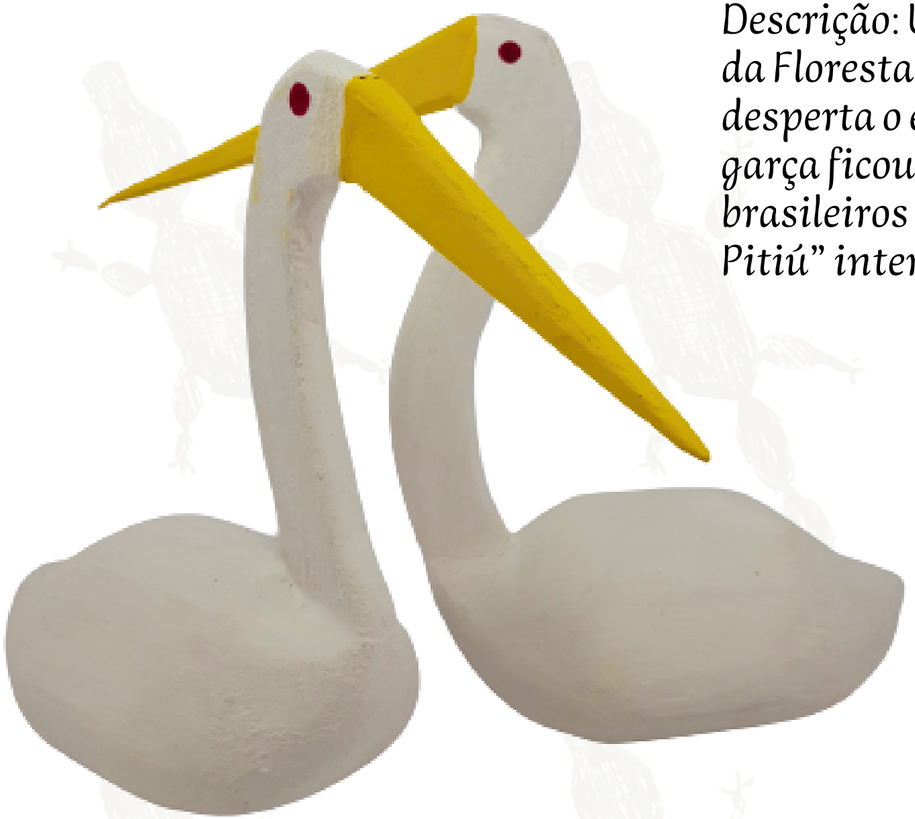
Sabiá

Nº de Registro: MG_Etn_00845

Autoria: Mestre Leno

Origem: Instituto Multicultural Miritis da Amazônia, Abaetetuba.

Descrição: O artefato é a representação de uma ave muito comum no Brasil, reconhecida pelo seu canto melodioso e por sua plumagem marrom-avermelhada. O sabiá foi esculpido pelo Mestre Leno, especialista em fazer pássaros.



Garças

Nº de Registro: MG_Etn_00847 e MG_Etn_00848

Autoria: Marinaldo Soares Pereira

Origem: Instituto Multicultural Miritis da Amazônia, Abaetetuba, Pará.

Descrição: Uma ave muito presente na fauna da Floresta Amazônica, sua graciosidade desperta o encanto pela liberdade. A figura da garça ficou bastante conhecida pelos brasileiros através da música “No Meio do Pitiú” interpretada pela cantora Dona Onete.



Nossa Senhora de Nazaré em canoa produzida pelo Mestre Beto e Marinilda.

Cortina de brinquedos

Nº de Registro: MG_Etn_00838

Autoria: Mestre Beto e Marinilda

Origem: Atelier do Mestre Beto, Bairro de São João, Abaetetuba.

Descrição: Este objeto decorativo incorpora várias miniaturas de brinquedos que são emblemáticos na cultura dos brinquedos de miriti. Essa peça não se destina apenas ao público infantil, mas também a todos que apreciam essa forma de arte. Pode ser usada para enfeitar uma ampla variedade de espaços.





Mestre Beto produzindo suas peças.

Mestre Paú

In memorian

José Roberto Ferreira, Mestre Beto, esculpiu e pintou os brinquedos representando uma canoa e um tatu e as doou para a Coleção Etnobotânica do Museu Goeldi em memória de seu pai, Miguel Ferreira. Habilidoso artesão nascido na ilha do Paruru, no município de Abaetetuba, Miguel ainda hoje conhecido e lembrado saudosamente como Mestre Paú. Estas peças são representações dos brinquedos vendidas pelo Mestre Paú nas festividades do Círio de Nazaré em Belém, como mostra sua fotografia tirada na praça do Carmo no bairro da Cidade Velha em Belém, por volta das décadas de 60-70, trazendo consigo uma girândola com estes brinquedos.



Mestre Paú.



Canoa

Nº de Registro: MG_Etn_00876

Autoria: Mestre Beto

Origem: Atelier do Mestre Beto, Bairro de São João, Abaetetuba.

Descrição: A peça representa o principal meio de transporte para os povos ribeirinhos da Amazônia, por ser uma embarcação leve à remo, facilita a condução de pequenos grupos de pessoas.



Tatu

Nº de Registro: MG_Etn_00877

Autoria: Mestre Beto

Origem: Atelier do Mestre Beto, Bairro de São João, Abaetetuba.

Descrição: Representação de um mamífero que habita comumente as matas da Amazônia, representando o hábito de caça que muitos moradores possuem, devido apreciarem a carne como iguaria na culinária campestre.



Atelier do Mestre Santinho e da Mestra Dorinha.



Pássaro de brinquedo

Nº de Registro: MG_Etn_00858

Autoria: Mestre Val

Origem: Instituto Multicultural Miritis da Amazônia, Abaetetuba.

Descrição: Este brinquedo foi criado para se assemelhar a um pássaro, o qual pode ter diferentes formas, tamanhos e cores.

Botos cor de rosa

Nº de Registro: MG_Etn_00843

Autoria: Mestre Macaco

Origem: Instituto Multicultural Miritis da Amazônia, Abaetetuba.

Descrição: Os brinquedos representam uma famosa lenda entre os povos ribeirinhos, nela o boto se transforma em um homem belo e sedutor que engravida as mulheres e após isso elas são abandonadas pelo ser, pois ele retorna para o rio em sua forma animal.





Forro de miriti da Associação de Artesãos Produtores de miriti, Abaetetuba.

Canoa com grafia indígena





Nº de Registro: MG_Etn_00878

Autoria: Mestre Riva

Origem: Instituto Multicultural Miritis da Amazônia, Abaetetuba.

Descrição: Este brinquedo é uma representação de uma embarcação tradicionalmente usada em rios e áreas ribeirinhas. As canoas possuem um formato estreito e alongado, além de possuir as laterais curvas e afiladas. É comumente usada para transporte de pessoas e cargas em ambientes fluviais. O desenho feito na canoa remete as origens indígenas do autor da peça, sendo ilustrado o grafismo indígena que associa-se a colmeia de abelhas, utilizada pelos antigos indígenas da região para o ritual de transição dos jovens para a fase adulta.



Instituto Multicultural Miritis da Amazônia, Abaetetuba.



Boneco Girandeiro

Nº de Registro: MG_Etn_00873

Autoria: Mestre Santinho e Mestra Dorinha

Origem: Atelier Mitiruã, Bairro de São João, Abaetetuba.

Descrição: O brinquedo representa os vendedores de brinquedos de miriti, que no dia do Círio de Nazaré carregam estruturas de madeira onde os brinquedos são amarrados para serem vendidos durante a procissão.



Barqueiro

Nº de Registro: MG_Etn_00872

Autoria: Mestre Santinho e Mestra Dorinha

Origem: Atelier Mitiruã, Bairro de São João, Abaetetuba.

Descrição: Figura do homem que conduz a embarcação, uma profissão muito importante no contexto ribeirinho, pois ajudam a atravessar pessoas e diversas mercadorias do cotidiano entre a cidade e as regiões insulares da Amazônia.



Mestras Neide e Tica pintando e esculpindo brinquedos de miriti.

Biojoias

Biojoias são arranjos culturais produzidos a partir de matérias primas naturais, como sementes, frutos, folhas, e cascas, de forma artesanal por comunidades étnicas e tradicionais, proporcionando uma conexão com a natureza e promovendo a sustentabilidade (Lopes; Schierholt, 2018). Estes artefatos guardam uma intrínseca associação aos usos cerimoniais religiosos, com a demarcação de ritos de passagem e ornamentos pessoais para uso cotidiano.

Estas joias artesanais são consideradas uma amostra da biodiversidade e possuem um alto valor agregado. O crescimento da conscientização ambiental tem contribuído para uma maior valorização dessas atividades, onde o uso destas peças deixou de ser exclusividade de comunidades tradicionais e nos dias atuais já é utilizada por grande parte dos brasileiros, inclusive vendidas no exterior.

Em Abaetetuba, a confecção de biojoias, as quais se incluem as de miriti, são produzidas a partir do processamento da semente e da folha da palmeira. Estas são aproveitadas devido à resistência de suas fibras, principalmente quando as folhas são novas ou ainda fechadas, também denominadas de envira, olho ou grelo.





Após coletadas, as enviras são abertas manualmente e colocados no sol ou em espaços abertos para que a secagem ocorra naturalmente, após isso, as fibras estarão soltas e desfiadas facilitando a confecção de produtos como cordões, cordas, bolsas, colares, brincos, arranjos, florais, estandartes e vassouras. Esta matéria prima, após o processo de secagem é conhecida como grelo.

Com os frutos não é diferente, é possível fazer o aproveitamento integral de todas as suas partes não comestíveis. Artesãos especialistas em biojoias de miriti utilizam o epicarpo (casca/escama) no enfeite das peças, o perianto persistente (florzinha) como brincos, o endocarpo (bucha) na confecção de pingentes para colares e as sementes (caroço) na produção de anéis.



"O miriti significa tudo...desde o pisar no miritizeiro até levar ele no peito como acessório".

-Mestra Deia

Associação de Mulheres Artesãs Quilombolas do Rio Genipaúba, Abaetetuba.



Colar de miriti e açaí

Nº de Registro: MG_Etn_00856

Autoria: Mestra Deia

Origem: Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas do Rio Genipaúba, Rio Genipaúba, Abaetetuba.

Descrição: Este acessório é feito do trançado com a fibra da envira do miriti e ornado com sementes de açaí tingidas em vermelho.



Colar de miriti e fibra de bananeira

Nº de Registro: MG_Etn_00857

Autoria: Mestra Deia

Origem: Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas do Rio Genipaúba, Rio Genipaúba, Abaetetuba.

Descrição: Este colar possui seu cordão e acabamentos feitos com as fibras do miriti, já o pingente é feito de papel de fibra de bananeira.



Envira

Nº de Registro: MG_Etn_00839

Origem: Furo do Boto, Rio Jarumã, Abaetetuba, PA.

Descrição: Após a coleta, os grelos são abertos manualmente e expostos ao sol ou deixados em espaços abertos para secar naturalmente. Depois desse processo, as fibras estarão soltas e desfiadas, o que facilita a criação de diversos produtos, como cordões, cordas, bolsas, colares, brincos, arranjos, peças florais, estandartes e até vassouras. Essa matéria-prima, após o processo de secagem, é conhecida como envira.



Anéis de semente de miriti, Atelier miriti Tauá.



Casca de miriti

Nº de Registro: MG_Etn_00837

Origem: Furo do Boto, Rio Jarumã, Abaetetuba, PA.

Descrição: A casca do miritizeiro, após passar por um processo de refinamento, pode ser utilizada na fabricação de biojoias.



Semente de miriti

Nº de Registro: MG_Etn_00889

Origem: Furo do Boto, Rio Jarumã, Abaetetuba, PA.

Descrição: As sementes, após serem lixadas e lapidadas, são aproveitadas na confecção de biojoias.



Colar do estipe

Nº de Registro: MG_Etn_00885

Autoria: Mestra Gilda

Origem: Atelier Miriti Tauá, Abaetetuba.

Descrição: O colar produzido com a casca de miriti e possui uma representação religiosa do Espírito Santo.



Anel de semente

Nº de Registro: MG_Etn_00884

Autoria: Mestra Gilda

Origem: Atelier Miriti Tauá, Abaetetuba.

Descrição: O anel feito da semente do miriti apresenta uma cruz desenhada em pirografia e é projetado para se expandir à medida que é usado.



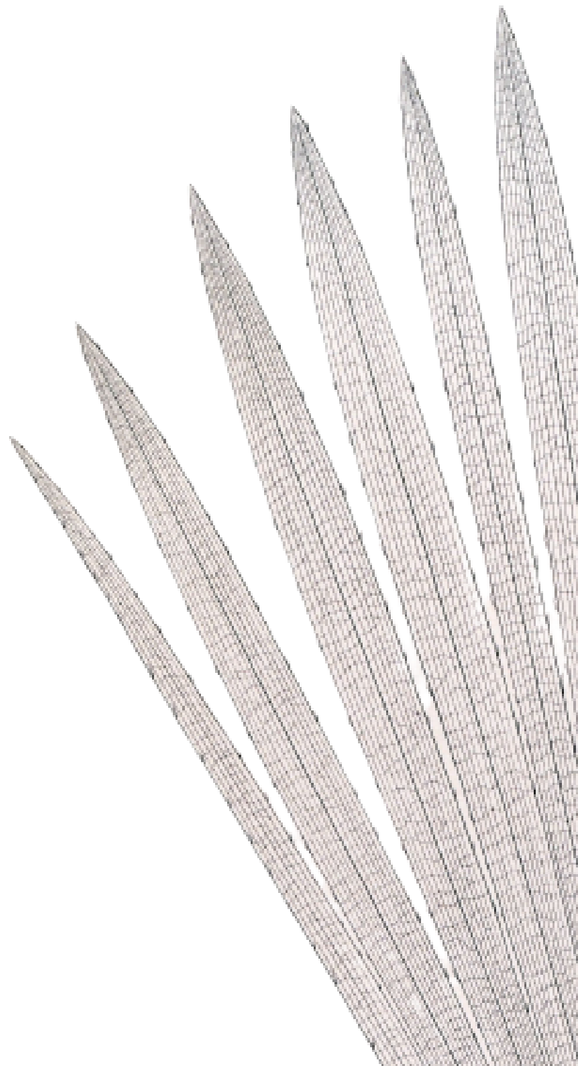
Biojóias diversas da Associação de Mulheres Quilombolas do Rio Genipaúba.

Vestuário

O vestuário confeccionado a partir de miriti é composto por trajes e acessórios que servem para fixá-lo ou complementá-lo. As peças do vestuário possuem um valor antropológico e utilizado como interface entre o meio natural, cultural e o homem, não podendo ser reduzido unicamente à sua funcionalidade (Bell, 1992).

São tidos como elementos práticos e simbólicos que ornamentam o corpo humano e situa-se ao lado da linguagem e da arte transpassando o domínio da cultura material (Volpi, 2018). Em Abaetetuba, estas peças apresentam relação com a natureza e a cultura, como as peças do vestuário e a própria seda que é produzida a partir das fibras de envira de miriti.

Além da praticidade das peças de vestuário a partir do miriti, cabe mencionar, como aspectos fundamentais deste artesanato, a disponibilidade de recursos naturais que possibilitam a sua produção e a preservação do imaginário coletivo e individual que oferecem traços únicos a cada produção, servindo inclusive como elemento de identificação dos seus produtores e passados de geração a geração como padrões a serem obedecidos.



Cropped de miriti

Nº de Registro: MG_ETN_00869

Autoria: Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas do Rio Genipaúba.

Origem: Sede da Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas do Rio Genipaúba, Rio Genipaúba, Abaetetuba.

Descrição: O Cropped de miriti é uma peça de roupa curta, geralmente uma blusa que deixa parte do abdômen a mostra. Esta peça foi confeccionada com papel feito com sobras do braço de miriti reaproveitados dos ateliers. O brilho da peça se dá pelo verniz transparente que confere ao cropped o aspecto de couro. Esta peça de roupa em conjunto com a saia de miriti foi premiada no desfile de moda do Miritifest 2023 pela originalidade do vestuário.



Saia de miriti

Nº de Registro: MG_ETN_00870

Autoria: Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas do Rio Genipaúba.

Origem: Sede da Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas do Rio Genipaúba, Rio Genipaúba, Abaetetuba.

Descrição: A saia é produzida a partir das fibras da envira de miriti, denominadas de seda e completa-se com o uso do cropped. O trançado da saia mantém a cor do miriti em sua grande parte e a barra possui tingimento com açafrão. A divisão da franja possui flores feitas de fibra de miriti e no centro são acopladas sementes de tento.



Secagem da envira do Miriti na Associação de Mulheres Quilombolas do Rio Genipaúba.



Bolsa de envira

Nº de Registro: MG_Etn_00855

Autoria: Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas do Rio Genipaúba.

Origem: Sede da Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas do Rio Genipaúba, Rio Genipaúba, Abaetetuba.

Descrição: A bolsa é utilizada para guardar pequenos acessórios. Esta peça que compõe o vestuário é feita das fibras da envira do miriti em trançados abertos.



Seda de miriti

Nº de Registro: MG_Etn_00894

Autoria: Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas do Rio Genipaúba.

Origem: Sede da Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas do Rio Genipaúba, Rio Genipaúba, Abaetetuba.

Descrição: A seda do miriti é considerada pelas artesãs a parte mais fina da envira. Esta seda é desfiada manualmente para a sua retirada. É utilizada na confecção de biojóias, bolsas e vestimentas.

Utensílios

No estuário amazônico, a palmeira de Miriti fornece matéria-prima para a confecção principalmente de brinquedos e utensílios como as cestarias, ambos de grande relevância cultural e econômica para a população local (Santos; Coelho-Ferreira, 2011).

A produção de utensílios para serem utilizados em diferentes atividades foi determinante para que as comunidades tradicionais de Abaetetuba desenvolvessem técnicas de manufatura de uma diversidade de artefatos, em sua maioria para o uso doméstico e laboral, principalmente para auxiliar nas atividades cotidianas de caça, pesca e alimentação.

As fibras vegetais do miriti ocupam um papel destaque na fabricação destes utensílios. As fibras da envira, por exemplo, são trançadas e utilizadas como cordas na amarração de artefatos, implementos de agricultura, criação de animais, pesca e construção em substituição aos pregos e outros materiais de difícil acesso em comunidades mais longínquas. As fibras do peciolo reaproveitadas dos brinquedos de miriti que são coletadas nos ateliers, passam por um processo que se obtém o papel ecológico em substituição a embalagens plásticas.

Nestas comunidades os conhecimentos acerca da confecção de paneiros, por exemplo, são passados ao longo de gerações, resguardando as características (principalmente a forma dos trançados) dos artesãos que produzem as peças. Além disso, o trabalho de cortar, secar, trançar são atributos indígenas que foram absorvidos pelas comunidades ribeirinhas.

Estas peças desempenham papel fundamental de importância socioeconômico nestas comunidades (Oliveira; Portiguara; Lobato, 2006). São essenciais nas atividades que garantem a subsistência; além disso são comercializados em larga escala para outras localidades do município para o uso em feiras e mercados e também adaptados para a comercialização como forma de artesanato.



Casa de Farinha com cobertura de folhas de Miriti, Quilombo do Genipaúba, Abaetetuba.



Rasa de miriti

Nº de Registro: MG_Etn_00835

Autoria: Mestra Socorro

Origem: Rio Abaeté, Abaetetuba, PA.

Descrição: Este tipo de paneiro é confeccionado com fibras do pecíolo da folha de miriti e sua comercialização gera renda para as famílias ribeirinhas. As rasas de miriti são fundamentais na economia de Abaetetuba, servindo como unidade de medida regional para a comercialização do açaí, correspondendo a duas latas ou cerca de 28kg deste fruto.



Casa ribeirinha no curso do Rio Abaeté, Abaetetuba.

Cesto

Nº de Registro: MG_Etn_00830

Autoria: Mestra Socorro

Origem: Rio Abaeté, Abaetetuba, PA..

Descrição: Este tipo de cesto mede entre 40 cm e 50 cm de comprimento, sendo aproveitado para armazenar camarão e transportar mercadorias, principalmente relacionas ao agroextrativismo. Considerando a classificação Ribeiro (1985), este artefato apresenta um trançado entrelaçado, cruzado, quadriculado, onde as paredes são formadas por uma trama mais fechada e a base apresenta uma grade mais aberta. A combinação destas tramas é característica de algumas cestarias de Abaetetuba, podendo ser observada na rasa e em cestos sem alça.





Cesta com alça

Nº de Registro: MG_Etn_00832

Autoria: Mestra Socorro

Origem: Rio Abaeté, Abaetetuba, PA.

Descrição: As cestas de miriti são aproveitadas para o transporte de pequenos volumes no dia a dia, sendo que a sua procura para uso em kits de presentes tem se destacado entre as demandas de venda em lojas, feiras e mercados públicos. O aproveitamento das fibras de miriti no artesanato local é bastante diverso, o que demonstra a versatilidade das formas de aproveitamento desta planta nas comunidades ribeirinhas.



Ilha Tabatinga, Rio Jarumã, Abaetetuba.



Cesto porta-objetos

Nº de Registro: MG_Etn_00831

Autoria: Mestra Socorro

Origem: Rio Abaeté, Abaetetuba, PA.

Descrição: Artefato medindo entre 20cm a 25 cm, é utilizado para acondicionar objetos menores, frequentemente de uso feminino, como joias, assessórios e outros itens pessoais.



Paneiro de olhinho

Nº de Registro: MG_Etn_00820

Autoria: Mestra Socorro

Origem: Rio Abaeté, Abaetetuba, PA.

Descrição: Este tipo de paneiro, com cerca de 13cm a 15cm de diâmetro, é utilizado como suporte das tradicionais cuias de tacacá, também aproveitadas para tomar açaí e o mingau de miriti. Ele apresenta um trançado cruzado hexagonal reticular, estilo também observado nos cestos-cargueiros dos índios Macuxi e Aparai (Ribeiro, 1985).



Cestarias de Miriti, Abaetetuba.

Corda de miriti

Nº de Registro: MG_Etn_00863

Origem: Quilombo do Genipaúba, Abaetetuba, PA.

Descrição: Feixe de fibras trançadas, obtidas das folhas jovens, 'grelo', as quais são mais flexíveis para a confecção da trança. As cordas de miriti, com cerca de 2cm a 3cm de diâmetro, são utilizadas para amarrações diversas, como atar redes de dormir, atracar canoas e amarrar animais e criações como porcos, cabras, entre outros.



Cordão de miriti

Nº de Registro: MG_Etn_00866

Autoria: Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas do Rio Genipaúba.

Origem: Sede da Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas do Rio Genipaúba, Rio Genipaúba, Abaetetuba.

Descrição: Trançado mais fino de feixes de fibras, obtidas de folhas jovens. Os cordões são utilizados para a confecção de biojoias com sementes regionais e como amarração de embalagens de presente.





Matapis de Miriti, Furo do Boto, Abaetetuba.



Rabo de foguete

Nº de Registro: MG_Etn_00840

Autoria: Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas do Rio Genipaúba.

Origem: Sede da Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas do Rio Genipaúba, Rio Genipaúba, Abaetetuba.

Descrição:Os festejos amazônicos são momentos de confraternização comunitária, marcados por efeitos pirotécnicos. No passado, eram colocadas partes da nervura da folha (situadas entre folíolos) para a ignição dos foguetes e rojões, queimados durante as comemorações religiosas.

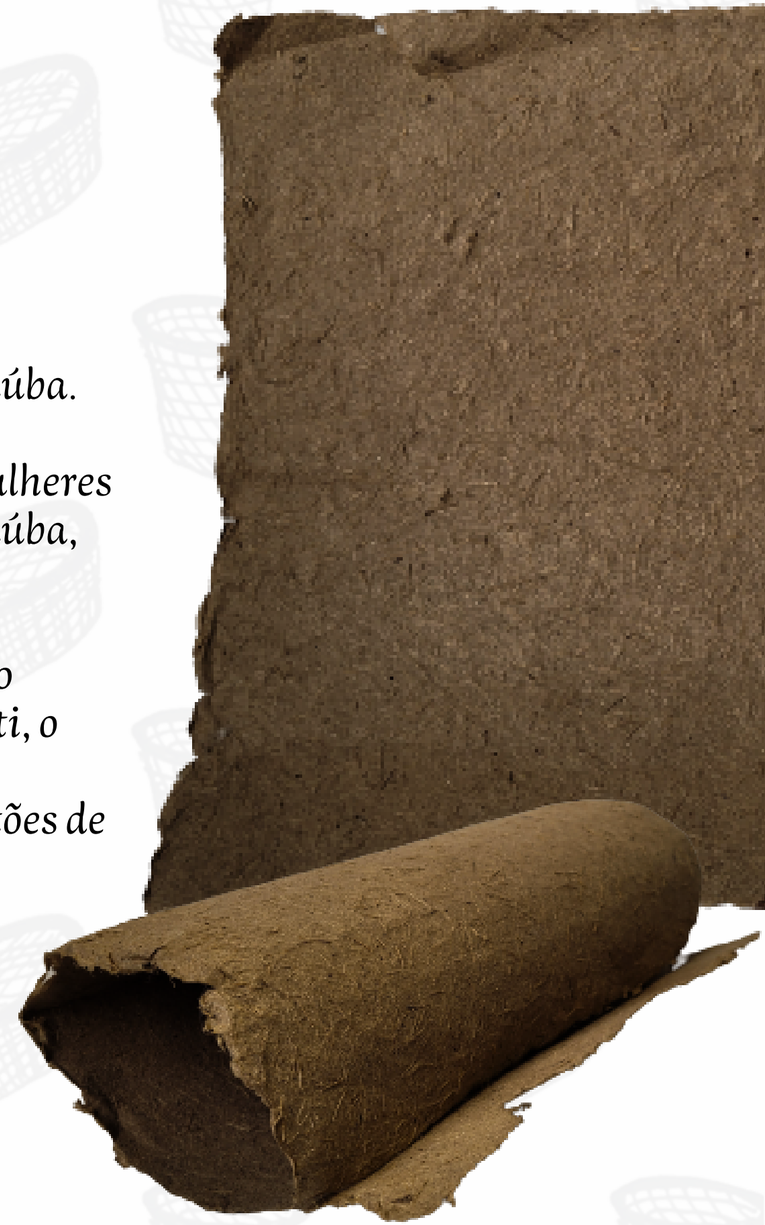
Papel de miriti

Nº de Registro: MG_Etn_00895

Autoria: Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas do Rio Genipaúba.

Origem: Sede da Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas do Rio Genipaúba, Rio Genipaúba, Abaetetuba.

Descrição: Uma inovação recente no aproveitamento das fibras do miriti, o papel produzido artesanalmente é aproveitado para embalagens, cartões de presente, cadernetas, entre outros.





Rio Genipaúba, Abaetetuba.

Religiosidades

Com a bucha do Miriti podem ser feitas as peças devocionais para usos de finalidade religiosa. São crucifixos, oratórios, presépios, imagens de santos, Nossa Senhora e instrumentos ritualísticos de religiões de matrizes africanas, como vultos de Orixás, machadinha de ogum e barcas de Iemanjá (Frugolli; Bueno, 2014). São utilizadas algumas técnicas específicas diferentes das utilizadas para a produção dos brinquedos, como é o caso do crucifixo, que recebe cortes mais detalhados, processo de prensagem, colas mais resistentes, verniz e as ferramentas especiais.

Geralmente, as peças sacras feitas pelos artesãos são para fins devocionais em decorrência do pagamento de alguma promessa feita pelos clientes ao seu santo protetor, ou ainda para serem veneradas nos altares das casas ou nos oratórios ribeirinhos (Costa; Miranda, 2022). Em rituais da umbanda e do candomblé, as esculturas dos Orixás estão presentes trazendo proteção e a presença daqueles que estão representados no Miriti.

Artefatos relacionados à religião católica, principalmente aqueles que representam o Círio de Nazaré são os mais procurados, como oratórios, esculturas de Nossa Senhora de Nazaré, representações da romaria do Círio de Nazaré (procissão), e peças inspiradas em práticas e simbologias culturais atreladas à festa do Círio (Bitar; Khoury, 2021).

Alguns artesãos fazem também trabalhos de artesanato com miriti com simbologia religiosa, dentre os trabalhos estão o arco da padroeira, que é uma estrutura decorada com artefatos de Miriti, confeccionados para a Celebração de Nossa Senhora da Conceição, além de esculturas da virgem de Nazaré para a feira do Círio que ocorre em Belém.



Girandeiro com brinquedos de Miriti no Círio de Nazaré, Belém, PA.

“O miriti é uma palmeira santa”

-Mestre Amadeu

Berlinda

Nº de Registro: MG_Etn_00879

Origem: Furo do Boto, Rio Jarumã, Abaetetuba, PA.

Descrição: A berlinda é um artefato histórico que remonta aos tempos antigos, sendo amplamente utilizado em procissões religiosas como o Círio de Nazaré em Belém do Pará. Trata-se de uma carruagem elaborada e ornamentada, projetada especialmente para transportar imagens sagradas.

A berlinda é geralmente construída em madeira e possui uma estrutura fechada, com janelas laterais que permitem a visualização da imagem religiosa. Sua decoração é minuciosamente trabalhada, com detalhes em dourado, pinturas, esculturas e outros elementos artísticos que realçam ainda mais sua importância simbólica.

Durante as procissões, a berlinda é conduzida por fiéis devotos, que carregam o peso do seu significado religioso e histórico. É um momento de reverência e devoção, no qual a imagem sagrada é levada pelas ruas, acompanhada por cânticos e orações.





Escultura de Nossa Senhora de Nazaré do Atelier do Mestre Miranda , Abaetetuba.



Oratório de Nossa Senhora de Nazaré

Nº de Registro: MG_Etn_00871

Autoria: Mestre Santinho

Origem: Atelier Mitiruã, Bairro de São João, Abaetetuba.

Descrição: Os oratórios são peças de mobiliário tradicionais, geralmente feitas de madeira, que servem como um espaço sagrado para a exibição de imagens religiosas e objetos de devoção. Eles representam um local de recolhimento e veneração para os fiéis. No interior do oratório está uma peça que representa a padroeira do Pará e Rainha da Amazônia. Trazendo a simbologia do Círio de Nazaré, uma das maiores celebrações religiosas da igreja católica no Brasil.



Oratório da família Tracajá, Furo do Boto, Abaetetuba, Pará.

Crucifixo

Nº de Registro: MG_Etn_00875

Autoria: Mestre Dezidério

Origem: Atelier do Mestre Dezidério, Rua Lauro Sodré, Abaetetuba.

Descrição: Os crucifixos são símbolos cristãos significativos, representando a crucificação de Jesus Cristo. Geralmente feitos de madeira, metal ou outros materiais, como o Miriti. Eles são usados como objetos de devoção e lembrança do sacrifício de Jesus pela humanidade. Os crucifixos são amplamente utilizados em igrejas como na Catedral de Abaetetuba, capelas e também como peças de adorno pessoal para os fiéis.





Mestre Miranda montando uma réplica da igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição de Abaetetuba.



Orixá Obaluaê

Nº de Registro: MG_Etn_00874

Autoria: Mestre Raildo

Origem: Núcleo Amigos do Brejo, Rua Lauro Sodré, Abaetetuba, PA.

Descrição: Obaluaê é um Orixá das religiões Afro-brasileiras, geralmente é associado à cura e à saúde. Obaluaê também é conhecido como Omulu e é cultuado principalmente na umbanda e no candomblé. O vulto (como são conhecidas as esculturas nessas religiões) têm sua estrutura principal confeccionada com o braço do miriti, já as palhas e trançados que cobrem e adornam seu corpo são advindas da envira da palmeira.

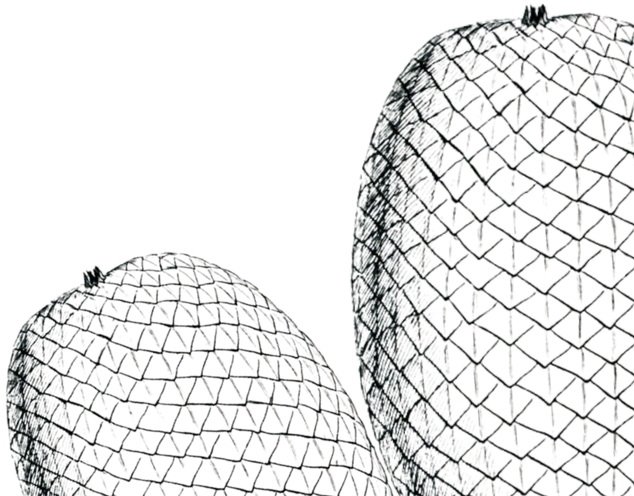


Congá ou altar de religião de Matriz Africana, Abaetetuba.

Alimentação

A alimentação no contexto da palmeira de miriti tem como base os frutos, que são muito apreciados na culinária da região de Abaetetuba, e que se obtêm diversos pratos como mingaus, doces, bolos, vinhos, pães, molhos, entre outros, que são destinados a venda ou para o consumo próprio, podendo também os frutos serem consumidos in natura ou como farinha após a secagem da polpa, que possui um alto teor de vitaminas e valor proteico.

Além dos frutos, é possível extrair das inflorescências de *Mauritia f.* um líquido adocicado, que após a infusão em álcool pode-se obter uma bebida saborosa e tônica, que era bastante consumida pelos indígenas da região. Estes alimentos que carregam consigo heranças ancestrais dos colonizadores e dos habitantes originários da região são registrados na memória daqueles que os preparam ou pelas receitas manuscritas pelas famílias abaetetubenses (Almeida *et al.*, 1998; Martins *et al.*, 2006; Souto, 2009; Barros *et al.*, 2021).





Frutos de Miriti, Abaetetuba, Pará, Brasil.

"A gastronomia do miriti é uma delícia, são gostos diferentes..."

-Mestra Dorinha



Frutos de miriti

Nº de Registro: MG_Etn_00864

Origem: Furo do Boto, Rio Jarumã, Abaetetuba, PA.

Descrição: Os frutos possui uma morfologia emblemática, comumente vistos flutuando nos rios amazônicos. De coloração marrom-avermelhados, são oblongo-globosos e uma das características principais do fruto é o revestimento com escamas sobrepostas. Os frutos medem cerca de 4x5 cm, o mesocarpo (polpa) é carnoso, amarelado a alaranjado possuindo uma semente (Martins, 2012). Na zona urbana e nas ilhas de Abaetetuba os frutos são destinados à venda ou consumo próprio principalmente para a alimentação, mas também no uso artesanal e medicinal.

Jarro para amolecimento dos frutos de miriti

Nº de Registro: MG_Etn_00865

Autoria: Mestra Gilda Brandão

Origem: Rio Tauá, Abaetetuba, PA.

Descrição: Após os frutos serem coletados do pé da palmeira, estes são armazenados em latas ou jarros de barro para o amolecimento da casca e retirada da polpa que é utilizada na alimentação.





Casca do fruto do miriti.

Vinho da polpa de miriti

Nº de Registro: MG_Etn_00896

Origem: Mercado municipal , Abaetetuba, PA.

Descrição: Após o amolecimento da casca do fruto a polpa é retirada e amassada manualmente ou batida com água para o consumo, assim como o açaí. Opta-se pela escolha do vinho com a cor mais laranja-amarelado, com o líquido mais limpo de fibras e pelo tempo de batimento, os mais novos garantem maior qualidade na preparação dos alimentos. Com a polpa é possível fazer pratos típicos de Abaetetuba, destacando-se o mingau de miriti, além de outros pratos doces e salgados.



Frutos imaturos

Nº de Registro: MG_Etn_00888

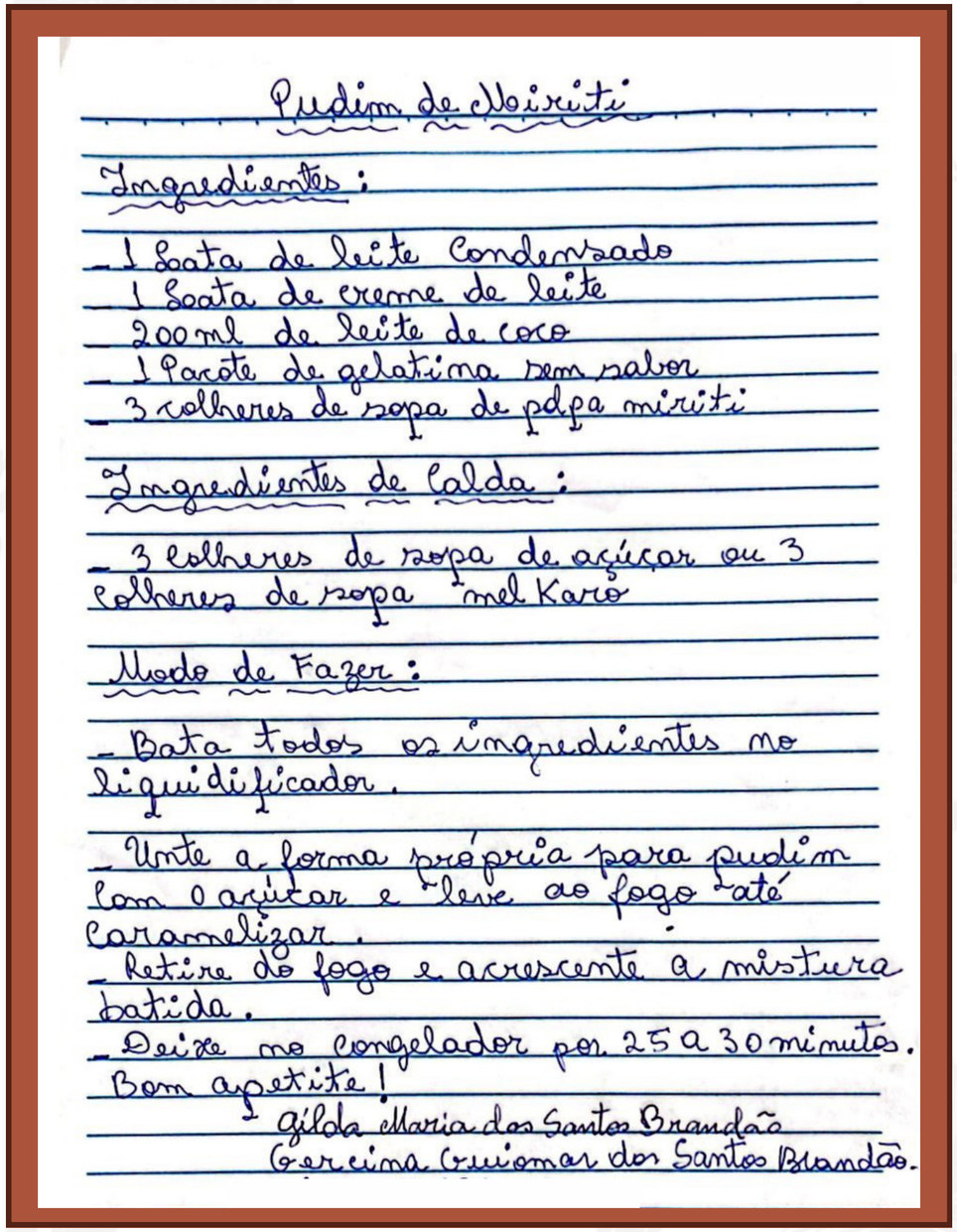
Origem: Furo do Boto, Ilha Tabatinga, Abaetetuba, PA.

Descrição: Os frutos em sua fase inicial de desenvolvimento podem sofrer aborto, um processo natural em que as plantas eliminam os frutos em fase de amadurecimento devido a diversos fatores, como o estresse ambiental ou até mesmo problemas genéticos. No Furo do Boto, quando isto acontece, os frutos imaturos caem na água servindo de alimentação para a ictiofauna.





Polpa de Miriti, Mercado Municipal, Abaetetuba.



Pudim de Miriti

Ingredientes:

- 1 Lata de leite Condensado
- 1 Lata de creme de leite
- 200ml de leite de coco
- 1 Pacote de gelatina sem sabor
- 3 colheres de sopa de polpa miriti

Ingredientes de Calda:

- 3 colheres de sopa de açúcar ou 3 colheres de sopa mel Karo

Modo de Fazer:

- Bata todos os ingredientes no liquidificador.
- Unte a forma própria para pudim com o açúcar e leve ao fogo até caramelizar.
- Retire do fogo e acrescente a mistura batida.
- Deixe no congelador por 25 a 30 minutos.

Bom apetite!

Gilda Maria dos Santos Brandão
Gercina Cruimar dos Santos Brandão.

Manuscrito da receita de pudim de miriti

Nº de Registro: MG_Etn_00897

Autoria: Mestra Gilda Brandão

Origem: Rio Tauá, Abaetetuba, PA.

Descrição:

Esta receita, conjunto de instruções detalhadas que descrevem os ingredientes necessários e as etapas a serem seguidas, é para o preparo do pudim de miriti. Criada pela Mestra Gilda Brandão e sua filha Gercina Brandão é utilizada como guia para ajudar na reprodução deste prato que é uma contribuição para a culinária abaetetubense, visto que este preparo está relacionado ao modo de vida das artesãs que aproveitam o miriti em diversos usos.



Barracão de São Miguel Arcanjo , Furo do Boto, Abaetetuba, Pará.

Receita de Pudim de Miriti

Ingredientes:
1 lata de leite condensado;
1 lata de creme de leite;
200 ml de leite do coco;
1 pacote de gelatina sem sabor;
3 colheres de sopa de polpa de Miriti;

Ingredientes da calda:
3 colheres de sopa de açúcar ou 3 colheres de sopa de mel.

Modo de preparo:

Bata todos os ingredientes no liquidificador;

Unte a forma própria para pudim com o açúcar e leve ao forno até caramelizar;

Retire do fogo e acrescente a mistura batida;

Deixe no congelador de 25 a 30 minutos.



Mestra Gilda e Gercina Brandão



Pudim de miriti.



Frutos de Miriti, Barraca da Carmelita, Mercado do Ver-o-Peso, Belém, Pará.



Flores de Miriti, Ilha Tabatinga, Abaetetuba.

"A flor dá no cacho, coletamos na mata. Quando a flor cai é amarela, pega sol e logo fica preta, colocamos uma lona debaixo da palmeira para a flor cair em cima...."

-Mestra Neide





Flores de miriti

Nº de Registro: MG_Etn_00891

Origem: Furo do Boto, Ilha Tabatinga, Abaetetuba, PA.

Descrição: A inflorescência do Miritizeiro é interfoliar (localizada entre as folhas) e ramificada, podendo alcançar de 2,5 a 3,7 metros de comprimento, as ráquilas são estaminadas e pistiladas, estas sustentam as flores. As flores masculinas (utilizadas na produção de licores) possuem as colorações que variam de amareladas a alaranjadas, além de serem naviculares a fusiformes (Vianna, 2020; Gonçalves; Lorenzi, 2007; Henderson, 1995). A utilização das flores de miriti para a produção de licor é amplamente apreciada devido o sabor que a planta fornece.





Mestra Dorinha coletando Flores de Miriti, Furo do Boto, Abaetetuba.

Licor da flor de miriti

Nº de Registro: MG_Etn_00836

Autoria: Mestra Neide

Origem: Núcleo Amigos do Brejo, Abaetetuba, PA.

Descrição: A mestra especialista e criadora do licor da flor de miriti, Rosineide Peixoto, ou Mestra Neide, é conhecida internacionalmente pelo seu trabalho com a bebida que é considerada afrodisíaca a qual demora um período de dois anos para a preparação. A produção do licor é destinada ao comércio, o que contribui na renda familiar, já que o produto é vendido por meio de encomendas, feiras e também no Círio de Nazaré, em Belém, PA. A coleta das flores para o preparo da bebida, segundo a artesã, se dá entre os meses de agosto e setembro.



"A flor dá no cacho, coleta na mata, quando a flor cai é amarela, pega sol logo fica preta, coloca uma lona debaixo da palmeira para a flor cair em cima. Coloca a flor em infusão por dois anos em garrafa de vidro em um quarto escuro, fica apurando, até ficar cor de mel, a cor do fruto. Prepara a calda, 250ml de açúcar e 200 ml de água leva ao fogo por cerca de 40 a 45 minutos e mistura 200 ml de calda na infusão da garrafa que passaram os dois anos, por último prepara a embalagem."

Mestra Neide



Flores de Miriti, Parque do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, PA.

Receita do Licor de Miriti

Ingredientes:
Flores de Miriti;
Cachaça.

Ingredientes da calda:
250 ml de açúcar;
200 ml de água.

Modo de preparo:

Após a coleta das flores, estas são colocadas em infusão com a cahaça e ficam cerca de dois anos apurando o sabor e a cor em um quarto escuro;

Depois deste processo a infusão das flores passa por um crivo e reserva;

A calda é feita da mistura do açúcar e água em fogo baixo de 40 a 45 minutos;

Por fim, Misturam-se a calda e a infusão.

Mestra Neide



Mestra Neide



Flores de miriti, Furo do Boto, Abaetetuba.

Medicina



O miriti possui propriedades curativas, terapêuticas e profiláticas para o tratamento de doenças dérmicas e sistêmicas. O uso dessa espécie na medicina tradicional das comunidades amazônicas é baseado, principalmente, no óleo oriundo das suas sementes. Seu óleo possui alta concentração de carotenoides e compostos fenólicos. Tais antioxidantes reduzem o estresse oxidativo e possuem alto potencial anti-inflamatório, resultando em efeitos benéficos contra doenças relacionadas ao estresse oxidativo, como problemas cardiovasculares e diabetes (Barboza *et al.*, 2022).

Seu alto poder antioxidante também previne os efeitos dos radicais livres causados pela radiação, por isso seu óleo é fotoprotetor, sendo usado em formulações farmacêuticas de protetor solar (Freire *et al.*, 2016). O óleo também é usado em cosméticos, cremes hidratantes, e géis terapêuticos, para o alivio das dores, cicatrização e queimaduras (Silva; Cavalcante; Silva, 2023). Além do óleo, as ráquilas são usadas na medicina tradicional, como repelente natural.

As propriedades benéficas do miriti a saúde vão além do uso tópico, pois seu consumo enriquece nutricionalmente a dieta humana (Ramalho *et al.*, 2002). Com altos teores de vitamina A, o consumo da polpa de miriti previne, de forma natural, a carência dessa vitamina, comum em países subdesenvolvidos como o Brasil; reduzindo assim as doenças recorrentes da hipovitaminose, como diminuição da imunidade, xeroftalmia e cegueira (Beltrame; Oliveira; Coradin, 2018). Outro uso citado em Abaetetuba, embora pouco convencional, é o chá das raízes do miritizeiro para doença renal.



"Miriti não é só o brinquedo, pode fazer várias coisas com ele..."

-Mestre Dezidério

Rio Abaeté, Abaetetuba.



Cacho de miriti

Nº de Registro: MG_Etn_00841 e MG_Etn_00842

Origem: Furo do Boto, Ilha Tabatinga, Abaetetuba, PA.

Descrição: As ráquilas são estruturas estaminadas e pistiladas que sustentam as inflorescências e frutos do miritizeiro. Estas partes da palmeira possuem usos decorativos na composição de arranjos, no artesanato e utilizados na medicina tradicional como repelentes naturais a partir dos processos de queima ou uso tópico.



Raíz de miriti

Nº de Registro: MG_Etn_00890

Origem: Furo do Boto, Ilha Tabatinga, Abaetetuba, PA.

Descrição: As raízes do miriti podem ser adventícias, ou seja, nascem em qualquer parte do caule e se fixam no solo. Pouco citadas em relação aos usos, possuem registros na medicina para a preparação de chá em combinação com outras espécies de plantas e para tratamentos de doenças nos rins.



Raízes de Miriti, Ilha Tabatinga, Abaetetuba.



Repelente de miriti

Nº de Registro: MG_Etn_00887

Autoria: Mestre Riva

Origem: Núcleo Amigos do Brejo, Rua Lauro Sodré, Abaetetuba.

Descrição: Acredita-se que as ráquilas possuem valor medicinal e são utilizadas como repelentes naturais a partir da infusão em álcool. A infusão pode ficar apurando durante o período de uma noite e esta mistura pode ser passada no corpo com auxílio de creme ou borrifada sobre o corpo com o uso de um borrifador, esta prática de proteção é utilizada para adentrar a mata para a realização de coletas, inclusive de miriti. Este uso advém de ensinamentos dos mais antigos, que observaram que esta mistura afasta os insetos.

Preparo do repelente de Miriti

Ingredientes:

-Pedaços do cacho de Miriti;

-Àlcool 70°;

-Creme Corporal a escolha;

Modo de preparo:

-Lave bem as ráquilas;

-Em um vidro com tampa, coloque os pedaços das ráquilas junto com o álcool;

-Deixe a infusão descansar no período de uma noite ou mais, até o álcool ficar escuro;

-Após isso, passe a mistura em um coador e adicione aos poucos em um creme corporal ou utilize puro com o auxílio de um borrifador.



cachos do fruto do miriti, Furo do Boto, Abaetetuba.

Repelente defumador de miriti

Nº de Registro: MG_Etn_00886

Autoria: Mestre Riva

Origem: Furo do Boto, Ilha Tabatinga, Abaetetuba, PA.

Descrição: A prática de queimar plantas para afastar insetos é antiga e era comum em algumas culturas agrícolas tradicionais. Em Abaetetuba, a queima das ráquilas em forma de fogueira é feita nas ilhas, próximo as casas, afastando insetos e animais peçonhentos. Já na cidade, são queimadas algumas ráquilas em feixes nas laterais das casas ou nos quintais, a queima dessas estruturas afastam principalmente mosquitos.





Miritizeiro, Ilha Tabatinga, Abaetetuba.

Modo de preparo do chá da raiz de Miriti



Ingredientes:

-04 Raízes de Miriti medindo aproximadamente dois palmos;

-Cascas de Jatobá;

-Folhas de Quebra-Pedra;

-Água quente.

Modo de preparo:

-Lave bem as raízes, cascas e folhas;

-Macere ou bata no liquidificador as raízes do Miriti;

-Em água fervendo adicione todos os ingredientes e espere por volta de 15 a 20 minutos;

-Após isso, retire do fogo espere alcançar a temperatura ambiente para colocar na geladeira;

-Pode-se beber ao longo do dia de três a quatro xícaras.

Chá da raíz do Miriti, casca do jatobá e quebra pedra

Nº de Registro: MG_Etn_00867

Autoria: Mestra Neide

Origem: Núcleo Amigos do Brejo, Rua Lauro Sodré, Abaetetuba

Descrição: Esta bebida, feita a partir da infusão da raiz do Miriti, casca de Jatobá (*Hymenae altissima* Ducke) e Quebra-Pedra (*Phyllanthus amarus* Schumach. & Thonn.) é recomendada para o tratamento de doenças ligadas a enfermidades renais. O chá deve ser feito com as raízes da coroa com a coloração vermelha, o preparo é com água, estando pronto após a maceração e fervimento, sem tempo estipulado.



Ponte no Quilombo do Genipaúba, Abaetetuba.

Agricultura

Embora o Miriti não seja uma cultura agrícola no sentido convencional, essa espécie fornece recursos para a subsistência e o desenvolvimento sustentável, como no uso para adubo orgânico, pois suas folhas e os resíduos são ricos em nutrientes (Barboza *et al.*, 2022). Essa espécie também pode ser usada em sistemas de integração lavoura-floresta e para prevenir erosão das margens dos rios, ajudando a proteger as áreas agrícolas e de pastagens.

Além disso, o miriti pode ser usado na pecuária, com seus frutos na alimentação dos animais e seus estipes na construção rural, como cercas e estábulos. Também pode ser usado para atrair caças que se alimentam dos seus frutos (Shanley; Medina. 2005). Em Abaetetuba, os resíduos decompostos do Miritizeiro auxiliam na nutrição de plantas nos cultivos da região ribeirinha.





Adubo de Miriti, Ilha Tabatinga, Abaetetuba.





Adubo de miriti

Nº de Registro: MG_Etn_00892

Origem: Furo do Boto, Rio Jarumã, Abaetetuba, PA.

Descrição: Os miritizeiros, ao caírem no solo e iniciarem o processo de decomposição, fornecem a partir da medula do estipe decomposta um material altamente nutritivo utilizado como adubo natural para os cultivos nos quintais e roçados.



Estipe do Miritizeiro em decomposição. Ilha Tabatinga, Abaetetuba.

Pesca



Na pesca, os utensílios feitos de miriti é uma prática tradicional nas comunidades amazônicas. Os pescadores usam o miriti para confeccionar utensílios práticos, leves e resistentes, que supram suas necessidades da pescaria (Shanley; Medina, 2005). As cestas de miriti são comumente usadas pelos pescadores amazônicos para o transporte de pescados. Além das cestas, outros utensílios feitos de miriti, como bolsas e sacolas são usados para armazenar acessórios de pesca, como anzóis, iscas e linhas.

Peneiras e coadores de miriti, por apresentarem estrutura com espaçamentos entre os trançados, são usados na separação de peixe e crustáceos. Redes, matapis e armadilhas também são confeccionadas para auxiliar na pescaria (Ribeiro *et al.*, 2021). Pequenos pedaços do miriti são adicionados em linhas de pesca, para manter o anzol flutuando e também como isca. O uso do miriti pode ser empregado na fabricação de estruturas de pesca, como balsas. Além disso, a farinha do fruto é utilizada na alimentação de peixes de cativeiro (Costa; Costenaro-Ferreira; Hurtado, 2021). Remetendo a pesca, o uso do Miriti no artesanato é usado nas esculturas de peixes e animais aquáticos (Coradin; Camillo; Vieira., 2022).



Início da pesca de camarão com matapis de Miriti, Furo do Boto, Abaetetuba.



Matapi

Nº de Registro: MG_Etn_00868

Origem: Mercado Municipal, Abaetetuba, PA.

Descrição:Apetrecho para a pesca de camarão [*Macrobrachium amazonicum* (Heller, 1862)], feito com o pecíolo do miriti, amarradas com cipós ou fios sintéticos. A estrutura cilíndrica tem as extremidades afuniladas, para a entrada do camarão, atraído por iscas colocadas no interior da armadilha. Muitas vezes as iscas são as poquecas, pequenos pacotes de folhas de arumã preenchidos com a polpa do fruto de miriti.

Tala de miriti



Nº de Registro: MG_Etn_00853

Origem: Furo do Boto, Rio Jarumã, Abaetetuba, PA.

Descrição: Matéria prima para a confecção de vários artefatos de miriti, como as rasas, cestos, matapis, entre outros. Nas feiras e mercados públicos, a tala in natura é procurada principalmente por artesão dos centros urbanos, que dependem da atividade extrativista para o fornecimento deste e outros materiais orgânicos característicos do artesanato regional.



Cestos de miriti com Mapará, Mercado Municipal de Abaetetuba.

Referências

ALBUQUERQUE, U. P. de; ANDRADE, L. de H. C.; Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. Acta Botanica Brasilica, v. 16, p. 273-285, 2002.

ALMEIDA, S.P.; PROENÇA, C.E.B.; SANO, S.M.; RIBEIRO, J.F. Cerrado: espécies vegetais úteis. Planaltina: Embrapa Cerrados, 1.ed. 464p.,1998.

ARAÚJO, E. F.; PINHEIRO, I. C.; PINHEIRO, M. F.; COSTA, R. R. DA; CRUZ, F. M. R. DA . City and public space: The Miriti festival in Abaetetuba/PA: Cidade e espaço público: O festival do Miriti em Abaetetuba/PA. Concilium, v.23, n.14, p. 147–165, 2023.

BALDAUF, C.; KUBO, R.R; SILVA, F.; IRGANG, B.E. "Ferveu, queimou o ser da erva": conhecimentos de especialistas locais sobre plantas medicinais na região Sul do Brasil. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, v. 11, n. 3, p. 282-291, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-05722009000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 de Maio de 2022.

BARBOZA, N. L.; DOS ANJOS CRUZ, J. M.; CORRÊA, R. F.; LAMARÃO, C. V.; LIMA, A. R.; INADA, N. M.; SANCHES, E. A.; BEZERRA, J. A.; CAMPELO, P. H. Buriti (Mauritia flexuosa L. f.): An Amazonian fruit with potential health benefits. Food Research International, v.159, n.111654, 2022.

BARROS, F. B.; DE SOUSA, F. F.; DE ANDRADE, J.P.; RAMOS, F. M.; VIEIRA-DA-SILVA, C. Etnoecologia da extração de frutos de miriti (Mauritia flexuosa, Lf) na Amazônia brasileira: conhecimentos e práticas de ribeirinhos contribuem para a conservação da biodiversidade. Jornal Etnobiologia Etnomedicina, v.17, n.3, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1186/s13002-020-00430-z. Acesso em: 27 dez. 2022.

BARROS, F. B.; DE SOUSA, F. F.; DE ANDRADE, J.P.; RAMOS, F. M.; VIEIRA-DA SILVA, C. Etnoecologia da extração de frutos de miriti (Mauritia flexuosa, Lf) na Amazônia brasileira: conhecimentos e práticas de ribeirinhos contribuem para a conservação da biodiversidade. Jornal Etnobiologia Etnomedicina, v.17, n.3, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1186/s13002-020-00430-z. Acesso em: 27 dez.2022.

BELL, Q. Mode et société: essai sur la sociologie du vêtement On: Human Finery. Paris: Presses Universitaires de France, 1992. p. 16.

BELTRAME, D.M.; OLIVEIRA, C.N.S., CORADIN, L. Biodiversidade brasileira: novas possibilidades e oportunidades [Brazilian biodiversity: new possibilities and opportunities]. Brasília: Ministério da Educação. In: Ministério da Educação Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (Elaboração.) Melhores receitas da alimentação escolar [Best recipes for school nutrition]. 2.ed. Brasília: FNDE, 2018. p. 15-24. Disponível em: http://centrodeexcelencia.org.br/wp-content/uploads/2018/12/Melhores-receitas-2018-WEB.pdf. Acesso em: 03 out. 2023.

BITAR, H.; KOURY, S. E. C. De Miriti, Eu Estou Aqui: Aspectos Culturais E Econômicos Da Produção De Artigos De Miriti Para O Círio De Nazaré. Revista Direitos Culturais, v.16, n.38, p.71-85, 2021.

CAMARGO, M. T. L. de A. As plantas medicinais e o sagrado: a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil.1a ed., São Paulo: Ícone Editora, 2014.

CONVENTION ON BIOLOGICAL DIVERSITY (CDB). Updated global strategy for plant conservation 2011-2020. Richmond, UK, 2010.

CORADIN, L.; CAMILLO, J.; VIEIRA, I. C. G. (Ed.). Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: Plantas para o futuro: região Norte. Brasília, DF: MMA, 2022. (Série Biodiversidade; 53). 1452p.

CORNISH, C.; NESBITT, M. Historical perspectives on Western ethnobotanical collections. In SALICK, J., KONCHAR, K.; NESBITT, M. Curating biocultural collections: a handbook, cap. 20, p. 271–285, 2014.

COSTA, R. L. da; COSTENARO-FERREIRA, C.; COSTA, D. L.; HURTADO, F. B. Farinha da polpa do fruto da Mauritia flexuosa em dietas para Colossoma macropomum. Revista em Agronegócio e Meio Ambiente, v. 14, n. 2, p. 441- 454, 2021.

COSTA, W.; MIRANDA, C. Belém cidade Mariana:: (re) vestida para ver a berlinda passar. Latitude, Maceió-AL, Brasil, v. 16, n. 1, p. 189–209, 2022. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/13019. Acesso em: 4 out. 2023.

DIEGUES, A. C. S. Conhecimento e manejo tradicionais: ciência e biodiversidade. São Paulo: NUPAUB, 2000.

EGCP. ESTRATÉGIA GLOBAL PARA A CONSERVAÇÃO DE PLANTAS (EGCP). Rio de Janeiro: Rede Brasileira de Jardins Botânicos. Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, BBCI, ISBN 85-98262-04-8.14 p., 2006.

FONSECA, R. S.; VIEIRA, M. F. Coleções botânicas com enfoque em Herbário. Viçosa, MG : Ed. UFV, 2015.

FREIRE, P.J. A.; BARROS, K. B. N. T.; LIMA, L. K. F.; MARTINS, J. M.; ARAÚJO, Y. D. C.; DA SILVA OLIVEIRA, G. L.; AQUINO, J. S.; FERREIRA, P. M. P. Phytochemistry profile, nutritional properties and pharmacological activities of Mauritia flexuosa. Journal of Food Science, v.81, n.11, p.R2611-R2622, 2016

FRUGOLI, R.; BUENO, M. S. O Círio de Nazaré (Pará, Brasil): relações entre o sagrado e o profano. Turismo & Sociedade, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 135-155, 2014.

GONÇALVES, E. G.; LORENZI, H. J. Morfologia vegetal: organografia e dicionário ilustrado de morfologia das plantas vasculares. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2007.

HENDERSON, A. The Palms of the Amazon New York. Oxford University Press, 1995.

LOPES, J. R.; SCHIERHOLT, A. F. P. Produção de Biojoias no Norte do Brasil: análise dos impactos institucionais, ambientais e de mercado em redes de sustentabilidade locais. InterEspaço: Revista De Geografia E Interdisciplinaridade, v.4, n.12, p.155–173, 2018.

MARTINS, R. C. A família Arecaceae no Estado de Goiás: taxonomia e etnobotânica. Tese (Doutorado em Botânica), Universidade de Brasília, Brasília, p. 297, 2012.

MARTINS, R. C.; SANTELLI, P.; FILGUEIRAS, T. S. Buriti. In: VIEIRA, R. F.; AGOSTINI COSTA, T. S.; SILVA, D. B.; FERREIRA, F. R.; SANO, S. M. Frutas nativas da região Centro-Oeste do Brasil. Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 320p., 2006.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. MMA. A Convenção sobre Diversidade Biológica – CDB. Biodiversidade. Ministério do Meio Ambiente, Brasília: DF, 2020. Disponivel em: https://www.gov.br/mma/pt-br/textoconvenoportugus.pdf. Acesso em: 05 out. 2023.

OLIVEIRA, J.; POTIGUARA, R.C.V.; LOBATO, L.C.B. Used vegetable fibers in the Artisanal Fisheries in the Salgado microregion, Pará. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas, v.1, p. 113-127, 2006.

OLIVEIRA-MELO, P. M. C.; FONSECA-KRUEL, V. S.; LUCAS, F. C. A.; COELHO- FERREIRA, M. Coleções etnobotânicas no Brasil frente à estratégia global para a conservação de plantas. Boletim Do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, v.14, n.2, p. 665–676, 2019.

PEIXOTO, A. L.; MAIA, L. C. Manual de Processamento para Herbário. Editora Universitária-UFPE, Recife, 2013

PERREIRA, M. G. S.; COELHO-FERREIRA, M. Uso E Diversidade De Plantas Medicinais em uma Comunidade Quilombola na Amazônia Oriental, Abaetetuba, Pará. BiotaAmazônia, Macapá, v. 7, n. 3, p. 57-68, 2017

RAMALHO, R.A., FLORES, H., SAUNDERS, C. Hipovitaminose A no Brasil: um problema de saúde pública. Rev Panam Salud Publica. 2002; 12(2):117-22.

RIBEIRO, A. L. C.; SANTOS, R. P. D.; CASSIANO, V. A.; LOUVANDINI, H.; TAKABATAKE, T. T.; RUFINO, M. N.; SOUZA, A. S. (2021). Aspectos Da Pesca E Comercialização De Pescados No Município De Abaetetuba (Pa). Engenharia De Pesca: Aspectos Teóricos E Práticos, v.1, n.1, p.15-35, 2021.

RIBEIRO, B. G. A arte do trançado dos índios do Brasil: um estudo taxonômico. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1985.

ROCHA, F. A. G.; ARAÚJO, M. F. F. DE; COSTA, N. D. L.; SILVA, R. P. da. O uso terapêutico da flora na história mundial. Holos, v. 1, p. 49-61, 2015.

RODRIGUES, A.M.C.; DARNET, S; SILVA, L.H.M. Fatty acid profile and tocopherol contents of buriti (Mauritia flexuosa), patawa (Oenocarpus bataua), Tucuma (Astrocaryumvulgare), Mari (Poroqueibaparaensis) and Inaja (Maximiliana maripa) fruits. Journal of the Brazilian Chemical Society., v. 21, p. 2000–2004, 2010.

SANTOS, J.; COVELO, F.; FIDALGO, C.; SALES, F. Coleções biológicas. Revista de Ciência Elementar, v. 9, n. 1, 2021.

SANTOS, R. S.; COELHO-FERREIRA, M. Artefatos de miriti (Mauritia flexuosa L. f.) em Abaetetuba, Pará: da produção à comercialização. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 6, n. 3, p. 559-571, 2011.

SHANLEY, P.; MEDINA, G. Frutíferas e Plantas úteis na Vida Amazônica. Belém: CIFOR, Imazon, 2005. 300 p.

SILVA, N. R. R. N.; CAVALCANTE, R. B. M.; DA SILVA, F. A. Nutritional Properties of Buriti (Mauritia flexuosa) and Helth Benefits. Journal of Food Composition and Analysis, v. 117, 2023.

SILVEIRA, F. L. A. de. Miriti das águas, das Ilhas ... De Abaeté. In: Miriti das Águas. Pesquisa Etnográfica I Estudo da Coleção do Museu do Círio Aquisição de Acervo I Exposição Museológica, 2012.

SOUTO, W. F. S. Desenvolvimento e otimização de marcadores microssatélites (SSRs) em Mauritia flexuosa (L. f.). Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas), Universidade Estadual de Montes Claros, 2009.

VIANA, P. L.; ILKIU-BORGES, A. L.; SOTAO, H. M. P. Herbário João Murça Pires, Pará (MG). Unsianta BioScience, v.4, n.6, p.77–81, 2015.

VIANNA, S.A. Mauritia in Flora e Funga do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB15723>. Acesso em: 05 out. 2023.

VOLPI, M.C. Apogeu e declínio de uma moda burguesa de exportação: flores de pena e ventarolas com aves empalhadas na revista A Estação. Revista do Arquivo Nacional, n. 2, v. 31, p. 67-85, 2018.

ZAHER, H.; YOUNG, P. S. As coleções zoológicas brasileiras: panorama e desafios. Ciência e Cultura, v. 55, n. 3, p. 24-26, 2003.

Os Artesãos



Mestra Gilda

A artesã fundadora do Atelier Miriti Tauá é uma especialista na criação de biojoias feitas a partir de partes do fruto e do estipe do miriti. Ela emprega técnicas de refinamento que conferem uma estética única aos seus produtos. Tanto a Mestra Gilda Brandão quanto sua filha, Gercina Brandão, são fundamentais na elaboração de joias naturais, mas também são conhecidas por suas contribuições para a culinária da região do Baixo Tocantins.



Mestre Beto

José Roberto, descendente de artesões de Abaetetuba, preserva com zelo a herança de sua família, transmitindo seu saber aos filhos. Condecorado em vários benefícios, inclusive com o renomado Prêmio Aldir Blanc, Mestre Beto se destaca por sua habilidade em criar minúsculas réplicas dos brinquedos tradicionais de miriti. Ele tem uma maestria notável em reproduzir os brinquedos em uma escala reduzida.



Mestra Socorro

Venina do Socorro Baia, artesã de Abaetetuba, desenvolveu sua força de trabalho na fabricação de cestarias desde seus 12 anos de idade. Reconhecida como Socorro dos Paneiros ou Mestra Socorro, sua expertise é voltada à produção de cestas, paneiros, rasas, entre outros objetos feitos a partir das fibras do miriti.



Mestre Riva

Rivaildo Moraes Peixoto, conhecido como Mestre Riva, provém de uma linhagem de artesãos de miriti, herdando uma rica tradição da família Peixoto, que possui raízes indígenas na região. Por essa razão, muitas de suas criações exibem influências marcantes da cultura indígena. Além disso, Mestre Riva é o fundador e diretor do Instituto Multicultural Miritis da Amazônia.



Mestre Santinho

Mestre Santinho, cujo nome é Sebastião Ferreira Cardoso, nasceu na ilha de Sirituba em Abaetetuba e se dedica há mais de três décadas ao artesanato de miriti. Apesar de sua predileção por criar barquinhos, o Mestre produz uma variada gama de brinquedos em seu ateliê.



Mestre Diabinho

Raimundo Peixoto, conhecido como Mestre Diabinho, dedica cerca de cinco décadas ao artesanato de miriti. Ele é reconhecido como um especialista na produção de brinquedos articulados, sendo o criador das famosas peças "Jacaré" e "Peixe". Atualmente, ele colabora com seu grupo familiar no Núcleo Amigos do Brejo.



Mestra Deia

Jocileia Costa da Silva, Mestra artesã nascida no Rio Genipaúba em Abaetetuba é especialista na elaboração e confecção de biojóias de plantas amazônicas. Mestre Deia faz parte da Associação de Mulheres Artesãs Quilombolas do Rio Genipaúba, e com este grupo faz a partilha de conhecimentos acerca dos produtos da floresta.



Mestre Amadeu

Amadeu Gonçalves de Sarges, nascido na cidade de Abaetetuba trabalha há mais de 20 anos com o miriti. Seu renomado trabalho está estreitamente ligado ao Círio de Nazaré, visto que assim como muitos artesãos, dedica-se a festa da padroeira do paraenses com a produção de brinquedos de miriti. O Mestre é especialista na confecção de Móbiles de pássaros.



Mestre Miranda

Manoel Raimundo Sozinho Miranda, conhecido popularmente como Mestre Miranda, nascido em Tucumanduba em Abaetetuba, nasceu no meio do trabalho com o miriti, visto que seus pais eram artesãos. Sua Especialidade são embarcações de miriti, concorrendo premiações com suas peças e as expondo em feiras e exposições.



Meriani Miranda

Meriani Matias Miranda, artesã abaetetubense, especialista em gestão ambiental, está inserida em uma família de artesãos e recebe desde criança os conhecimentos de sua avó Antonia, que é habilidosa na arte de cestarias e de seus pais o Mestre Miranda e da artesã Teca, artesãos de brinquedos de miriti.



Mestra Dorinha

Dorielma do Socorro Carvalho Cardoso, Mestra Dorinha ou Santinha, é nascida na Vila Maiauatá, em Igarapé-Miri, no entanto considera-se cidadã abaetetubense. A artesã abraçou a culturado miriti e hoje em dia dedica-se com a produção de brinquedos, além de possuir conhecimento acerca da gastronomia do miriti.



Mestra Neide

Natural de Abaetetuba, Rosineide ou Mestra Neide é famosa por criar licores de plantas não convencionais, entre estes a infusão da flor do Miriti, o qual passou a produzir a partir do ano 2000. A especialista de licor da flor de miriti advém de uma linhagem de artesãos dos quais herdou conhecimentos que hoje repassa aos filhos e netos.



Mestre Dezidério

Dezidério Antonio dos Santos Neto, desde os 07 anos confeccionava barquinhos de miriti para brincar, já adulto, seguiu o ofício de marceneiro. No entanto, posteriormente dedicou-se ao trabalho com o miriti fazendo esculturas sacras, como crucifixos e imagens de santos, é conhecido como Mestre Santeiro.



Mestra Tica

Maria das Graças Silva Farias é especialista na arte de produzir casais de dançarinos. Mestra Tica aprendeu as técnicas de produção de brinquedo de miriti com seu falecido esposo Rivanildo, e continua até hoje externalizando no braço da palmeira de Miriti este conhecimento artístico.



Marinaldo Soares Pereira

Marinaldo Soares Pereira, natural de Muaná-PA, é técnico em saneamento básico. Aprendeu a arte de confeccionar brinquedos sozinhos, mas no IMMA vem se aperfeiçoando e expandindo seu trabalho. Para o artesão o miriti é parte de sua vida por lhe trazer felicidade.



Mestre Bigode

Mestre Bigode, cujo nome é Jesus Nazareno, é um artesão abaetetubense que orgulha-se em levar a cultura do município para o restante do mundo. O Mestre é especialista na elaboração de rodas gigantes de miriti, que se destacam pelas suas cores, formas e tamanhos.



Marinilda

Marinilda Rodrigues Barbosa, nascida na Costa do Maratauira em Abaetetuba é artesã e dedica-se a embelezar através da pintura os brinquedos de miriti que produzidos com seu Marido Mestre Beto e sua familia.



Mestre Leno

Conhecido como Mestre dos Pássaros, Valdeleno Marques Diogo, abaetubense, tem contato com o artesanato de miriti desde os 10 anos de idade. Recebeu os ensinamentos de artesãos como os Mestres Toninho e Adonias e atualmente dedica-se ao artesanato de Miriti com sua especialidade: a confecção de pássaros.



Mestre Raildo

Raildo Moraes Peixoto conhecido como Mestre Raildo, é abaetetubense e tem o artesanato de miriti como seu porto seguro. É criador de diversas peças, dentre estas as biojóias de brinquedos. Raildo também insere o miriti no contexto das religiões de matrizes africanas, confeccionando vultos de Orixás.



Barcos de Miriti

Os Autores

Organizadores



Antonio Pedro Costa Bastos
Biólogo (UEPA), Mestre e Doutorando em Ciências Biológicas - Botânica Tropical (UFRA/MPEG).
Email: antonio1c2b@gmail.com / antoniobastos@museu-goeldi.br



Wendell Vilhena de Carvalho
Engenheiro florestal (UEPA), Mestre e Doutorando em Ciências Biológicas - Botânica tropical (UFRA/MPEG).
Email: wendell_vilhena@hotmail.com / wendellcarvalho@museugoeldi.br



Monyck Jeane dos Santos Lopes
Engenheira Agrônoma (UFRA), Mestre em Ciências Biológicas - Botânica Tropical (UFRA/MPEG) e Doutora em Agronomia (UFRA). Bolsista de Programa de Capacitação Institucional do CNPq - Nível DA no Museu Goeldi.
Email: monyck_lopes@yahoo.com.br / monycklopes@museu-goeldi.br



Ely Simone Cajueiro Gurgel
Engenheira Agrônoma (UFRA), Mestre em Ciências Biológicas (UFAM) e Doutora em Ciências Biológicas - Botânica (INPA). Pesquisadora Titular III, docente do Curso em Botânica tropical pela UFRA/MPEG.
Email: esgurgel@museu-goeldi.br



Aline Costa Bastos
Bióloga e Biotecnologista (UFPA), Mestre em Neurociências e Biologia Celular (UFPA) e Doutoranda em Oncologia e Ciências Médicas (UFPA).
Email: alinecostabastos@gmail.com



Ana Cristina Andrade de Aguiar Dias
Bióloga (UFRJ), Mestre e Doutora em Biologia Vegetal (UNICAMP). Professora Associada I da Universidade Federal do Pará e docente do Curso em Botânica tropical pela UFRA/MPEG.
Email: acaaguiar@yahoo.com.br



Clebiana de Sá Nunes
Bióloga (UEMA), Mestre e Doutora em Ciências Biológicas - Botânica Tropical (UFRA/MPEG).
Email: clebianadesa@gmail.com



Dyana Joy dos Santos Fonseca
Bióloga (IFPA), Mestre e Doutora em Ciências Biológicas - Botânica Tropical (UFRA/MPEG).
Email: dyanajoybio@gmail.com



Géssica Elaine Azevedo Fernandes
Bióloga (IFPA), Mestre e Doutoranda em Ciências Biológicas - Botânica Tropical (UFRA/MPEG).
Email: gessica.eaf@gmail.com



Luiz José Soares Pinto
Biólogo (UERJ), Mestre em Ciências Biológicas - Botânica (UFRJ) e Doutor em Ciências Biológicas - Botânica (UFRJ). Professor docente I do Governo do Estado do Rio de Janeiro.
Email: ljspinto@gmail.com



Márlia Coelho-Ferreira
Farmacêutica/Bioquímica (UFOP), Mestre em Biologie Végétale Tropicale (LISE/CNRS), Doutora em Ciências Biológicas (UFPA) e Pós-Doutora (UNR). Pesquisadora Titular III do MPEG/MCTI e docente dos Cursos de Botânica Tropical pela UFRA/MPEG, Rede Bionorte e em Diversidade Sociocultural (MPEG).
Email: marliacoelho4@gmail.com



Mário Augusto Gonçalves Jardim
Engenheiro florestal (UFRA), Mestre em Ciências Florestais (ESALQ) e Doutor em Ciências Biológicas (UFPA). Pesquisador Titular III do Museu Paraense Emílio Goeldi.
Email: jardim@museu-goeldi.br



Olívia Domingues Ribeiro
Engenheira Agrônoma (UFRA), Mestre e Doutoranda em Ciências Biológicas - Botânica Tropical (UFRA/MPEG).
Email: olivia_dr83@yahoo.com.br



Pedro Glécio Costa Lima
Engenheiro florestal (UFRA), Mestre em Ciências Biológicas - Botânica Tropical (UFRA/MPEG) e Doutor em Ciências Florestais (FOPROP). Bolsista de Programa de Capacitação Institucional do CNPq - Nível DB no Museu Goeldi.
Email: gleciolima@gmail.com



Thiara Luana Mamoré Rodrigues Hirosue
Engenheira Agrônoma (UFRA), Mestre em Ciências Biológicas - Botânica Tropical (UFRA/MPEG) e Doutora em Biodiversidade (UFPA/BIONORTE).
Email: thiaramamore@gmail.com



Washington Soares Ferreira Júnior
Biólogo (UFAL), Mestre em Biologia Vegetal (UFPE), Doutor em Biodiversidade (UFRPE) e Pós-Doutor (UEPB). Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco (UPE).
Email: washington.ferreira@upe.br

Autora Convidada



Francineti Maria Rodrigues Carvalho

Psicóloga (UFPA), Mestra em Psicologia da educação (PUC-SP), doutoranda em Psicologia (UFPA), Servidora pública do Estado do Pará, Poetisa e Prefeita de Abaetetuba-PA.


LabETNO
Laboratório de Etnobotânica e Botânica Econômica


LEET
Laboratório de Estudos
ETNOBIOLÓGICOS


CAPES


UFRA - 1951
NATURA LABORARE
UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DA AMAZÔNIA


PREFEITURA DE
ABAETETUBA
CUIDANDO DE TODOS


Programa de
Pós-Graduação em
Ciências Biológicas
PPGBot


MUSEU GOELDI


MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO


GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO